

As dificuldades para associar-se à China

Do enviado especial

PEQUIM — Em meio a vistas a fábricas antigas e quase obsoletas e encontros com organismos do Estado comunista encarregados de aplicação de capital estrangeiro na China, os brasileiros que visitam o país na missão comercial do Brasilinvest mostram-se, muitas vezes, perplexos com o tipo de dificuldades que ocorrem em seus contatos diários.

Paulo Roberto Santos, da Hansen Industrial, fábrica de Santa Catarina que produz tubos de PVC, conseguiu interessar muito os chineses na formação de uma "joint-venture" para fabricação desse produto no país. Hoje, todos os tubos de água e esgoto usados na China são de ferro fundido — caros, de manutenção difícil e que requerem reposição constante porque enferrujam. Os chineses parecem dispostos a receber a tecnologia mais avançada da produção dos tubos de PVC.

Uma primeira dificuldade: qual é o mercado chinês para tubos de PVC? Não se sabe, pois nunca se fez tal pergunta na China. Também não há dados suficientes para se chegar a uma resposta. Não se sabe, ainda, a quantidade disponível de matéria-prima.

Em função desses contatos, a China International Trust and Investment Co. (Citic), que cuida da formação de "joint-ventures" no país, levantará uma série de informações, que servirão para a apresentação de uma futura proposta concreta de formação de uma empresa em que o governo chinês seja sócio de empresa brasileira. Já se sabe que todos os investimentos externos terão de ser compensados com exportações de igual valor — a cada investimento, corresponde uma exportação —, para que a situação comercial da China fique em permanente equilíbrio.

Mas há outras dificuldades. Cláudio Regina, da Calo, e Romeu Bruno, da Marcopolo, fabricantes de ônibus no Brasil, ficaram impressionados com as linhas de montagem que visitaram na China. Ambos sabiam que encontrariam um sistema muito diferente do usado no Brasil, mas os dois se surpreenderam. "Eles têm a unidade completa de produção. Fazem até o chassi, numa fábrica formada por vários galpões independentes. Mas não há nem idéia de uma linha de montagem", disse Regina. O motor, o conjunto traseiro e a caixa de câmbio vêm de Xanguai e todo o resto é produzido em Pequim. O critério básico é fazer o ônibus sair rodando, sem nenhum luxo, conforto ou segurança. A fábrica visitada emprega 1.500 trabalhadores, que fazem 60 ônibus por mês. No Brasil, os mesmos 1.500 trabalhadores fazem 250 ônibus, com uma qualidade várias vezes superior aos ônibus chineses.

IMPASSE

O impasse encontrado pelos empresários brasileiros, que chegaram a discutir a possibilidade de uma "joint-venture" Calo-Marcopolo-governo chinês, para produção de ônibus: como melhorar uma linha de montagem na China ou criar uma moderna unidade de produção, trazendo, nos dois casos, avanços tecnológicos que levarão a uma redução da mão-de-obra?

A Calo e a Marcopolo concluíram que há um amplo mercado para suas empresas na China, principalmente na área de microônibus e ônibus de turismo, em que o Brasil tem uma das tecnologias mais avançadas do mundo. O maior concorrente dos brasileiros seria a Hino, empresa japonesa que coloca no mercado daquele país um ônibus de qualidade bastante inferior à dos fabricados no Brasil. De qualquer forma, está prati-

camente decidida a colocação de ônibus experimentais brasileiros na China, para que os chineses possam conhecer de perto os produtos brasileiros.

As dificuldades das indústrias de reflorestamento foram diferentes, por causa da grande distância que separa o estágio de desenvolvimento do setor nos dois países. Sérgio Lupatelli, da Manasa Madeireira Nacional S/A, começou a discutir reflorestamento com funcionários da Gera, corporação chinesa para importação e exportação de produtos de silvicultura, que, já no segundo dia de reuniões, alugara uma sala no hotel da delegação, para que os encontros pudessem ser mais frequentes e proveitosos. Isso mostra bem o interesse despertado por esse setor entre os chineses, que chegaram ao ponto de acertar o envio de uma delegação de funcionários da corporação ao Brasil, para estudar reflorestamento e indústria madeireira com a Manasa.

Os chineses precisam de chapas de madeira (madeira compensada) e madeira serrada, principalmente porque há uma grande preocupação no país com o suprimento de produtos florestais para construção de habitações e móveis para equipá-las. Duas áreas de maior interesse foram detectadas: florestas econômicas de rápido rendimento, completamente desconhecidas na China, e produtos de floresta de trópicos úmidos (chapas de madeira compensada).

PROBLEMAS

Nas várias reuniões e contatos com autoridades e gerentes de corporações, ficaram evidentes alguns problemas que deverão ser exaustivamente discutidos, até que surjam resultados concretos nas conversações. Por exemplo, como não há o capital nessa sociedade, não há necessidade de escrituração

contábil nas empresas (há apenas o caixa). Numa associação em "joint-venture", talvez seja necessário um contrato social bastante complexo, para resolver esse problema, montando-se, então, estruturas compartilhadas (até agora, o governo chinês aceitou apenas três pedidos de "joint-ventures" dos 380 que foram apresentados).

Outra pergunta que se faz entre os empresários brasileiros, e que não obteve resposta quando transmitida a alguns dos chineses contactados: quem definirá o preço dos produtos de uma eventual empresa mista formada por capitais chineses e brasileiros? E os salários dos gerentes de uma empresa desse tipo, que deverão ser bem superiores aos dos chineses, não criarão um problema de relacionamento com o pessoal local? Segundo informações obtidas pela missão, o salário de um operário, numa fábrica média, é de 50 yuans (cerca de Cr\$ 1.500,00) e o de gerente chega a 200 yuans (Cr\$ 6 mil, aproximadamente). Numa fábrica brasileira do mesmo porte, a diferença salarial entre o operário e o gerente chega a dez ou doze vezes, com salários de cinco a 50 ou 60 mil, respectivamente.

As dificuldades para associar-se à China

Do enviado especial

PEQUIM — Em meio a visitas a fábricas antigas e quase obsoletas e encontros com organismos do Estado comunista encarregados de aplicação de capital estrangeiro na China, os brasileiros que visitam o país na missão comercial do Brasilinvest mostram-se, muitas vezes, perplexos com o tipo de dificuldades que ocorrem em seus contatos diários.

Paulo Roberto Santos, da Hansen Industrial, fábrica de Santa Catarina que produz tubos de PVC, conseguiu interessar muito os chineses na formação de uma "joint-venture" para fabricação desse produto no país. Hoje, todos os tubos de água e esgoto usados na China são de ferro fundido — caros, de manutenção difícil e que requerem reposição constante porque enferrujam. Os chineses parecem dispostos a receber a tecnologia mais avançada da produção dos tubos de PVC.

Uma primeira dificuldade: qual é o mercado chinês para tubos de PVC? Não se sabe, pois nunca se fez tal pergunta na China. Também não há dados suficientes para se chegar a uma resposta. Não se sabe, ainda, a quantidade disponível de matéria-prima.

Em função desses contatos, a China International Trust and Investment Co. (Citic), que cuida da formação de "joint-ventures" no país, levantará uma série de informações, que servirão para a apresentação de uma futura proposta concreta de formação de uma empresa em que o governo chinês seja sócio de empresa brasileira. Já se sabe que todos os investimentos externos terão de ser compensados com exportações de igual valor — a cada investimento, corresponde uma exportação —, para que a situação comercial da China fique em permanente equilíbrio.

Mas há outras dificuldades. Cláudio Regina, da Calo, e Romeu Bruno, da Marcopolo, fabricantes de ônibus no Brasil, ficaram impressionados com as linhas de montagem que visitaram na China. Ambos sabem que encontrariam um sistema muito diferente do usado no Brasil, mas os dois se surpreenderam. "Eles têm a unidade completa de produção. Fazem

até o chassis, numa fábrica formada por vários galpões independentes. Mas não há nem idéia de uma linha de montagem", disse Regina. O motor, o conjunto traseiro e a caixa de câmbio vêm de Xangai e todo o resto é produzido em Pequim. O critério básico é fazer o ônibus sair rodando, sem nenhum luxo, conforto ou segurança. A fábrica visitada emprega 1.500 trabalhadores, que fazem 60 ônibus por mês. No Brasil, os mesmos 1.500 trabalhadores fazem 250 ônibus, com uma qualidade várias vezes superior aos ônibus chineses.

IMPASSE

O impasse encontrado pelos empresários brasileiros, que chegaram a discutir a possibilidade de uma "joint-venture" Calo-Marcopolo-governo chinês, para produção de ônibus: como melhorar uma linha de montagem na China ou criar uma moderna unidade de produção, trazendo, nos dois casos, avanços tecnológicos que levarão a uma redução da mão-de-obra?

A Calo e a Marcopolo concluíram que há um amplo mercado para suas empresas na China, principalmente na área de microônibus e ônibus de turismo, em que o Brasil tem uma das tecnologias mais avançadas do mundo. O maior concorrente dos brasileiros seria a Hino, empresa japonesa que coloca no mercado daquele país um ônibus de qualidade bastante inferior à dos fabricados no Brasil. De qualquer forma, está praticamente decidida a colocação de ônibus experimentais brasileiros na China, para que os chineses possam conhecer de perto os produtos brasileiros.

As dificuldades das indústrias de reflorestamento foram diferentes, por causa da grande distância que separa o estágio de desenvolvimento do setor nos dois países. Sérgio Lupatelli, da Manasa Madeireira Nacional S/A, começou a discutir reflorestamento com funcionários da Gera, corporação chinesa para importação e exportação de produtos de silvicultura, que, já no segundo dia de reuniões, alugara uma sala no hotel da delegação, para que os encontros pudessem ser mais frequentes e proveitosos. Isso mostra bem o interesse despertado por esse setor entre os chineses,

que chegaram ao ponto de acertar o envio de uma delegação de funcionários da corporação ao Brasil, para estudar reflorestamento e indústria madeireira com a Manasa.

Os chineses precisam de chapas de madeira (madeira compensada) e madeira serrada, principalmente porque há uma grande preocupação no país com o suprimento de produtos florestais para construção de habitações e móveis para equipá-las. Duas áreas de maior interesse foram detectadas: florestas econômicas de rápido rendimento, completamente desconhecidas na China, e produtos de floresta de trópicos úmidos (chapas de madeira compensada).

PROBLEMAS

Nas várias reuniões e contatos com autoridades e gerentes de corporações, ficaram evidentes alguns problemas que deverão ser exaustivamente discutidos, até que surjam resultados concretos nas conversações. Por exemplo, como não há o capital nessa sociedade, não há necessidade de escrituração contábil nas empresas (há apenas o caixa). Numa associação em "joint-venture", talvez seja necessário um contrato social bastante complexo, para resolver esse problema, montando-se, então, estruturas compartimentadas (até agora, o governo chinês aceitou apenas três pedidos de "joint-ventures" dos 360 que foram apresentados).

Outra pergunta que se faz entre os empresários brasileiros, e que não obteve resposta quando transmitida a alguns dos chineses contactados: quem definirá o preço dos produtos de uma eventual empresa mista formada por capitais chineses e brasileiros? E os salários dos gerentes de uma empresa desse tipo, que deverão ser bem superiores aos dos chineses, não criarão um problema de relacionamento com o pessoal local? Segundo informações obtidas pela missão, o salário de um operário, numa fábrica média, é de 50 yuans (cerca de Cr\$ 1.500,00) e o de gerente chega a 200 yuans (Cr\$ 6 mil, aproximadamente). Numa fábrica brasileira do mesmo porte, a diferença salarial entre o operário e o gerente chega a dez ou doze vezes, com salários de cinco a 50 ou 60 mil, respectivamente.

Jornais chineses retratam o espírito e humor do povo

MIGUEL JORGE
Enviado especial

PEQUIM — A mulher com um saco cheio de jornais para numa esquina de Pequim imediatamente, é cercada por dezenas de chineses, ávidos para comprar um tablóide colorido, impresso em offset, lançado há menos de seis meses na região da Grande Pequim, e que, hoje, já tem uma circulação de um milhão de exemplares. Um jornal que, de tanto sucesso, foi forçado, ainda este mês, a passar sua periodicidade de quinzenal para semanal (na verdade, isso quer dizer que ele dobrou sua tiragem várias vezes desde que foi lançado).

"Tenho uma camisa velha e muito grande e quero trocá-la por outra menor. Há vinte anos, Pequim tinha muitas lojas de roupas velhas para troca e eu precisava ir numa delas para conseguir a camisa do meu tamanho. Hoje não há mais dificuldades para se conseguir uma roupa nova. Pequim está cheia de lojas que vendem roupas novas e bonitas."

"Há dois anos Pequim produz camisas de algodão. Começou a exportá-las em 1979 e hoje elas estão sendo vendidas nas lojas da cidade."

Esses dois trechos foram publicados no último número do jornal semanal Mercado que circula estas semanas em Pequim. O primeiro, só texto. O segundo, debaixo de uma foto muito bem impressa mostrando três camisas coloridas, de corte ocidental. Os dois são típicos anúncios de um tablóide de 16 páginas, só de anúncios, um verdadeiro guia de compras editado pelo Diário do Povo, o jornal oficial do Partido Comunista da República Popular da China.

"O que significa isso?" A resposta é de An Gang, um dos editores do Diário do Povo: "A grande revolução proletária acabou". Mais uma vez, o nome da "camarilha dos quatro" aparece numa conversa com chineses que fazem parte do sistema, como já aconteceu dezenas de vezes antes; na conversa com

An Gang, que está acompanhado do editor de assuntos internacionais, Chen Minghe, há uma razão para que a "camarilha dos quatro" seja citada por Chen Minghe com certa mágoa: An Gang, seu chefe, foi perseguido durante boa parte do tempo em que a "camarilha dos quatro" esteve no poder.

Por isso, agora, An Gang pode fazer as reformas que sempre imaginou para seu jornal. Como ele mesmo diz, a "camarilha dos quatro" foi uma tempestade que passou, como passam todas as tempestades". An Gang foi paciente. Ele é um dos principais homens do Diário do Povo há quarenta anos, desde que o jornal existe, e sabe que as pessoas caem em desgraça muito facilmente.

Sua carreira começou muito cedo ainda no jornal Estrela Vermelha, do Exército. Hoje, aos 61 anos, ele fala com orgulho do Diário do Povo, com sua tiragem de seis milhões de exemplares, e do Mercado, com um milhão. E ele não se esquece de mencionar o Sátira e Humor, tablóide semanal de quatro páginas com 250 mil exemplares. (Sátira e Humor deixou de circular durante a Grande Revolução Cultural, pois criticava os burocratas). Os jornalistas que o faziam passaram a ser chamados de "diretistas" e Minghe diz que hoje puderam tirar o chapéu de diretistas, com o fim da "camarilha dos quatro".

Diretista. Essa era a acusação que se fazia também a An Gang. É que queria a "via capitalista" com as reformas que imaginava para seus jornais.

Enquanto An Gang se lembra dessas histórias, hoje ele as acha engraçadas, ouve-se fora da sala o ruído dos móveis arrastados e vozes até altas horas. O Diário do Povo está quase terminando a mudança para o novo prédio, distante vinte quilômetros de sua velha sede de três andares, que ficará completamente vazia no dia 20.

O órgão oficial do Partido Comunista da República Popular da China será impresso em rotativas americanas Goss Metroliner Offset para dar ao lei-

tor a melhor qualidade possível (as máquinas velhas são da Alemanha, ainda de antes da grande libertação do presidente Mao, e foram construídas na década de 40). Hoje, ele circula em todo o país com rapidez, porque usa o sistema de transmissão de fac-símile à distância, o que permite sua impressão simultânea em outras 19 cidades da China, além de Pequim. O Diário do Povo é distribuído pelo correio, que tem o monopólio desse tipo de trabalho na China. An Gang reclamou muito, porque o correio chinês cobra 25% do preço de capa do jornal para fazer a distribuição, o que ele considera um absurdo, pois isso diminui o faturamento de seu jornal.

Na verdade, as mudanças no Diário do Povo não são só de instalações. Com a queda da "camarilha dos quatro", o pensamento do presidente Mao no alto da primeira página foi substituído, há um ano, pela previsão do tempo. E, recentemente, começou a ser publicado fora da China, em Hong-Kong; possivelmente em outubro, será lançada a edição em inglês, além disso, também há muito pouco tempo, o jornal começou a publicar pequenas histórias, bem diferentes dos artigos carregados fortemente de apelos propagandísticos, de exaltação do regime ou as resoluções do Partido (o jornal ainda não publica crimes ou acidentes, a não ser a execução de criminosos, principalmente os que cometeram crimes contra o Estado). E, por incrível que possa parecer, o Diário do Povo já publica até anúncios do mundo capitalista. Lido por trinta milhões de pessoas — um dos índices mais altos do mundo, com cinco leitores por jornal, porque ele circula de mão em mão nas comunas, fábricas, escolas e órgãos do governo — 95% da circulação são assinantes que pagam pouco menos de 100 cruzeiros mensais pela assinatura. Emprega quase duas mil pessoas em Pequim, dos quais 800 trabalham na redação — quem achar que esse número é alto para um jornal de oito páginas precisa saber que os repórteres e redato-

res tem de escrever seus textos a mão, numa média de dois mil caracteres por hora. (Em cada edição, há quase cem mil caracteres). E a modernização operacional deve parar nos sistemas de impressão, na área industrial: o governo pretendia implantar a composição eletrônica, para fazer o jornal mais rapidamente e com mais qualidade, mesmo que isso incluísse despesa de mão-de-obra que seria distribuída para outras funções. Mas desistiu, por causa do alto custo envolvido no projeto.

Hoje, um dos pontos fortes do jornal é a seção de leitores: o jornal recebe duas mil cartas por dia e publica quase duas páginas diárias de reclamações, que vão desde problemas de pequenas cidades, onde burocratas do partido não têm feito seu trabalho corretamente, até reclamações sobre transporte, alimentação, moradia, etc. As cartas dos leitores estiveram afastadas e voltaram em janeiro de 79, segundo An Gang, porque "o jornal tem que saber que o povo quer e precisa atendê-lo pois senão se desliga das massas". E essas cartas, têm muitas críticas ao Comitê Central ou a membros do governo? falam da "camarilha dos quatro"? dizem, por exemplo, que antes era melhor? "Sim", diz Gang, "algumas. Mas elas não são publicadas. Nós usamos essas cartas para estudo interno". Isso não significa que vocês só publicam elogios? "Não. Consideramos elogios e críticas a mesma coisa".

Gang fala com entusiasmo do jornal Mercado, um sucesso editorial, com seu milhão de exemplares semanais. Hoje, Mercado é um dos orgulhos dos jornalistas que o fazem, pois aumenta dia a dia o número de assinantes, que querem saber mais e mais sobre o que há para comprar na China. Uma incoerência? "Não, diz Gang, pois o Partido precisa saber o que o povo quer para atendê-lo. Nossas fábricas, para aumentar sua produção e elevar o nível de vida de nosso povo, precisam mostrar a todos o que eles estão produzindo. Senão, como elas vão vender? Como o povo vai comprar?"

Um anúncio de uma página a quatro cores no tablóide Mercado custa dez mil dólares. Ou 500 mil cruzeiros.

A China já não é nada misteriosa

M. RIBEIRO

Cantão, República Popular da China - Pouco a pouco a realidade de um país envolto, até aqui, por densas nuvens de mistério e fantasia vai se apresentando de maneira clara ao Brasil e aos brasileiros. As mistificações cedem lugar à análise fria e objetiva dos fatos e da vida cotidiana deste imenso universo de um bilhão de pessoas, e já não há como manipular a verdade. Aliás, os próprios chineses parecem propensos a um jogo aberto nas relações com o mundo, relações essas das quais fugiram ou foram impelidos a evitar durante tão longo tempo.

A missão comercial brasileira que se encontra na China está prestando, no mínimo, este grande serviço ao Brasil, ao ajudar a eliminar os lugares - comuns da economia (num mercado de um bilhão de consumidores), da política (num regime feroz e sanguinário) e da diplomacia paranóica (eles jogam com a eventualidade de uma guerra nuclear para diminuir sua população). Para se conhecer a China só vindo aqui, tendo contato direto, vendo e perguntando, confrontando os clichês que, paulatinamente, os homens de negócios brasileiros vão destruindo com seu espírito empreendedor.

Somente fazendo o que os empresários brasileiros liderados por Mário Garnero estão a realizar na China será possível detectar as oportunidades de relações proveitosas e evitar o subjetivismo de posições que nos mantiverem afastados deste autêntico epicentro dos acontecimentos mundiais no futuro.

E bom que fique claro que, economicamente falando, a China não representa Eldorado nenhum para país algum. Significa, sim, um mercado promissor, disposto a comprar mas também a vender - e precisa vender. Importante também é compreender e aceitar a opção do povo chinês pelo seu atual sistema político e econômico, não exagerando a expectativa quanto às mutações que se processarão por força da chamada plataforma das quatro modernizações. Ou seja, aceleração da eficiência nas áreas de ciências e de tecnologia, agricultura e defesa nacional.

Quanto à neurose da guerra nuclear, difundida alhures - talvez a maior parte das versões correntes tenha o dedo soviético - é difícil aceitar a idéia de que o povo chinês haja pensado seriamente em tão absurdo tema.

A grande verdade que se constata a cada dia é que os chineses estão mudando - e precisam mudar. Já não mais seria possível suportar as pressões sociais provocadas pelo malogro do sistema econômico rigidamente praticado até quatro anos atrás, a abertura para o Ocidente, se sofria antes algum tipo de rejeição apriorística, como fruto talvez dos traumas históricos da colonização inglesa, adquire uma velocidade cada vez maior e tende a assumir uma dinâmica própria, de controle improvável no futuro.

Não haverá, seguramente, mudanças radicais na estrutura política e econômica do sistema. A planificação estatal prosseguirá em elevado grau, mas a presença de métodos e normas do Ocidente vai ditar em boa parte o comportamento futuro da sociedade e dos cidadãos chineses. Já se nota sinais dessa influência em cidades como Shangai e Cantão, e mesmo Pequim, apesar da atmosfera pesada da sede burocrática do país, revela indícios, desejos latentes de transformação.

O Brasil está chegando com algum atraso a este gigantesco laboratório humano. Não se trata de um atraso irrecuperável, mas, se considerarmos a psicologia chinesa da amizade, existem clientes preferidos na frente de nós. Os japoneses, por exemplo, que inundam a China com seus produtos, desde automóveis e ônibus, até os tradicionais radinhos de pilha e televisores. O Japão soube superar, com uma política clara e arrojada, os obstáculos acumulados em guerras de dominação e de supremacia na região, arrefecendo o rancor histórico, pelo menos no plano comercial. O aparente fator favorável aos japoneses da proximidade geográfica conta pouco, no caso, pois o Chile, tão distante quanto o Brasil, mantém intercâmbio econômico crescente com Pequim, apesar e a despeito das diferenças de sistema político.

Mário Garnero, que chefia a missão de empresários brasileiros, interpretou com felicidade o sentimento chinês ao discursar durante jantar oferecido à delegação do Brasil pelo presidente de China International Trade (a corporação que cuida do comércio exterior da China a nível privado). Disse Garnero: "Os empresários brasileiros estão aqui em busca de negócios que representem benefícios mútuos e recíprocos, e atendam aos princípios de respeito à soberania e à autodeterminação do povo brasileiro". A saudação do dirigente chinês tivera a mesma tônica, o mesmo tipo de preocupação em relação à China, ainda marcada profundamente pelas atitudes de ingerência estrangeira no passado, sobretudo da Grã - Bretanha.

Essa expectativa de uma amizade realmente sólida e duradoura, fundamentada em ganhos comuns dos dois países, também predominou durante a audiência que o vice - ministro do Comércio Exterior, Chen Chie, concedeu à delegação de empresários brasileiros. No encontro, Garnero salientou a importância do incremento das vendas de petróleo da China ao Brasil e trocou idéias em torno de um maior intercâmbio a nível de bancos oficiais, a começar da troca de autorização para instalação de escritório e depois, agência, do Banco do Brasil e do Banco da China, em bases paritárias. Garnero lembrou a participação do Banco do Brasil na dinamização do intercâmbio com a China, ressaltando a condição do Banco do Brasil de acionista líder do Brasilinvest, instituição que promoveu a vinda da missão brasileira.

Assim são os chineses. Ou melhor dizendo, assim estão os chineses, em busca de parceiros confiáveis, que possam partilhar de seu fascinante processo de recuperação econômica, após 25 anos de sistema centralizado que, se conseguiu manter o país vivo, de pé, suprindo as necessidades básicas do povo, não foi nem é suficientemente eficaz para suprir a demanda suplementar por bens e serviços de que conhecem, ouviram falar ou anseiam por eles de forma inconsciente.

Creemos que o melhor seria falar de efeitos já disseminados na população nestes curtos quatro anos de penetração de idéias, padrões e costumes de sistema de iniciativa privada, conhecido eufemisticamente como capitalismo.

Na China, criatividade é a palavra-chave

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE
Enviado especial do GLOBO

HONG KONG — Criatividade é a palavra-chave para quem quiser negociar com os chineses. Esta a principal lição extraída pelos empresários brasileiros da missão do Brasilinvest à China: Um exemplo dessa criatividade pode ser encontrado na técnica de aproximação adotada pelo consórcio liderado pela Themag e que almeja construir usinas hidrelétricas na China.

A integração da Themag nesta delegação comandada por Mário Garnero não é inaugural. O consórcio esteve na China, em setembro do ano passado, e sua vinda, agora, já foi para apresentar propostas concretas às autoridades chinesas. A Themag começou por trazer, acompanhando seu diretor Henrique Herweg, dois engenheiros brasileiros naturalizados, um nascido na China e o outro nascido em Formosa (ou seja, o que os chineses, atualmente, chamam de "companheiro do ultramar", assim como chamam Formosa de "Província do Ultramar"). Esses dois engenheiros vão ficar morando na China, alguns meses, para acompanhar os trâmites da proposição brasileira.

Todas as conversações do grupo com os chineses giram em torno da construção da maior hidrelétrica do mundo — a de "Três Gargantas", no rio Yang Tse, com o dobro da capacidade de Itaipu, de cuja construção a Themag participou.

FINANCIAMENTO

Sabe a empresa brasileira, que, praticamente, não tem nenhuma chance de construir "Três Gargantas", uma obra orçada, hoje, em US\$ 10 bilhões. E não tem porque nem ela nem os chineses têm esse dinheiro à mão. Ou melhor, os chineses podem ter, mas não para contratar os brasileiros e sim para comprar os serviços de quem os financiar — mais provavelmente os japoneses, com uma proposta mirabolante de dez anos de carência, mais vinte para pagar, a juros de três por cento ao ano.

Acontece, porém, que os chineses, também, relutam para aceitar essas propostas maravilhosas de financiamento, pela razão singela de que, por mais favoráveis que sejam, ao fim de um certo tempo, o empréstimo terá de ser pago. E o único meio de garantir o resgate das divi-

das contraídas é vinculá-las a negócios que assegurem o equilíbrio das transações.

Ao mesmo tempo, o projeto de "Três Gargantas" é complicado o bastante para saber-se que não entrará tão cedo em execução. Começa que ele é assunto de dois ministérios diferentes. Como usina, pertence ao Ministério da Energia, e como represa de contenção de águas, pertence ao Ministério das Águas. A esse segundo Ministério está afeto o problema social da remoção de três milhões de habitantes da área a ser inundada — e, desde logo, a idéia dos chineses é inaugurar a usina sem que a represa esteja cheia. As turbinas iriam entrando em funcionamento na progressão do lento enchimento da represa, que permitisse o êxodo ordenado das populações a serem removidas.

PROJETOS

A Themag resolveu investir de modo original. Durante sete meses, seus projetistas aproveitaram o tempo disponível para elaborar alternativas de execução de "Três Gargantas". Muitas horas de trabalho, muito dispêndio em material e em talento — e ao fim de tudo, cinco ante-

projetos para a usina gigantesca, três dos quais bastante minuciosos quanto ao orçamento de material e custos.

Com essa papelada em baixo do braço, Henrique Herweg e os dois engenheiros, Serge Jih Chem e Lin Suh Nan, compareceram perante os chineses e lhes ofereceram de presente o resultado do trabalho realizado. Os chineses, visivelmente, apreciaram o gesto de dupla confiança: auto-confiança na capacidade técnica, ao permitir o exame irrestrito dos projetos alternativos, e confiança nos critérios dos chineses. E, ainda mais, se declararam satisfeitos com o tom de franqueza e lealdade com que as conversações se realizaram. E claro que, apesar disso, é extremamente improvável unirem-se brasileiros e chineses para construir "Três Gargantas". Mas, o que Henrique Herweg, efetivamente, pretende é ser convocado para buscar, a montante de "Três Gargantas", pontos no Rio favoráveis à construção de represas bem mais modestas e para as quais seja possível articular financiamentos reciprocamente interessantes. Por enquanto, o objetivo fundamental dessa segunda viagem está atendido: demonstrar aos chineses a idoneidade, apenas, do grupo brasileiro. O resto é esperar, e com bastante paciência.

Empresários do Brasil estão agora na China

■ Mais de vinte empresários brasileiros estão buscando novos negócios na China, em missão coordenada pelo Brasilinvest. Um consórcio de cinco empresas (Themag, Tenenge, Brasilinvest, Villares e General Electric) propôs a construção de uma usina hidroelétrica em Trigorges, com financiamento do Brasilinvest; a proposta está sendo estudada pelos chineses. Dois engenheiros brasileiros ficarão na China, para discutir o empreendimento.

Chineses preferem fazer joint-ventures

HONG-KONG — A missão de empresários brasileiros chefiada por **Mário Garnero do Brasilinvest**, encerrou sua visita à China verificando que os chineses estão abertos à toda forma de negócios comerciais em que não entre dinheiro.

Não há humor nem absurdo neste diagnóstico. Pelo contrário, a partir dele será bastante viável articular transações altamente interessantes para o Brasil.

Como o seu grau de capitalização é baixíssimo, não desejam os chineses envolver-se em operações que possam no futuro comprometer de algum modo sua soberania — ou pelo menos seu crédito externo. E, assim, abrem ao mundo esse fantástico (mas talvez ilusório) mercado potencial de um bilhão de consumidores, com a preocupação de que cada negócio feito esteja baseado no equilíbrio do comércio.

NOVA ARRANCADA

A outra verificação importante é que, não tendo disponibilidade financeira, os chineses se preparam para a arrancada do desenvolvimento transformando em capital a mão-de-obra mais barata e abundante do mundo.

Por isso é que o mercado chinês pode ser ilusório, pelo menos durante muito tempo. A fórmula mais atraente de negociar para os chineses, hoje, é a joint venture. Eles esperam que o investidor estrangeiro traga para a China a sua fá-

EVANDRO CARLOS DE A.
Enviado especial do GLOBO

brica, a sua tecnologia, a sua capacidade gerencial, e produza a preços baixíssimos, graças ao custo quase irrelevante da mão-de-obra, já que o trabalhador chinês é hoje provavelmente o mais mal pago do mundo.

Assim, o grande projeto das "Quatro Modernizações" está obviamente vinculado à preservação por muito tempo dos padrões irrisórios de remuneração do trabalho na China.

A ideia, para essas joint ventures, é que o investidor estrangeiro carregue para casa ou para o mercado externo a parte do produto que lhe cabe, em mercados, e faça dela o que bem entender.

Ideia interessante, sem dúvida, se bem que capaz de ouriçar os sindicatos dos trabalhadores de todo o mundo, com a perspectiva de desemprego nos países desenvolvidos que é inerente a ela.

No balanço final da viagem, Mário Garnero esclarece que o escritório de representação das empresas privadas brasileiras em Pequim será mantido pelo rateio das despesas entre 20 empresas de diferentes setores.

Se o projeto hidrelétrico da Themag evoluir e os chineses chegarem a acordo, o consórcio fará concorrência interna no Brasil para o fornecimento dos materiais necessários. O escritório servirá tam-

bém como ponta de lança para organizar as representações das corporações chinesas no Brasil.

A missão do Brasilinvest também propiciou contatos de William King, comerciante de Hong Kong, presidente da KDT do Brasil, para compra direta de produtos farmacêuticos que hoje o Brasil importa dos Estados Unidos em operação triangular, não apenas pagando mais caro os produtos como deixando de aproveitar a importação direta para ajudar a equilibrar a balança comercial entre os dois países.

Quanto às negociações financeiras, Mário Garnero deixou proposta escrita e aguardará resposta das autoridades de Pequim.

Garnero entende que a missão superou a expectativa, inclusive pelo que ensinou aos brasileiros sobre o estilo de negociar dos chineses. Considera típico, a respeito, o caso da Samello, cujo diretor, Osvaldo Fábio de Mello, fechou contrato para comprar à China uma partilha de sapatilhas pretas Mao e para vender-lhe couro preto e marrom e couro (imitação de solado de couro). O volume inicial é pequeno, porque a Samello vai verificar em que país pode colocar com vantagens as sapatilhas chinesas, já que não lhe interessa levá-las para o Brasil. Serão apenas US\$ 370 mil, mas se der certo o negócio pode crescer bastante.

É impossível calcular custos: faltam dados

HONG-KONG (De Evandro Carlos de Andrade) — Os empresários brasileiros na missão à China, em seus contatos mais profundos com os chineses, verificaram, sem exceção, que o tipo de regime político-econômico praticado no país resulta em quase completa carência de dados econômicos e conseqüente impossibilidade de orçar custos de empreendimentos.

Como observou Sérgio Lupatelli, da Madeireira Nacional (Manasa) a China é um almoxarifado:

— Você só muda a peça de uma prateleira para outra, já que ninguém tem interesse em desviar o material.

Em conseqüência, não há como avaliar a repercussão econômica dessa movimentação interna nem sequer escriturada.

Os chineses manifestaram-se, por exemplo, muito interessados em organizar uma indústria de embalagens e cercaram de atenções o diretor da Itap — Indústria Técnica de Artefatos Plásticos, Jacques Seikierski, inclusive levando-o a visitar uma fábrica de laminado em Wuxi, a 200 quilômetros de Xangai.

— A fábrica é a melhor da China — diz Seikierski — mas, como eu esperava, eles estão atrasadíssimos em qualidade, em produtividade. Não têm a mínima noção dos custos e atendem às encomendas sem saber quanto vão custar. Mostravam grande boa vontade mas não conseguiam responder nenhuma pergunta concreta. Se eu fosse comparar a nossa produtividade com a deles, diria que a deles é um declínio da nossa. Ninguém sabia se há ou não disponibilidade de matéria-prima, muito menos o preço. O planejamento aqui não existe. Eles estão construindo uma fábrica nova, fizeram logo dois galpões antes de saberem o que é que vão colocar dentro deles. E iam comprar equipamento totalmente errado, mas eu desaconselhei. Eles têm um grande desejo de fazer joint venture com a minha firma, e o potencial é incalculável, já que não existe embalagem neste país. Mas nós faremos negócios só pela honra de ser pioneiros. Vou citar só um exemplo: eles estão exportando filme por preço inferior ao que pagam pela matéria-prima. Por precisarem de dinheiro exportam com prejuízo. Falta tudo, a começar por coordenação.

Escritório brasileiro já funciona em Pequim

HONGKONG — Os empresários que participaram da missão comercial brasileira organizada pelo Brasilinvest à China decidiram estabelecer um escritório em Pequim para acompanhar a evolução de seus negócios naquele país. A informação foi prestada ontem, em Hong Kong, pelo chefe da delegação, sr. Mário Garnero.

Os dois engenheiros da Themag, Sérgio Jihsu e Lin Suman, que permanecerão na capital chinesa para acompanhar os programas hidrelétricos da empresa, se encarregarão das providências iniciais para a criação do escritório, que, segundo Garnero, deverá ser bastante modesto, "mas capaz de acompanhar os interesses das empresas que pretendam negociar com a China".

Para o chefe da delegação brasileira, os resultados da viagem superaram as expectativas, tanto com relação aos negócios já realizados como quanto às perspectivas de futuras transações. Ele vê nos chineses firme disposição de estabelecer fortes laços com o Brasil. "Agora só depende de nós", afirmou.

Além dos negócios realizados no início da viagem, podem se destacar outros concluídos em Pequim, Changai e Cantão. O empresário Osvaldo Sá Melo informou que a empresa da qual é diretor, a Calçados Samelo, vai exportar para a China couros

e solados couralite (imitação de couro). A Samelo, por sua vez, comprará da China amostras de sapatilhas e tentará lançá-las no mercado norte-americano.

Uma joint-venture para a fabricação de ônibus ou a formação de uma trading são as perspectivas concretas nessa área, segundo os empresários Romeu Bruno, da Marcopolo, e Cláudio Regina, da Caio, não se afastando a hipótese de as duas empresas — concorrentes no Brasil — unirem-se para o atendimento do mercado chinês.

O sr. Jacques Siekierski, da Itap Embalagens, disse que os chineses demonstraram vivo interesse na formação de uma joint-venture com a empresa por ele dirigida, visando a aperfeiçoar seu sistema de embalagem para exportação.

Outra possibilidade concreta surgida foi a compra direta pelo Brasil de produtos farmacêuticos básicos, os mesmos hoje adquiridos por nosso país, via Estados Unidos. As negociações nesse sentido estão sendo conduzidas pelo sr. William King. No próximo dia 27 a delegação estará em Brasília onde, no Itamarati, analisará com o ministro Marcos Azambuja, chefe da comissão mista Brasil-China, os resultados da missão e o suporte que o Itamarati poderá fornecer a novos negócios.

Brasilinvest abrirá escritório na China

Do enviado especial

HONGKONG - Depois de dez dias na China, os empresários da missão comercial brasileira, reunidos no trem Cantão-Hongkong, chegaram a uma conclusão: quem quiser ganhar o desconhecido, mas firmemente promissor mercado chinês terá de se aventurar.

Isso significa, antes de tudo, que é preciso haver uma firme disposição para o empresário brasileiro deslocar-se até a China, fazer-se conhecer, mostrar seus produtos, trabalhar muito e saber que os negócios não serão feitos a curto prazo, antes que uma bem montada estrutura de apoio esteja implantada no País.

Tal implantação, na verdade, já começou: inicialmente, serão os dois engenheiros brasileiro da Themag que passarão o mínimo de três meses na China, para cuidar do andamento das negociações para construção de hidrelétricas e representar, ainda que não oficialmente, a delegação que agora deixa a China. Mas, Mário Garneri, presidente do Brasilinvest, já anunciou aos empresários que o acompanham a abertura do escritório da entidade em Pequim, no máximo em três meses.

No início, não serão mais de vinte firmas, do País todo, escolhidas em função do interesse demonstrado pelos chineses em vários setores. Além de representar essas empresas, o escritório poderá funcionar como uma espécie de "trading", já trabalhando para colocar em terceiros países os produtos que o Brasil recebe da China em suas negociações.

Alguns contratos de representação já foram assinados com grupos brasileiros, nesta viagem. A partir de agora, a KTD do Brasil é a representante exclusiva no País de matéria-prima para as áreas farmacêutica e química, setores onde os chineses são especialmente fortes (grande parte da matéria-prima farmacêutica consumida no Brasil é chinesa, vendida via Estados Unidos).

O mesmo aconteceu com a área de couros, calçados e artefatos de borracha, de grande interesse para os chineses. Nessa área, Oswaldo Mello, da Samello, já iniciou negociações e, ainda este mês, deverão seguir para a China centenas de quilos de couro e sintéticos, primeira parte de uma operação que envolverá a importação, pela Samello, de calçados acabados chineses, a serem colocados em terceiros mercados. O valor inicial desses negócios é de US\$ 370 mil.

MOMENTO CERTO

A opinião unânime entre os empresários que compõem a delegação é a de que este é o momento certo para investir na abertura de mercado da nova política econômica chinesa, que se iniciou, ainda timidamente, em 1978 e que, hoje, caminha rapidamente. A China mudou para atingir as "quatro modernizações", que significam mudanças estruturais nas áreas de ciência e tecnologia, agricultura, indústria e defesa. Em 1978, o país iniciou seu plano decenal (na verdade, de oito anos, pois vai até 1985), hoje em fase de "reajustamento, reestruturação, consolidação e aperfeiçoamento econômico", que terminará em 1981. É exatamente nessa fase que os brasileiros precisam garantir sua presença, porque ficarão posições para a segunda parte do esforço econômico chinês.

Em 1978, o PNB da República Popular da China, no total de US\$ 444 bilhões, correspondeu a 5,6% do PNB mundial, colocando o país em sexto lugar, depois dos Estados Unidos, União Soviética, Japão, Alemanha e França. A China é o maior produtor mundial de grãos e sua agricultura deverá crescer a taxas anuais de 4 a 5%, no período 78/85 (em 77 e 78, a produção industrial manteve taxas de crescimento em torno de 14%).

Técnicos da divisão de estudos e pesquisas de mercado do Departamento de Promoção Comercial do Itamaraty estimam que o mercado chinês de importação cresceu consideravelmente no período 75/78, com taxas médias anuais de 18,7%, atingindo cerca de US\$ 15 bilhões no ano passado. As importações representaram cerca de 1% do total mundial, 3,9% das importações dos países em desenvolvimento e 8,5% dos socialistas.

Em 1978, a China foi o segundo mercado mais importante da Ásia para o Brasil, depois do Japão, e o 11º mercado de destino das exportações brasileiras. Mas, em valores, o Brasil foi o maior fornecedor da China em 1978, com exportações no valor de US\$ 129 milhões, estimando-se que tenham chegado a US\$ 210 milhões em 1979. Até 1977, as exportações eram de produtos primários, passando a industrializados, como óleo de soja, ferro-gusa e barras de aço e ferro, com as importações passando a constituir-se de petróleo e produtos químicos e farmacêuticos.

CHINA:

NOTAS DE VIAGEM

Entre requintes e simplicidade, a nova abertura para o Ocidente

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE,
enviado especial

Evandro Carlos de Andrade, diretor de Jornalismo do GLOBO, passou uma semana na China, até dias atrás, acompanhando a missão de empresários brasileiros chefiada por Mario Garnero, do Brasilinvest. Esteve em Pequim, Xangai e Cantão, e nestas notas conta o que mais lhe chamou a atenção durante a viagem.

1 Cantão —/ No Jumbo estalando de novo da CAAC, a empresa de aviação da China, as aeromoças em seus severos uniformes azul-marinho estalam de orgulho. São gentilíssimas e ao longo do voo vão entregando a refeição tipicamente chinesa —/ soja, peixe, ovo cozido, broto disso e daquilo, plju (que é mais ou menos como se pronuncia cerveja, aliás ótima), mao tai —/ a aguardente de arroz —/ tudo iniciado com um copo para água cheio até a borda de champagne chinês, adocicado mas bastante tragável.

2 Não sei como foi o tratamento para a classe turística. Tudo isso e mais um confortável par de chinelos de lona era oferecido ao pessoal da primeira classe do Jumbo marxista, se é permitido usar tal qualificativo. Mas esta observação só vale como gracejo, porque o con-

forto é destinado exclusivamente aos estrangeiros, o que permite extrapolar para uma interpretação que se confirmou ao longo de toda a nossa visita à China: os chineses não estão minimamente preocupados em nos provar que o sistema deles é melhor que o nosso e o único comentário comparativo que pudemos recolher foi, por várias vezes, a curiosidade e a admiração manifestadas em face do desenvolvimento alcançado pelo Brasil em apenas duas décadas.

3 Poucas luzes, relativamente, nos informam que estamos sobre uma das mais populosas cidades do mundo, com seus oito milhões de habitantes: Pequim. O comandante chinês põe o Jumbo na pista com perfeição e, confesso, um certo alívio para mim. (O segundo voo, dias mais tarde, num Iliuschin, de Pequim para Xangai, já não preocupava, e a perfeição se repetiu).

4 Deserto à noite, o enorme e novo aeroporto de Pequim nos oprime, apesar da extrema gentileza com que a missão comercial brasileira é recebida pelas autoridades chinesas. No aeroporto, ainda, o conselheiro Christovam Araújo, da Embaixada brasileira, que dará cordialíssima assessoria ao grupo durante toda a permanência. E mais o casal Gerardo Mello Mourão, ele com sua camaradagem exuberante, a proclamar-se o único correspondente da América Latina na China. Os correspondentes em Pequim trabalham sem qualquer censura prévia. Na Agência Nova China, ouvimos expressões de mágoa em relação ao trabalho do correspondente cubano, não sei se da Prensa Latina ou do "Granma". Mas o correspon-

dente continua a trabalhar livremente e sua credencial permanece em vigor.

5 Para simplificar, ninguém fala chinês, com exceção dos chineses ou de Dina Kaufman, a médica lourinha brasileira que chegou há um mês para ficar dois anos, sozinha, especializando-se em acupuntura. Mas os correspondentes é claro que não falam e portanto precisam de intérpretes. O governo destaca um intérprete para cada correspondente, que é obrigado a pagar o salário do intérprete: 600 yuans, que correspondem mais ou menos a US\$ 400 (Cr\$ 20 mil).

6 Dos 600 yuans do seu salário, um intérprete retém consigo apenas 60, o que equivale, no câmbio, a Cr\$ 2 mil, mas significa bastante mais, já que lhe permite morar (provavelmente em péssimas condições), vestir-se, comer, medicar-se etc. e talvez até poupar um dinheiro para comprar uma bicicleta ou um relógio, embora escasseiem as duas coisas. No caso das bicicletas, há duas mil pessoas para cada bicicleta produzida. Sessenta yuans é um salário médio, o mínimo é 30 e pouquíssimos ganharão algo mais que cem.

7 Seja como for, o observador do mundo capitalista conclui que o patrão-Estado toma, no caso, 90 por cento de imposto de renda na fonte e sem direito a restituição. "E para o Estado" — diz o intérprete (culto, educado, prestativo, bem humorado, cooperativo, perspicaz, falando admiravelmente a língua estrangeira) e ele o diz com o mesmo fatalismo com que, diante da desgraça, um nordestino diz: "E a vontade de Deus".

8 Não consegui satisfazer uma curiosidade: como se remuneram aqui os talentos individuais? Numa "Loja da Amizade" parei diante de pequena e maravilhosa aquarela (de pintor vivo), perguntei o preço, desisti, fiquei achando que o preço era uma espécie de medalha pregada pelo Estado no peito do pintor: dez mil yuans (trezentos e tantos mil cruzeiros), cem meses de um altíssimo salário na China. Quanto levará desse pintor o "imposto de renda"? Noventa e nove por cento? Ganhará salário? Se ganhar, é obrigado a pintar um certo número de quadros? Ou pode, ao contrário, ganhar sem estar obrigado a trabalhar? Sem respostas, limito-me daqui a oferecer esta pauta de reportagem ao Gerardo.

9 Pequim e Brasília, cidades irmãs. Paira no ar aquela arrogância do funcionário, fruto necessário da relação direta entre a força do poder público e a improdutividade com que ele é exercido em qualquer escalão ou cargo. E aqueles grandes espaços, com sua pretensão à majestade, só que Brasília é verdejante e (Ceilândia etc. à parte) oferece moradias excelentes e lazer abundante. Pequim oscila entre o palácio e a favela, que se misturam no centro mesmo da cidade. Uma família ocupa em média 11 metros quadrados, o comércio é fraquíssimo e a linda arborização da cidade não chega a ocultar a cruel aridez do vale pedregoso em que ela se situa, com frequência coberta por uma espessa nuvem de poeira levantada pelo vento ressecante que chega da estepe siberiana ou do deserto. Mulheres se protegem cobrindo totalmente o rosto com lenços de seda. Pouca gente anda a pé.

10 Os arquiinimigos soviéticos ocupam uma área de quatro hectares com a sua Embaixada no centro de Pequim. Eles mantêm 400 funcionários em função diplomática, todos residindo na própria Embaixada.



11 A qualquer hora do dia, qualquer rua de Pequim está literalmente coalhada de ciclistas em seus dólman azuis ou cinzas, indo e vindo. São, sem parar, e necessariamente, centenas de milhares. Pedalam lentamente, todos na mesma velocidade, como se relutassem para chegar a qualquer dos dois uni-

cos destinos possíveis, o trabalho ou a casa. Seja como for, na cidade burocrática, somos obrigados a concluir que é impossível trabalhar e andar de bicicleta ao mesmo tempo, o que leva à cruel dedução de que tem gente demais que não trabalha (mas vá lá, talvez seja o pessoal do turno da noite, a espiarescer seu ócio digno).

12 São, os chineses, invariavelmente limpos, saudáveis, vestidos com simplicidade, silenciosos, gentis, solícitos e, em geral, ainda acham graça quando vêem um ocidental. Boris Casoy, da "Folha", russo de nome e de aspecto, esse então divertia-se com o passo causado pela sua volumosa figura e literalmente morreu de rir quando, no zoológico de Cantão, percebeu que os chineses davam as costas para a jaula do urso a fim de admirar aquele espécimen tão mais interessante.

13 E são também magros e elegantes, os chineses. Dieta sóbria e muita bicicleta. Com certeza não morrem de infarto.

14 No banquete aos brasileiros, em Cantão, de nove à mesa principal, apenas três são fumantes, todos chineses. No ônibus, perguntei ao nosso bom guia Cheng — alto funcionário do Ministério do Comércio e que durante três anos serviu no Brasil — qual a principal causa de mortalidade na China. "Câncer" — foi a resposta.

15 Amizade é, parece, a palavra mais valiosa do dicionário chinês. Por toda parte cartazes afirmam: temos amigos em todo o mundo. E nos contatos, oficiais ou não, o que domina é o interesse pela amizade. E uma gente orgulhosa da dignidade que recuperou e mantém há 30 anos. E também uma gente discreta e doce, com grande senso de compostura.

16 Serge Jih Chem Hsu, brasileiro, engenheiro, algo mais de 50 anos, nobre e gentil como um mandarim, nasceu na China, perto da Manchúria. A primeira língua que falou foi o russo. Rejeitando o comunismo, foi para o Brasil. Ele vai ficar aqui alguns meses, trabalhando para a firma brasileira que o incluiu na delegação. Já está com saudades do Brasil: "E a minha terra — diz — eu aqui me sinto estranho".

17 Em Hong Kong, vendo no porto aqueles sólidos juncos inventados há mais de dois mil anos, pergunto a Serge Jih Chem Hsu como foi possível que, dispo de um tal recurso, não houvessem os chineses partido em qualquer época para a conquista do mundo, com a pólvora, a bússola, todos os instrumentos que inventaram e tão decisivamente serviram ao poder por toda parte. "E que somos pacíficos" — responde Serge.

18 Em Pequim, aquele fluxo ininterrupto, em todos os rumos, de caminhão ou bicicleta, de milhares e milhares de soldados — sempre desarmados, em seu uniforme verde que se distingue da roupa

comum apenas pela estrela vermelha no quepi e pelo bordado vermelho na gola da gandola — dá a ideia de um povo ultra-militarizado, em preparativos para a guerra. Mas em Xangai (11 milhões de habitantes) e em Cantão (3,5 milhões) soldado na rua é a coisa mais difícil de encontrar.

19 Xangai e Cantão — com regime ou sem regime, cidades perfeitamente habitáveis para um ocidental, não fosse a dramática escassez de moradia. Comércio intenso, povo descontraído, uma alegria ambiente. Um do grupo brasileiro, apreciando a beleza serena e o verde intenso dos bucólicos arredores de Cantão, admitiu, em sua nostalgia capitalista: "Tai, eu bem que topava comprar uma chácara aqui para passar o resto dos meus dias."

20 Em Xangai, as lojas e os teatros estão cheios, vai a meio a tarde de um dia útil. Chove, e a massa de ciclistas cobre suas gandas com uma capa de plástico translúcido, obviamente padronizada e de desenho especial para começar cobrindo o guidom. O capuz se fecha ao redor do rosto e tem sobre o cenho uma pequena pala. Na China, a bicicleta só cai de uso quando neva (em Pequim, o inverno traz o termômetro a 25 graus abaixo de zero e alguns turistas imprudentes perderam nariz ou orelha, congelados, numa simples visita à Muralha da China em novembro ou dezembro).

21 Em Cantão, num dia transparente, há menos gente zanzando na rua ao longo do expediente do que em Pequim (compreende-se: em Pequim o número de burocratas é enorme). Mas no fim do dia o comércio fervilha — é raríssimo encontrar alguém trajando o que conhecemos como túnica mao, a gandola ou dólman que uniformiza o povo chinês. Diga-se que o clima é quente em Cantão, mas não basta para explicar as roupas coloridas e até uma ou outra saia (raríssima, é bom dizer), mas desde que se acrescenta que a saia em geral não favorece a mulher chinesa, cujas pernas não costumam — como dizer? Ombrear-se? Estar à altura? Expressões que ficam esquisitas em seu sentido literal — cujas pernas não se comparam com os lindos rostos das chinesas do Sul).



22 No tempo do Bando dos Quatro, nove anos no poder, o prazo da cadaquice de Mao Tse Tung, as autoridades chinesas cultivavam o mistério em seus contatos com os ocidentais. Nos últimos dez anos, porém, tudo se transformou nesse particular e dificilmente encontraríamos em outra parte uma gente tão solícita na resposta às indagações, sempre disposta a mostrar o que quer que desejemos ver.

23 E mais essa sensação exótica de se poder esquecer o objeto mais valioso em qualquer lugar — na certeza de que ele lhe será devolvido. Esse prazer de largar uma mala no meio do saguão do aeroporto ou na estação do trem e ir tomar uma cerveja sabendo que a mala vai permanecer ali, intacta.

24 Preveniram-nos que não fotografássemos adultos, porque não gostam, mas apenas crianças. Ignorada a recomendação, o grupo brasileiro fotografou quem bem entendeu, e nunca houve uma reclamação ou mesmo um gesto de estranheza.

25 Aliás, em Pequim seria impossível fotografar crianças, porque elas nunca estão à vista. Com certeza estudam o dia todo. Mas em Xangai e Cantão estão por toda parte, maravilhosas.

26 Os nossos universitários não levam a mal, mas sou obrigado a informar que o ensino na China é pago, e é caríssimo para o nível salarial vigente. A manutenção de um único filho na escola pode custar até 20 por cento de um salário médio. E o filho único é o único favorecido pelo Estado chinês. O segundo filho propicia menos benefícios aos pais, e o terceiro, nenhum. Não se pode deixar de deduzir que essa cobrança pesada tem caráter elitista, se bem que compreensível. O governo, provavelmente, quer reprimir dessa forma uma superdemanda de trabalho sofisticado, de natureza intelectual, que o grau de desenvolvimento atual da China não poderia satisfazer. A ideia é, apostado, manter por muito tempo a atual divisão de classes na sociedade sem classes.

27 São dois dinheiros na China. O do turista não cominal, picolé, biscoito, refrigerante — coisas assim). E o dinheiro do cidadão chinês (que é mais uma espécie de cartão de crédito, com o perdão da má palavra) não compra nas exuberantes "Lojas da Amizade", destinadas apenas aos estrangeiros. Até porque, se comprasse, não parava nelas um aparelho de TV.

28 Em Cantão, TV a cores no quarto do hotel. Ótima imagem, mas tudo se arrasta: o enterro de Tito, a peça teatral filmada da última fila da platéia pela câmara fixa, a orquestra do Exército tocando músicas ocidentais com pitoresca licença melódica. Quantos serão os espectadores? Os chineses parecem não apreciar as estatísticas. A uma

pergunta destas, respondeu: muitos. Serão com certeza os camponeses, se for o caso, ao redor dos aparelhos de suas comunas. Porque nas cidades, após o expediente na fábrica ou na repartição, o chinês vai para casa — e nela não há televisão. Ainda não existe na China a propriedade particular de carro ou de aparelho de TV — e pelo jeito não vai existir tão cedo.

29 Com o ingresso da China na aviação internacional, a tendência do roteiro turístico no território chinês tende a inverter-se em relação ao período anterior. Entra-se de trem por Hong Kong, demandando o Norte até Pequim. Hoje, chega-se a Pequim num provável e novíssimo Jumbo da CAAC e caminha-se para o Sul. Vai tudo ficando mais verde, mais viçoso, mais alegre, mais vivo — e relativamente mais livre.

30 No navio turístico que sai do porto de Xangai pelo Guam Pu até o encontro deste com as águas do Yang Tsé — uma juventude excitada, alegre, come sem parar semente de girassol, bebe cerveja, fuma (tabaco, bem entendido) desbragadamente, joga um baralhinho, namora, ri, discute — como em qualquer outro país, só que sem ultrapassar os limites da urbanidade. Mas a sociedade de classes está sempre presente: no andar superior do navio, camarotes confortáveis, enormes, ultra-privativos. A garotada não pode nem subir a esse andar. Pode dizer-se que esses camarotes são para estrangeiros. Talvez fossem japoneses aqueles alguns de olho apertado que lá estavam. Mas que dizer dos grandes restaurantes de Cantão, onde, a partir da entrada, os ambientes vão se requintando progressivamente até chegar ao luxo? Pensa-se que, conforme sua categoria, o cliente é interrompido no setor adequado à sua condição e fica ignorando como a coisa progride a partir dali. Em tese, é claro. Não percebi nenhuma proibição que o confirmasse. E só como se fosse.

31 Não há um chinês que negue que a vida hoje está melhor, com as perspectivas que a abertura política oferece. Por exemplo: poupar dinheiro. Com suas economias, o chinês pode agora realizar alguns dos seus modestos sonhos — a começar pelo maior de todos, que é a casa própria. E a casa comprada pode ser legada aos herdeiros. Do que resulta que o imposto sobre a herança, na China, é igual a zero — pelo menos nesta fase de concessões exploratórias a aspectos marginais do capitalismo.

32 Ninguém pode, no entanto, ser proprietário de duas casas. Logo, o herdeiro de uma, que já seja proprietário, é obrigado a desfazer-se de qualquer das duas. O governo compra — e o dinheiro fica quelmando na mão do herdeiro. Não têm sido poucos — dizem — os que cedem à tentação de praticar uma discreta agiotagem.

33 A missão brasileira era de empresários. Logo, só teria sentido programá-la para os grandes centros de comércio externo, industriais e de decisão política. Assim, nada de organização rural da China nos é mostrado. No entanto, quando afinal deixamos Cantão rumo a Hong Kong, no pontual e confortabilíssimo trem refrigerado, a paisagem lindamente cultivada que nos é oferecida à vista desvenda como um relâmpago o sentido do que se fez na China nos últimos 30 anos. Vamos percorrendo os campos sucessivos de arroz e hortigranjeiros impecavelmente irrigados. Estradas de terra se cruzam, sempre orladas de árvores que as sombreiam, o piso caprichosamente conservado para permitir o uso da bicicleta. Homens e mulheres curvam-se sobre os canteiros, ou pastoreiam o búfalo individual, ou andam simplesmente a pé ou conversam. A impressão que recolhemos é de ordem e tranquilidade. Não se vê um quintal baldio, qualquer porção de terreno que não esteja primorosamente cultivado. As casas são aparentemente limpas, sólidas, espaçosas ao contrário das sórdidas favelas de Pequim ou do centro de Cantão, verdadeiros amontoamentos de gente em cubículos velhíssimos, a sugerir sujeira e promiscuidade, embora o semblante das pessoas na rua ou o seu comportamento em nenhum momento pareça relacionar-se com as péssimas condições de habitações. Penso, simplificando, que ao desprezar (ou pelo menos preterir) as populações urbanas, o regime terá buscado esvaziar de atrativos a troca do campo pela cidade, pois na verdade o homem civilizado muito raramente se dispõe a abrir mão do inferno urbano para alojar-se no nirvana agrícola.

34 A missão de empresários brasileiros liderada por Mário Garnero alcançou, no plano digamos social, êxito absoluto, não apenas pela sua impecável compostura, o que não chega a ser surpreendente, como principalmente pela cordialidade e pelo bom humor invariável de seus integrantes, com a sua justa medida de informalidade. O fato foi que, em Cantão, uma das autoridades chinesas confessou a um membro da delegação brasileira que recebera recomendações de Pequim para se esmerar na recepção aos brasileiros.

Delegação oficial do Brasil obtém amplo sucesso na China

Gerardo Mello Mourão, de Pequim

Um aspecto do desenvolvimento nacional possui um aspecto internacional. O Brasil não pode se desenvolver sem a participação de uma equipe de alto nível. Os brasileiros têm uma vantagem: a preparação que vive correndo a mundo alguns deles especialistas em comércio exterior. Um exemplo é o empresário de origem brasileira, Armando Vilaça de Siderbras, diretor de vendas da Siderbras, em Vale do Rio Doce e o brasileiro Silveira, cujo cargo é "deputy manager for trade" e que costuma ir para a Arábia Saudita com mais facilidade do que à sua terra de Mossoró.

Comprando petróleo, vendendo ferro e minérios, os brasileiros vão a esses países longínquos. Sem falar no homem do Banco do Brasil, Bacellari Sobrinho que foi grande ídolo do trabalho do ministro Azambuja, ou do homem da Caex, Ivan Benites Monteiro, o Benedito. Benedito não tem sequer um título, mas é mais competente, ou do homem da Secretaria de Planejamento, Paulo Nicolli, da religião do Dharma, com o lucro de Almeida Neves, da Agricultura, Wande Lage Magalhães do Ministério dos Transportes cuja pauta de viagens é tão rica quanto a dos chineses, foi lucida e pragmática, salientando-se ainda, de maneira especial, a atuação dos srs. Edison de Freitas Queiroz e Roberto de Carvalho Melo, respectivamente da CAEB e da Eletrobras, da área do Ministério de Minas e Energia. Altas e preços que se dá a qualidade da equipe de pessoal da área do sr. Cesar Cais deixam muito a ser desejada. Tanto a equipe de escolha desse ministro, a começar pelo homem da CAEB, Edison Queiroz. E — last but not least — cabe um destaque especial do trabalho do coordenador de assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, sr. Lauro Barbosa Moreira, que pertence, e não por acaso, aos quadros do Itamarati, não por acaso, o que há de melhor no serviço civil do País.

Mestre dessa orquestra, o ministro Azambuja deu o concerto com resultados que são inquestionáveis. A comissão de homens de negócios que veio aqui em nome do Brasil para fazer negócios com a China, fez um trabalho que vale a pena deixar claro que em nenhum momento os representantes do Itamarati foram muito menos o chefe da delegação, ministro Azambuja, fizeram qualquer referência a presença de um suposto guarda-costas da nação de olho em seu trabalho. Mas é o que as circunstâncias de ministérios e empresas públicas que aqui estiveram, acharam que dispõem de serviços de segurança, não precisa de um guarda para servir e informar o governo brasileiro. O governo brasileiro devia estar maduro para acabar com essa bobagem e o chefe do SNI dar o grande exemplo ao Brasil cortando esse tipo de serviço antipático e de desperdício desnecessário aos cofres da Nação.

A excepcional qualificação dos delegados brasileiros de todas as áreas impressionou profundamente os chineses. Segundo me dizia o chefe da representação deles, depois da partida de nosso pessoal, o mesmo de resto, me disse o ministro Azambuja com relação aos quadros chineses. Sei por outro lado, é difícil e inteligente tratar de negócios do Brasil, ministro Helcio Pires, conseguiu que o Ministério do Comércio Exterior da China, através de seus homens do primeiro "team" para os encontros da comissão mista.

O embaixador Aluizio Napoleão me chamava a atenção no Rio para o fato de que os chineses não se dispõem a qualquer tipo de negociação antes de um protocolo prévio. E como se brevessem antes do jogo de futebol as regras do jogo. O que a comissão mista fez aqui foi exatamente isto: criar as regras para as negociações entre os dois países. Foi preciso que um ministro melo chinês chegasse à Comissão Mista da Chancelaria Brasileira para que isto acontecesse. Porque o ministro Guerreiro tem na verdade um temperamento chinês: lento, silencioso, sempre oportuno como um chinês. Tem até mesmo uma certa estampa de chinês. E foi com o saldeiro chinês que escolheu os homens que mandou à China: o chefe de departamento, ministro Marcos Antonio de Azambuja, certamente uma das melhores figuras do Ministério, uma antítese do lento chinês, por isso mesmo capaz de recuperar o tempo perdido nas relações Brasil-China.

Os representantes dos outros ministérios e das empresas estatais estiveram à altura do pessoal do Itamarati. A gente fica sempre melo patriota no exterior. De modo que a competência dos negociadores brasileiros deu certo orgulho ao correspondente. E mais: revelou-se

com a extrema flexibilidade das leis chinesas no que diz respeito aos investimentos estrangeiros no País. A legislação é bastante simples, e ainda permite uma comissão de investimentos estrangeiros criada para a discussão de projetos não abrangidos pela legislação. Não há restrição para a remessa de lucros para o exterior, como não há limites para a participação majoritária do capital estrangeiro na sociedade e toda a estrutura do negócio pode ser discutida.

Apela missão demonstrada através do intercâmbio comercial Brasil-China no setor elétrico foi este assunto interessante. A comissão mista chegou a discutir a possibilidade de um projeto brasileiro através do ministro Cesar Cais, determinando que a CAEB — Companhia Administradora de Empreendimentos Elétricos Brasileiros — e a Eletrobras, se interessassem na delegação do ministro Azambuja. Cesar Cais enviou uma representação porque o ministro na China foi desastroso em dois, um para obras hidráulicas, outro para energia elétrica. Tanto o sr. Edison Queiroz, como o sr. Carvalho Melo — pela CAEB e pela Eletrobras — trataram com os representantes chineses de maneira muito boa, e o sr. Cais e o sr. Melo, respectivamente. Depois de uma exposição sobre as atividades da CAEB e da Eletrobras, os representantes fizeram entrega de muita documentação referente ao trabalho dessas empresas, inclusive filmes e estudos sobre a construção das hidrelétricas de Itaipu e Tucuruí.

SECTOR DE TRANSPORTES
O sr. Wande Lage Magalhães, que trata dos assuntos internacionais do Ministério dos Transportes, informa que em seus contatos com o dr. Ma Shiduo fez ver que o Brasil está comprando na China 200 milhões de toneladas (petróleo) e vendendo cerca de 120 milhões. Examinaram os dois a evolução das respectivas marinhas mercantes. A China aguiar a construção do convênio sobre transporte marítimo, e Ma Shiduo anunciou o esforço da China para melhorar a estrutura portuária para graneliros, com a ampliação da capacidade do porto de Beidun no norte de Xangai e do porto de Baoshan para receber 100 mil toneladas de minério.

Até hoje, o único porto com essa capacidade é o de Dalian. Além disso, propõe o desenvolvimento e o melhoramento do estuário de Dajing, que escou no ano passado cerca de 110 milhões de toneladas. O porto de Xangai vem se beneficiando de programas de modernização com um terminal de containers, que é o que há de mais avançado no gênero, e cuja meta é para este ano de 1981, 10 milhões de toneladas, passando para 150 milhões em 1990. Para se ter uma ideia, o porto de Santos, o maior do Brasil, movimentou apenas 20 milhões de toneladas por ano em 1980. Isto, usando o sendo ampliado ferrovias para transporte de grãos agrícolas.

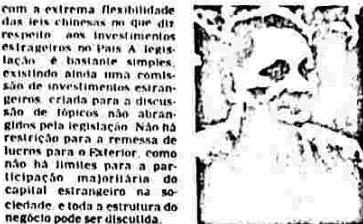
O projeto de aumentar a capacidade da Marinha Mercante chinesa é recente. Acho o engenheiro Wande Magalhães que o Brasil pode ter uma excelente área de manobra comercial com as compras de petróleo, e o sr. Lauro Moreira, diretor geral da corporação de transportes, entende que a melhoria do sistema portuário vai proporcionar uma ampliação do comércio Brasil-China.

PETROLEO
O sr. Renato Magalhães Silveira, "deputy manager" da Petrobras para compras de petróleo, é um apaixonado de sua empresa, seu negócio é comprar petróleo, vende que ele exista, da Venezuela no Kuwait e da Arábia à China. Acha que o comércio é possível que as vendas da China aumentem, e tem certeza de que o negócio aqui não é ruim. Os preços podem não ser rigorosamente ao de Opec, mas estão longe de ser o "spot market" onde, infelizmente, a gente compra petróleo. E um homem que vive no lombo dum avião, atrás de petróleo pelos quintos do mundo. Como Helcio Vilaça e Armando Siderbras, do Vale do Rio Doce, dessa raça de caixeiros-viajantes da Nação exemplares típicos da vocação de mercadores que está surgindo no Brasil.

MINERIO E METAIS
Armando de Oliveira Santos, do Vale, mineiro entendedor com a Companhia de Incorporação chinesa responsável pela importação do minério de ferro Ambas as partes confirmam na continuidade das negociações de minério de ferro para acabar. Ainda, não houve um acordo de preço. Mas o interesse respicou indica que nos próximos dias se chegará a um acordo.

Helio Vilaça, da Siderbras, também acredita estar apenas num compasso de espera para a conclusão de encomendas substanciais de produtos acabados, como folhas de fraldas, chapas de aço, ferro fundido etc.

PLANEJAMENTO
Paulo Nicolli, do Planejamento, ficou surpreendido



Teng Hsiaping

MINISTERIO DA FAZENDA
O sr. Lauro Barbosa Moreira, coordenador de assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, e um dos membros mais atuantes da delegação, acha que está cumprindo aqui uma importante missão. Não veio à China para fazer negócios, mas para contatos a nível de governo, e para pavimentar os caminhos de compras e vendas no futuro. Foi a primeira delegação brasileira que veio a Pequim dentro do acordo comercial com a China, país com o qual os nossos maiores problemas são o transporte e a distância. Tanto em Pequim, como em Xangai e Cantão, os contatos foram proveitosos, sobretudo porque feitos diretamente com o governo. A experiência ensina que a iniciativa privada pode negociar com os países socialistas — pode e deve — mas que

isto só é possível depois de entendimentos de governo a governo. Foi o que fez a comissão mista abrir o canalinho. Precisamos vender mais à China. Até porque com as compras crescentes de petróleo, vamos ficar sempre deficitários. Há um item que pode regularizar a balança: madeira. Lauro B. Moreira propõe o aproveitamento da madeira que pode ser cortada antes da fundação de Tucuruí, cuja barragem está em projeto.

O BANCO DO BRASIL
O sr. Cesar Bacellari, do Banco do Brasil, foi uma presença importante. O sr. Collin presidente do banco colocou-lhe nas mãos em milhões de dólares para uma linha de crédito à China. E o que é mais importante para os chineses usarem como quiserem, e não forçosamente como financiamento de compras brasileiras. É preciso conhecer a psicologia chinesa, para entender o alcance dessa medida, a mais eficiente de quantas foram

tomadas aqui para abrir os caminhos da China. Esse foi um dos melhores apoios da ação de Azambuja em Pequim.

O MINISTRO AZAMBUJA

O ministro Marcos Azambuja realizou na China uma das mais brilhantes operações da diplomacia brasileira nos últimos anos. É certo que contou com o apoio de uma equipe excepcional — desde o pessoal permanente da embaixada do Brasil aqui, notadamente o ministro Helcio Pires, até o menos graduado de seus auxiliares, a diplomata Eliana Sampaio Ferraz, que o secretário com rara competência e ainda deu ao encontro o toque de graça e inteligência da mulher brasileira.

Azambuja confia entusiasmadamente no futuro das relações bilaterais Brasil-China. Não ficou em Pequim. Entendeu a descentralização de comércio exterior da China, e tocou-se para Xangai e Cantão. Ficou impres-

sionado com a mudança da política industrial da China, deixando-se os estímulos do setor da indústria pesada para o setor de indústrias leves, cuja prioridade passou a ser fundamental no planejamento do país. Acha que os negócios brasileiros aqui na área siderúrgica estão promissoramente adiantados e que a assinatura da linha de crédito do Banco do Brasil foi um dos pontos importantes para o resto de sua missão. Lamenta apenas que algumas das possíveis encomendas do mercado chinês não estejam sendo feitas um pouco tarde diante do cronograma de nossos compromissos de exportação. E pode, finalmente, anunciar como um dos êxitos da comissão mista a ida de sete missões das grandes corporações chinesas ao Brasil ainda este ano aglutinando várias áreas de produtos. Depois de tudo isto, resta apenas dizer que com de Azambuja desses, o Brasil abre todas as portas do mundo ao seu comércio.

Aqui estão algumas sugestões especiais para mamães muito corujas.

AVISTA 559,00

Vestido em malha "Cryol". Saia franzidinha em ponto relevo. Blusa com falso cotele, detalhe em croché. Nas cores: Azul com Branco ou Branco com Rosa. Tamanhos 0-1-2.

AVISTA 990,00

Jaqueta em nylon ciré acolchoada, gola e punhos em malha, zíper frontal com coriza. Nas cores: Café, Marinho ou Vermelho. Tamanhos: 8, 10 e 12 anos.

AVISTA 239,00

Pullover em malha acrílica Santist. Decote careca, camelado. Nas cores: Branco, Vermelho, Marinho, Café ou Cinza. Tamanhos: 2 e 12 anos.

AVISTA 399,00

Calça comprida norueguesa em malha acrílica. Nas cores: Vermelho, Marinho, Marrom, Verde Gurrá, Amarelo, Cinza ou Vinho. Tamanhos: 1, 2, 4 e 8 anos.

Centro de Modas **jumbo ELETRO**

Os Jumbo Eletro de São Paulo permanecem abertos das 8 às 23 horas, de 2ª a sábado. Os Jumbo Eletro Magazine, até as 20 horas.

China, um país cada vez mais aberto

Hong-Kong - A teoria de que o sistema da iniciativa privada traz em si o impulso incontornável da liberdade humana parece contagiar cada vez mais os chineses. Deve ficar claro, desde já que a China Comunista não pretende abdicar de seus valores, cultivados com tanta insistência durante os 32 anos da revolução liderada por Mão Tse Tung. Mas é ingênuo, aos olhos dos estrangeiros, a preocupação dos chineses em apresentar os visitantes um país cada vez mais aberto consciente e aplicador de padrões de comportamento muito próximos dos que nos acostumamos no mundo ocidental, e que refletem, em suma, o compromisso humano com a liberdade, em seu sentido lato.

É em situações como essa vivida pela China que as relações econômicas acabam por ditar o caminho político da sociedade. Os chineses se preocupam em esclarecer ao mundo ocidental que, a não ser que o famoso "Bando dos Quatro" ressurgir, a sua opção por uma economia moderna e, na medida em que as condições internas permitirem, por uma sociedade menos sufocante pela ação ideológica, tem o sentido das escolhas definitivas. Os contatos e conversações realizadas pela missão comercial do Brasil, chefiada por Mário Garnero, deixam poucas dúvidas a respeito.

Creemos que se tratam de decisões de profunda importância para a vida brasileira, em seu sentido global. Significa, quando menos, que estamos acompanhando *in loco* a evolução social, política e econômica de um país que representa, hoje, um terço da população mundial. Mesmo admitindo a hipótese (pessimista) de que o comércio que se tenta com o mercado chinês não alcance os resultados esperados, a experiência da iniciativa privada brasileira, mormente esta organizada pelo Brasilinvest, reúne as características de uma tentativa de investigação em profundidade dos rumos da humanidade, encarnada, no caso, pelo exemplo chinês.

Com efeito, espanta que a República Popular da China haja passado 30 anos, digamos assim, isolada do restante do mundo. Se se tratou de uma opção deles, chineses, é aceitável, mas o ocidente não pode, de sua consciência, eximir-se gratuitamente do pecado de haver ignorado aquele universo fabuloso, rico de sabedoria e potencialmente reformulador ou dinamizador das relações econômicas a nível mundial. As diferenças ideológicas em si não explicam nem justificam.

Os chineses vão ditar, no futuro, a moda. Melhor dizendo, os rumos de parte significativa da Ásia, e reúnem o potencial de mercado que está faltando ao sistema capitalista para assumir sua expressão maior. Poderíamos, por acaso, falar de um sistema capitalista, de aceitação universal, se a China estivesse excluída?

Se o pensamento de esquerda sofre algo *Frison* - com tal perspectiva, é aconselhável que os círculos da direita não alimentem ilusões. Não haverá, ao menos no futuro previsível, qualquer mudança substancial que autorize sonhos de um *Laissez-Faire* no estilo antigo. O que a China está a procurar,

no momento, é o desenvolvimento econômico tal como as nações ocidentais concebem, e uma economia tal como alguns países, Estados Unidos e Alemanha Ocidental, por exemplo, praticam em benefício de suas sociedades, servindo como paradigma do restante do mundo.

Talvez levando um pouco longe a interpretação - com os riscos inerentes à análise pessoal -, o que a China teme, na verdade, é a União Soviética. E, para enfrentar os soviéticos, nada melhor que uma sociedade forte, bem estruturada economicamente para a competição externa e, por via das dúvidas, apta a resolver os problemas de aspiração ao consumo que os chineses começam a conhecer, por resultado da abertura liderada pelo vice-primeiro ministro Deng Tsiao-Ping, uma espécie de general Golbery da República Popular da China (a analogia é cabível: tudo o que de bom e de ruim acontece na China é obra desse lendário personagem, tal como se atribuem ao general Golbery as mais impressionantes façanhas da vida brasileira...)

Mário Garnero, o empresário que chefiou a missão brasileira cujo programa oficial terminou aqui em Hong-Kong, tem revelado um permanente otimismo em relação às perspectivas do comércio Brasil-China. Garnero acredita que os chineses são confiáveis ao se revelarem dispostos a um incremento do intercâmbio econômico com o mercado brasileiro, menos por um posicionamento semântico e protocolar, e mais por razões de Estado vinculadas a uma política geral de Pequim.

De fato, uma análise mais ou menos rigorosa da política externa chinesa indica, haja sido feita por Pequim, a escolha de um país que signifique uma cabeça-de-ponte em certas e determinadas regiões, avaliadas, no caso, sob o prisma geográfico e geo-político. Em se tratando da América do Sul, por que escolher a Bolívia? Aliás, melhor falando, por que deixar de escolher o Brasil?

Tudo, doravante, se resume (o que não reduz as dimensões da tarefa) a dar sentido prático à opção formulada na teoria. Para tanto, as relações a nível de governo, se bem que conservem sua importância intrínseca, parecem insuficientes, surgindo daí o interesse chinês em ver o outro lado da moeda. Ou seja, avaliar e sentir a disposição do empresariado privado em dinamizar relações bloqueadas, até aqui, pelo antagonismo ideológico.

Para os que estão ainda amarrados à ortodoxia ideológica, é bom lembrar que os chineses deploram o tempo perdido lamentando a ação dos "Banco dos Quatro" e o seu sectarismo, impedindo o país de enfrentar o incompreensível incremento populacional, mediante decisões econômicas que, se não conseguissem evitar o crescimento demográfico, serviriam para atenuar os sérios efeitos causados por demandas crescentes de serviços básicos, como água, luz, esgotos etc.

Alguns empresários brasileiros que participaram da missão comercial organizada pelo Brasilinvest (aliás, uma missão que recebeu deferências chinesas não dadas a qualquer outro grupo econômico do Brasil, segundo testemunhos), estavam lamentando, ao final da viagem, não terem vindo à China mais cedo. Eles acham que as oportunidades desperdiçadas, automaticamente, por quem chegou primeiro são imensamente maiores que aquelas colocadas, hoje, em leilão. Reconhecem o fato consumado mas, apesar disso, se mostram dispostos a "brigar" por uma posição no mercado chinês.

A China tem, atualmente, um mercado consumidor aparente de um bilhão de pessoas. Reduzindo esse número a um contingente de consumidores realmente ativos, chegaremos a um mercado comprador em potencial de 550 milhões de pessoas, supridas e mínimo essencial à sobrevivência física mas carente ainda dos chamados elementos de prazer e lazer que complementam a vida. Um exemplo: não muito poucas as geladeiras existentes no país. Menos ainda os televisores. Os aparelhos de rádio, na expressão de posse individual, também são em número reduzido. Enfim, mesmo admitindo, como cálculo um nível mínimo do chamado consumismo ocidental, os chineses estão longe ainda de cateizar uma sociedade atendida em necessidades elementares, segundo os padrões do Ocidente.

Ao chegar a Hong-Kong, a missão empresarial brasileira foi homenageada com um almoço pelo presidente do Hong-Kong Shanghai Bank, Michael Sandberg, o mais famoso banqueiro da Ásia - o homem que tem trânsito livre nos círculos econômicos chineses e é um dos três premiados com a escolha de *joint venture* com Pequim (dos 280 projetos apresentados, até aqui, apenas três foram aprovados, um dos quais de Sandberg).

Curiosamente (aliás, inteligentemente), o Banco do Brasil mantém um representante em Hong-Kong, atuando como uma espécie de vigia das tendências desta parte do mundo. Não é muito, certamente, pois o ideal seria partir já para um escritório ou mesmo agência do Banco do Brasil em Shanghai ou Cantão (cidades-chave) no esquema econômico global com a China, mas ajuda alguma coisa. Por falar nisso, a partir de Shan ou Cantão o Banco do Brasil poderia entrar em áreas outras que, mesmo indiferentes, em tese, às mudanças na vida chinesa, estão atentas aos novos rumos de Pequim, depois da liquidação do "banco dos quatro". Em Singapura, por exemplo, o governo incentiva aberta e intensivamente o aprendizado do mandarim, variação regional da língua chinesa oficial.

Falando friamente, poderíamos dizer que o governo de Singapura é realista ou, no mínimo, se prepara "para novos futuros tempos". Conhecer o idioma ajuda bastante, na guerra como na paz...

Intercâmbio comercial Brasil-China

FREDERICO HELLER

Como os demais países comunistas, a República Popular da China não tem nenhum preconceito doutrinário em suas relações econômicas e comerciais. Devido ao imperialismo russo que constantemente ameaça a China, este país se esforça por diversificar, geograficamente, seu intercâmbio comercial. Trata-se de uma grande oportunidade para o Brasil.

Adquirimos da China, anualmente, petróleo no valor de 200 milhões de dólares, conseguindo efetuar as transações a preços muito vantajosos. Por outro lado, o valor de nossas vendas à República Popular da China chega a aproximadamente 120 milhões de dólares, especialmente minério de ferro. Entretanto, há da parte de Pequim, a firme

vontade de aumentar as compras no Brasil, principalmente de folhas de flandres, chapas de ferro, ferro redondo. A médio prazo, espera-se a majoração substancial de nossas vendas de produtos industrializados à China. Mas do ponto de vista do governo da China e, também, nosso seria desejável um crescimento substancial de nossas vendas de produtos agropecuários, para os quais a China constitui o maior mercado do mundo.

Outra grande chance comercial é a venda de serviços. Quanto a isso, basta lembrar nossas grandes experiências em obras hidroe-létricas e o seu funcionamento. Nesse aspecto, a República Popular da China está hoje num estágio em que estávamos há 40 anos. Por isso, Pequim está muito

interessado em assimilar as nossas técnicas.

Dentro de poucas semanas irá a Pequim uma missão comercial brasileira, presidida por Mário Garnero, personalidade intimamente ligada à indústria de automóveis e caminhões. Espera-se, dessa iniciativa, uma elevação dinâmica de nossas vendas de produtos manufaturados. De fato, as relações da Eletrobrás e da Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras com a República Popular da China são bastante boas. Trata-se de mais uma oportunidade no sentido de expandir as relações econômicas e financeiras entre os dois países.

O único problema objetivo que existe é a grande distância geográfica entre os dois países. Mas tanto o governo de Brasília e de Pequim como os banqueiros, industriais e comerciantes do Brasil e da China têm, até agora, feito tudo para diversificar e, com isso, ampliar o intercâmbio comercial. Aliás, são os experientes bancos suíços que insistem nas grandes e crescentes oportunidades que o mercado chinês oferece. E Pequim está especialmente interessado no intercâmbio comercial cada vez maior com o Brasil, por faltarem, neste caso, felizmente, quaisquer implicações ou segundas intenções políticas.

EXPORTAÇÕES

Uma estratégia para a China

por José Casado
de São Paulo

Um grupo de catorze empresas brasileiras, de vários setores, interessadas em operar no mercado chinês, começou a montar toda uma infra-estrutura para facilitar suas negociações com o governo da República Popular da China.

Oito dessas empresas optaram pela constituição de um consórcio que se encarregará da instalação e operação de um escritório comercial brasileiro em Pequim. As outras seis empresas decidiram formar um consórcio à parte com o objetivo de negociar "pacotes fechados" (crédito, bens e serviços) com as empresas estatais chinesas.

As companhias que se uniram em torno do projeto de um escritório comercial em Pequim são: Atlântica-Boavista de Seguros, Companhia Vale do Rio Doce, Empreendimentos Técnicos e Comerciais (Emteco), Exibras Trading, Madeirei-

ra Nacional S. A. (Manasa), Marcopolo Carrocerias e Ônibus, Persico Pizzamiglio e Themag Engenharia. Além dessas empresas, figura também, no consórcio, uma autarquia pública, a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Sufrema), vinculada ao Ministério do Interior — que estaria representando as 89 empresas exportadoras da Zona Franca.

APOIO LOGÍSTICO

A coordenação desses consórcios está sendo feita pelo Brasilinvest S. A., de São Paulo, que recentemente organizou uma missão comercial a Pequim. São Woller, diretor do Brasilinvest, disse ontem a este jornal que, além do escritório de Pequim, as empresas brasileiras contarão, ainda, "com o apoio logístico de uma exportadora norte-americana, a W. J. S. Trading Company, que já tem alguma tradição na comercialização de produtos manufaturados e insumos básicos no mercado chinês".

A decisão de instalar um escritório em Pequim, de acordo com Sérgio Carlos Lupatelli, presidente da Manasa, "é um ponto fundamental para a estratégia de penetração brasileira na China". Lupatelli há três meses esteve na China negociando a transferência de tecnologia florestal para aquele país: "Foi aí que sentia necessidade de um escritório. Sem esta representação, que se encarregaria de levantamentos periódicos do mercado local, qualquer esforço exportador se torna inviável". Na segunda quinzena do próximo mês, virá ao Brasil, a convite da Manasa, uma missão comercial da Corporação Chinesa de Exportação e Importação de Produtos Silviculturais.

O outro consórcio, que está sendo constituído para negociar "pacotes" na área de projetos hidrelétricos chineses, tem como sócios o Brasilinvest, Themag Engenharia, Técnica Nacional de Engenharia (Tenenge), Sade Sulamericana de Engenharia, Construções Eletromecânicas (Coemsa) e o grupo Villares.

Levantamentos já realizados pelas empresas e pelo governo brasileiro demonstram que as principais áreas de interesse do País no comércio com a China estão, pela ordem de prioridade, na importação de carvão, petróleo e insumos farmacêuticos. A China, conforme as pesquisas de mercado, demonstra grande interesse na importação de projetos e equipamentos para instalações de infra-estrutura (geração de energia, portos e ferrovias), tecnologia de saneamento básico, tecnologia de nutrição, produtos siderúrgicos, minério de ferro, madeira, algodão, açúcar e infra-estrutura para o turismo.

Brasilinvest se instala na China

O Brasilinvest abrirá, em 1.º de setembro, um escritório de representação em Pequim, China, para cuidar dos interesses comerciais de suas empresas associadas e tentar aumentar o intercâmbio comercial entre os dois países. A decisão foi tomada após a recente viagem de uma missão comercial brasileira à China, promovida pelo Brasilinvest, e que detectou "um campo imenso para negócios, com oportunidades muito positivas a médio prazo", segundo Mauro Ribeiro, porta-voz do banco de negócios.

Inicialmente, o escritório cuidará do interesse de 13 empresas associadas ao Brasilinvest, que espera elevar esse número para 20, "o que seria o ideal", de acordo com Ribeiro. O escritório terá comunicação direta com essas companhias e prestará os seguintes serviços para elas: pesquisa de mercado referente aos interesses de cada uma; fornecimento de informações técnicas e promoção dos produtos solicitados pelas empresas; assistência necessária às empresas que visitarem a China e organizar visitas de missões chinesas a essas firmas, quando houver interesse mútuo. Para desfrutar desses serviços, cada empresa pagará ao Brasilinvest mil dólares mensais, por um contrato de um ano, prorrogável.

O Brasilinvest usará o "know-how" da WJS International Inc., uma "trading company" com sede em Washington e vasta experiência do mercado chinês, e está no momento contratando o executivo brasileiro que será responsável pelo escritório de Pequim.

Brasilinvest: escritório em Pequim

O Brasilinvest decidiu contratar a firma WJS International Ind., sediada em Washington, para ser a responsável pelo escritório que o grupo abrirá em Pequim, com o objetivo de ampliar os negócios entre o Brasil e a China.

Segundo o Brasilinvest, o escritório do grupo prestará os seguintes serviços: comunicação direta com as empresas associadas; pesquisa de mercado referente aos interesses de cada uma das empresas; fornecimento de informações técnicas e promoção dos produtos solicitados; receber as empresas associadas, quando

em visita à China, dando-lhes a assistência necessária; e coordenação para que as missões chinesas que venham ao Brasil, se interessadas na atividade pertinente de cada uma das empresas associadas, visitem-nas.

Em setembro virá o vice-presidente da WJS International para manter contatos com as empresas que se associarem ao Brasilinvest. Na ocasião serão definidos os objetivos mercadológicos e planejados os programas de promoção dos bens e serviços que as empresas brasileiras

têm interesse em colocar no mercado chinês.

Até agora já participam do escritório do Brasilinvest em Pequim as seguintes firmas: Atlântica-Boavista de Seguros; Associação Brasileira das Indústrias de Cacau; Cia. Vale do Rio Doce; Empreendimentos Técnicos e Comerciais S.A.; Eximbras Trading; Madeireira Nacional; Marcopolo S.A. Carrocerias e Ônibus; Multibras Company Ltd; Pêrsico Pizzamiglio Indústria e Comércio; Themag Engenharia; Superintendência da Zona Franca de Manaus; Panambra Industrial e Técnica; e Makro Química.

Empresários discutem hoje exportações para a China

Hoje, no Auditório da Suframa, a partir das 17:30 horas, os empresários e dirigentes de classes empresariais estarão discutindo a melhor maneira de promover e vender os produtos fabricados no Distrito Industrial, à China, através de uma base mercadológica instalada em Pequim. O representante da Brasilinvest, Roberto Wong, convidado pela Associação dos Exportadores da Zona Franca de Manaus para se fazer da Zona Franca de Manaus para se fazer sua capital.

Todos os empresários e dirigentes de classes empresariais, discutirão com muito afinco o assunto, haja vista o interesse de disputarem o mercado chinês. A exportação dos produtos fabricados na Zona Franca, para aquele mercado, contará

com o apoio da Suframa e da Associação dos Exportadores.

O "Escritório China", instalado em Pequim, objetiva atender solicitações relativas a dados de mercado, realização de encontros e entrevistas, além de informações técnicas de promoção de produtos e serviços da Zona Franca de Manaus e Amazônia Ocidental.

O representante da Brasilinvest, Roberto Wong, ao abrir o encontro, explicará como funciona o "Escritório China" e quais as condições que ele oferece. Fará, também, uma explanação de como se encontra, no momento, o índice de exportação chinesa e a maneira que a Zona Franca pode utilizar-se, para disputá-lo.

Brasilinvest Office amplia 'pool' na China

Uma nova empresa — Rillsa Participações, Administração e Trading S.A., companhia holding do grupo Ripasa — acaba de se incorporar ao Brasilinvest Office, em pool de 12 associadas, com escritório na China. O objetivo do Brasilinvest Office, que desde abril já conta com um engenheiro especializado em comércio exterior em Pequim, Robert Wong, e com o serviço da WJS International Corporation, é chegar a 20 empresas e estender sua atividade a outros países.

Em Washington deverá ser criado um escritório para exportação de serviços de engenharia, com participação do Brasilinvest e da Themag, pois os bancos locais financiam cerca de US\$ 4 bilhões por ano, em projetos desse tipo.

O escritório da China tem, segundo Sansão Woller, do Brasilinvest, pretensões a médio e longo prazo, mesmo porque o contexto local não permite muita pressa. De qualquer maneira, desde a missão do Brasilinvest à China, em maio do ano passado, aquele país mostrou-se aberto ao intercâmbio comercial com o Brasil, contando para isso com a ajuda da Embaixada e do Itamaraty. "Eles acham que o Brasil é complementar aos seus negócios e estão interessados principalmente na área de madeira e celulose, além de quererem investir aqui, para exportar ao seu país a custos abaixo do preço internacional", destacou Woller.

A primeira motivação do escritório da China foi o acordo na área hidrelétrica. Uma missão já esteve no Brasil para discutir o contrato de engenharia e esse fornecimento de serviços por parte da Themag representará um pagamento de US\$ 20 milhões.

Outro negócio iniciado durante visita do Brasilinvest à China foi o reflorestamento. Agora, está para ser formado um empreendimento no Brasil, para exportar para aquele país. Num sistema de joint venture, os chineses investirão inicialmente cerca de 5 milhões de dólares e a Manaus, madeireira nacional, também fará investimento do mesmo montante.

As empresas que têm escritórios de representação na China são: Brasilinvest, Associação Brasileira das Indústrias de Cacau, Associação dos Exportadores da Zona Franca de Manaus, Companhia Vale do Rio Doce, Macroquímica Ltda. Manaus Madalreira Nacional S.A., Marcopolo S.A. Carrocerias e ônibus, Pêrsico Pizamiçlo S.A., Panambra Industrial e Técnica S.A., Themag Engenharia Ltda., Emtenco S.A. — Empreendimentos Técnicos e Comerciais, Joosy S.A. — Importação e Exportação, Rillsa Participações, Administração e Trading S.A. Outras duas estão para se associar, mas ainda não confirmaram: Fundação Brasil, para exportar fogões a gás e, na área de chocolate, a Lacta.

Esse esforço, segundo Sansão Woller, representará um aumento do comércio entre o Brasil e a China, que no ano passado atingiu US\$ 400 milhões. Apesar do superávit para aquele país, principalmente devido ao petróleo, o Brasil espera aumentar o seu intercâmbio, para alcançar em três anos cerca de US\$ 1 bilhão.

BRASILINVEST

ASSESSORIA DE IMPRENSA

GAZETA MERCANTIL

VEÍCULO

LOCAL

SP

DATA

11.9.81

ASSUNTO

CHINA

PÁGINA

dois anos, formou-se engenheiro na Escola Politécnica, passando a se dedicar, posteriormente, ao comércio exterior.

"Depois que ele foi para Pequim, há seis meses, afirma Woiler, dirigir nosso escritório, os contratos entre empresários dinamizaram-se e até recebemos quatro novas adesões de empresas brasileiras: Móveis Cimo S. A., Mangels São Paulo S. A., Rilisa Participações,

Administração e Trading S. A. e Fundação Brasil S. A.

A Móveis Cimo, segundo seu gerente de exportação, Roberto Nacif, está realizando um estudo do mercado chinês para saber de seu potencial e de suas peculiaridades.

As outras empresas do "pool" que renovaram contratos por mais um ano com o Brasilinvest são: Associação Brasileira das Indústrias de Cacau (ABIC), As-

sociação dos Exportadores da Zona Franca de Manaus (Suframa), CVRD, Emteco S. A. — Empreendimentos Técnicos e Comerciais, Makro-Química Ltda., Manasa — Madeira Nacional S. A., Marcopolo S. A. — Carrocerias e Ônibus, Panambra Industrial e Técnica S. A., Pêrsico Pizzamiglio S. A. e Themag Engenharia Ltda. A Joory S. A. Importação e Exportação não renovou seu contrato.

Setembro, mês brasileiro no mercado chinês

**Gerardo Mello Mourão,
de Pequim**

O mês de setembro está sendo transformado num mês brasileiro em Pequim. O organismo chinês que se incumbiu de arranjar intérpretes para os visitantes estrangeiros está em dificuldades para arranjar pessoal que fale português, para acompanhar os dez grupos turísticos brasileiros programados para chegar a esta capital no curso dessa amena estação do outono, num total de cerca de 400 pessoas. Estamos longe, é certo, das centenas de milhares de turistas norte-americanos, dos milhões de japoneses e chineses de ultramar e mesmo das dezenas de milhares de alemães, franceses, suíços, italianos, canadenses, neo-zelandeses, australianos e "tutti quanti", que acampam ininterruptamente aqui. Da América Latina, à exceção dos mexicanos, e talvez dos argentinos e venezuelanos, os visitantes brasileiros são hoje certamente os mais numerosos no roteiro da China. Mas isto não é o mais importante.

O importante mesmo, neste setembro brasileiro de Pequim, é o grande passo que se vai dar nos negócios bilaterais entre os dois países.

A partir do estabelecimento de relações diplomáticas, iniciado há cerca de seis anos, o Brasil vem metendo sua lança no mercado chinês, mais lentamente do que se poderia desejar, é certo, mas, de qualquer modo, com alguns resultados promissores. Depois de um contrato de petróleo — 200 milhões de dólares que já vai para o quarto ano e que talvez venha a ser ampliado — contrato que se deve à ação pessoal do embaixador brasileiro Aluizio Napoleão, as duas grandes lanças em África foram enfiadas pela missão Azambuja, chefiada pelo diretor do Departamento de Ásia do Itamarati, no plano oficial, e a missão Mário Garnero, no plano da iniciativa privada, graças à qual o presidente da Brasilinvest instalou e mantém em Pequim a primeira agência comercial brasileira em funcionamento na China.

CHINESES RECLAMAM

O chefe do escritório da Brasilinvest está esperando amanhã a chegada de uma delegação de exportadores paulistas, com uma pauta de negócios em vista. Segundo o engenheiro Roberto Wong, um paulista que fala o chinês e que aqui dirige a agência das empresas que compõem o "pool" de exportadores e importadores brasileiros em Pequim, algumas das participantes da Brasilinvest já efetuaram este ano um razoável volume de negócios. Sem cobrar o comercial, posso adiantar que a "Pérsico Piz-zamiglio S.A." já fechou operações num montante superior a 30 milhões de dólares, e a "Enteco" efetuou uma significativa operação de compra de rolamentos à indústria chinesa.

A "Manasa — Madeira Nacional S.A." está ultimando o projeto de "Joint-venture" com uma corporação chinesa de reflorestamento e indústria de madeiras, para uma grande empresa do ramo na região amazônica. A exceção de empresas pioneiras, como o "Café Cacique", do sr. Horácio Coimbra, que foi uma espécie de Marco Pólo dos negócios brasileiros neste país, e que já dispunha de canais próprios, o caminho natural das empresas brasileiras na China é a Brasilinvest, para a instrumentação de suas negociações.

Autoridades chinesas de exportação queixaram-se amargamente com este correspondente das dificuldades criadas atualmente pela política cambial brasileira, que exige um financiamento da China para todas as compras brasileiras. As atuais disposições do comércio externo, que fixam invariavelmente um prazo de 180 dias, a partir da data do embarque de mercadorias, para a liberação do pagamento cambial no Brasil, representam, na verdade, uma pesada exigência de financiamento que muitas vezes torna a operação desinteressante para o exportador chinês, que tem à mão compradores de liquidez imediata. Em alguns casos, as dificuldades brasileiras vão mais longe, exigindo-se 360 dias para a liquidação de compras no exterior.

Os chineses, que estão adquirindo rapidamente o jogo de cintura dos mais refinados capitalistas, dizem a este correspondente que o Brasil parece ignorar uma velha regra de mercado: quem compra com dificuldade, encontra dificuldades ainda maiores para vender. E um assessor chinês que lê jornais brasileiros perguntou com malícia: "Vocês querem 180 dias para pagar produtos químicos, e às vezes 360. Será que o Frank Sinatra foi cantar em São Paulo para receber o cachê dele daqui a seis meses ou daqui a doze meses?"

Transmito a indagação do chinês ao doutor Delfim Neto e à edificação dos leitores da "Folha".

Uma evolução ainda lenta

por Suely Caldas
do Rio

A República Popular da China é o único país do mundo socialista que tem superávit nas suas relações comerciais com o Brasil, em decorrência, principalmente, das nossas importações de petróleo de lá, uma vez que as compras dos demais produtos ainda são incipientes. No primeiro semestre deste ano, o Brasil exportou mercadorias para a China no total de US\$ 34,2 milhões e importou US\$ 130,9 milhões, resultando num déficit contra o Brasil de US\$ 96,7 milhões.

O comércio entre os dois países vem evoluindo favoravelmente nos últimos anos, embora seja ainda fraco. Este ano não ocorreram vendas de açúcar, nosso produto mais forte de exportação para os chineses, mas se intensificaram as vendas de tubos com costura galvanizados, minérios de ferro, óleo de soja, fibras têxteis e poliéster, fumo em folhas e isoftalato de dimetila. No ano passado, além desses produtos, o Brasil vendeu cacau, celulose, móveis, máquinas de escrever portáteis, reló-

gios de ponto, botões e abotoaduras.

Das importações brasileiras provenientes da China, o petróleo representa cerca de 90% dos gastos, mas nos últimos anos vêm crescendo também as compras de produtos químicos e farmacêuticos, que os chineses oferecem a um preço bem mais compensador do que os países do mundo ocidental. A maior parte das matérias-primas farmacêuticas vindas de lá é adquirida pela Central de Medicamentos (Ceme), como sulfatos de níquel e cobalto, fenacetina e outros.

As lições com a China

por Maria Helena Tachinardi
de São Paulo
(Continuação da 1ª página)

transformação e exportação de madeira da Amazônia para a China. Os investimentos conjuntos neste setor deverão ser da ordem de US\$ 10 milhões.

Para acelerarmos negócios virão a São Paulo, ainda este mês, três técnicos chineses. Dentro de dois meses a Themag também receberá uma missão chinesa, e é provável que o contrato para venda de serviços seja assinado, pois o Banco do Brasil já aprovou o financiamento.

O Brasil vem fazendo tentativas de exportar para a China há cerca de dez anos. Em princípios de 1971, antes, portanto, do reatamento das relações diplomáticas e comerciais sino-brasileiras, o empresário Horácio Coimbra, presidente da Cia. Cacique de Café Solúvel, viajou a Pequim disposto a aprovar a abertura da China para o Ocidente e abrir caminho para as exportações brasileiras. A Cacique, na ocasião, vendeu uma partida de café aos chineses.

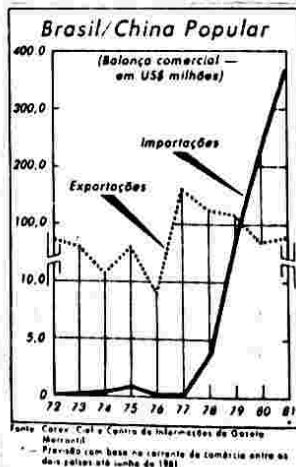
FLUXO COMERCIAL

"Os chineses", diz Samsão Woller, "querem que se estabeleçam fluxos definidos de intercâmbio comercial, e isto não está ocorrendo, porque os dois países ainda estão-se descobrindo. Isto não quer dizer, no entanto, que as relações comerciais com a China não se estejam sofisticando. Se até 1977 a pauta das exportações brasileiras se constituía praticamente de produtos primários, como cacau, soja, minério de ferro, hoje se diversifica, com a predominância de produtos industrializados, como gusa, laminados, barras de ferro e aço, tubos com costura e celulose.

DIFICULDADES

A desativação do programa de construção civil na China, no entanto, está afetando as vendas de tubos de aço da Persico Pizzamiglio S. A., uma das associadas do escritório do Brasilinvest em Pequim. Entre 1979 e 1980 a empresa vendeu ao mercado chinês 35 mil toneladas de tubos de aço com costura para água e gás, no valor de US\$ 18 milhões. Este ano, no entanto, a Persico não espera vender seus produtos aos chineses.

Mas as perspectivas de exportação para a China são grandes, assegura uma fonte da empresa, não só pelo fator populacional como também pela abertura daquele país ao Ocidente. Por esta razão, as restrições impostas pelos chineses à importação de tubos de aço para residências não significam um fechamento de mercado. E por isso que a Persico Pizzamiglio continuará mantendo sua representação em Pequim, pois tem chances de exportar outros produtos de sua fabricação, como tubos mecânicos, de troca térmica e para caldeiras (para fins industriais), tubos de condução para petróleo, tubos de precisão de medida e eletrodutos galvanizados.



"A venda de 35 mil toneladas de tubos de aço para gás e água já nos inclui no rol dos exportadores tradicionais, afirma a fonte da empresa. O dia em que a República Popular da China passar a comprar no Brasil tubos mecânicos para a fabricação de bicicletas, por exemplo, a Persico Pizzamiglio espera vender muito. Afinal, o mercado chinês de bicicletas é enorme.

INSTALAÇÕES PORTUÁRIAS

A falta de portos de maior profundidade para receber navios graneleiros do Brasil com capacidade de transporte de 250 mil toneladas de minério de ferro está dificultando o prosseguimento das negociações entre a Cia. Vale do Rio Doce (CVRD) e as empresas siderúrgicas chinesas. O plano de expansão destas empresas prevê uma ampliação de 24 milhões de toneladas de aço em 1980 para 60 milhões de toneladas em 1985, utilizando minério de ferro. As negociações, no entanto, estão praticamente paralisadas, segundo apurou o repórter Sérgio Danilo junto a uma alta fonte da CVRD, no Rio.

Desde o ano passado o Brasil não recebe novas encomendas além de 1 milhão de toneladas de minério de ferro, negociadas em 1978 pelo ex-presidente da CVRD, Joel Rennó, numa missão pioneira ao mercado siderúrgico chinês. Por este contrato, a CVRD e o grupo Azevedo Antunes (MBR) deveriam exportar cada um 2,5 milhões de toneladas/ano. Em 1979 o pacote foi reduzido para 250 mil toneladas para cada empresa.

A CVRD e a MBR tiveram de "alugar" um terminal de ferro em Mindanao, nas Filipinas, para fazer o transbordo do minério para a China, pois os portos chineses têm pouca profundidade.

As despesas do terminal (entreposto de ferro) e os fretes para a China não compensaram o prosseguimento das exportações, disse a fonte. A CVRD, entretanto, tem esperanças de que o reaparelhamento dos portos chineses ou a montagem de um novo "entreposto mineral" no Japão possibilitem o restabelecimento das exportações. Em princípio, os chineses, que dispõem de boas reservas de minério de ferro na Manchúria (o teor é inferior a 40%), chegaram a aprovar o minério de ferro do Brasil,

ampliando o leque de compras que estava centralizado na Austrália e na Índia.

Os chineses iniciaram entendimentos com a CVRD, que não tiveram seqüência, para a transferência de tecnologia brasileira para a concentração de ferro de baixo teor, pelotização e também transporte ferroviário de minérios. Em contrapartida, os chineses propunham a troca de minério de ferro por petróleo e carvão metalúrgico por tecnologia. Até agora, sem importar minério de ferro, os chineses compram do Brasil, desde 1979, ferro gusa através de um contrato de 200 mil toneladas com a Cobec, já cumprido integralmente.

O BRASILINVEST NA CHINA

O escritório do Brasilinvest em Pequim "é um canal econômico para o empresário brasileiro penetrar no mercado chinês", define Samsão Woller. Segundo ele, as empresas pagam US\$ 1.000 mensais e usufruem uma prestação de serviço "eficiente". O diretor do Brasilinvest refere-se principalmente à eficiência do chinês Roberto Wong, que veio para o Brasil com

As lições com a China

de 1984 em Pequim

"O futuro é radiante, mas a estrada é árdua". Essa frase norteia, em seu espírito, a missão da Agência de Empresas Brasilinvest, criada em 1982 para facilitar a interação entre empresários brasileiros que estão buscando oportunidades em negócios em potencial e oferecendo soluções técnicas e comerciais para o mercado chinês.

Depois de alguns anos de atuação, com seus parceiros nas organizações estatais e privadas de exportar, importar e realizar empreendimentos comerciais, as transações realizadas em poucos negócios, quase insignificantes, perto das expectativas de, praticamente um prazo de três anos, mais que duplicar as vendas comerciais que no ano passado atingiram US\$ 12 milhões.

Os empresários estão conscientes das dificuldades de se penetrar no mercado chinês, a intensa concorrência internacional, além de o país ter uma economia centralizada na qual quem decide tudo é o governo. As decisões são morosas, há remanejamentos em alguns setores da economia, há, por fim, a sabedoria chinesa, pois, como os fenícios, os chineses sempre foram os melhores comerciantes do mundo.

"Chegar em 1984 com um intercâmbio de US\$ 1 bilhão é uma meta realista", afirma Samsão Woiler, diretor-executivo do Brasilinvest, que há exatamente um ano inaugurou um escritório em Pequim, reunindo dez em-

pleados, sendo que quatro trabalham em suas delegações por mais um ano. Outros treze trabalham de tempo livre.

Quando cada país tem mais recursos do que os recursos locais, tende a buscar o outro lado do oceano. No caso de Pequim, há que se olhar para os recursos locais. Há, por exemplo, a tecnologia de grandes obras nas quais o Brasil, por exemplo, participa com a tecnologia e, eventualmente, com mão-de-obra prima, como a mão-de-obra e equipamentos.

É um pouco o que já começa a ocorrer. A Thomas Eugubaria deverá vender projetos no valor de US\$ 20 milhões para a construção de uma grande hidroelétrica na China e a Manasa - Manadeira Nacional S. A. está em via de constituir uma "joint-venture" com os chineses para a

BRASILINVEST

ASSESSORIA DE IMPRENSA

VEÍCULO: Folha de S. Paulo LOCAL: SP DATA: 2.10.82 ASSUNTO: China PÁGINA:

Rumo à China

Uma operação que o Brasilinvest vem negociando desde junho acaba de ser concretizada e, embora o volume de recursos envolvidos não seja muito importante, é bastante significativa pelo potencial de mercado que representa.

A Chinatex — China National Textiles Import and Export Co. adquiriu da Companhia Algodoeira Pernambucana US\$ 2,3 milhões de algodão pluma que já no dia 10 desse mês começa a ser embarcado.

O escritório do Brasilinvest na China vê essa entrada no mercado chinês, que vem sendo tentada há tempo, como um primeiro passo importantíssimo para a agilização de futuras operações.

Missão comprova o potencial do mercado chinês

PEQUIM — A missão de empresários brasileiros que percorre a China, organizada pelo Brasilinvest e chefiada por Mário Garnero, viajou 25 mil km para plantar uma semente, como ele mesmo dizia, ainda no avião da companhia estatal chinesa que levou o grupo de Tóquio a Pequim. Mas já no primeiro dia, a semente aparentemente germinou: contatos muito promissores se estabeleceram, surpreendendo a missão, o encarregado de Negócios da Embaixada do Brasil na China e até os próprios chineses.

Depois de vários encontros isolados dos empresários com elementos do governo chinês, ligados à várias áreas de interesse comercial, Mário Garnero reconheceu, ainda no primeiro dia, ao fazer o balanço das atividades da missão, que os brasileiros têm muito que aprender, antes de negociar em escala pesada com a China. "Mas os chineses também têm muito que aprender, e eles mesmos dizem isso", acrescentou.

Resumindo, Garnero explicou as áreas mais promissoras para a entrada dos brasileiros no mercado chinês e que já se definiram, em maior ou menor escala, nesta atual visita: 1) há condições de se apoiar empreendimentos binacionais de vários tipos; 2) há interesse mútuo de participação em projetos e construção de hidrelétricas de qualquer tipo; 3) possibilidades bastante concretas no campo da petroquímica; 4) na área financeira, estuda-se a formação de consórcio, para apoiar as áreas que apresentem mais dificuldades; 5) construção de ônibus e equipamentos agrícolas — o primeiro, pela concorrência dos japoneses; o segundo, porque os chineses querem informações mais concretas para esse campo.

Para o encarregado dos negócios da embaixada brasileira em Pequim, Christovam de Araújo, esta é a primeira vez que os chineses manifestam interesse imediato nos negócios e contatos com uma missão brasileira. Mais importante, esta é a primeira vez em que os chineses pediram contatos posteriores, informações e mesmo detalhamento de eventuais negociações.

De qualquer forma, já ficou claro que, apesar do otimismo desta primeira missão do Brasilinvest, nada se fará em termos de comércio, financiamentos, "joint-ventures", etc., sem um acompanhamento bastante sistemático a nível chinês. E decidiu-se, ainda na reunião de segunda-feira, que será instalado um escritório em Pequim, com participação de pessoal local experiente em negociar com os vários organismos governamentais, para representar os empresários brasileiros na China (levantou-se, já inicialmente, a hipótese de que o custo desse escritório não será inferior aos 300 mil dólares anuais, considerado bastante satisfatório por vários integrantes da missão).

PRESENTE BRASILEIRO

Os Ministérios da Conservação das Águas e Energia Elétrica receberam da missão brasileira um presente inesperado: estudos completos e lay-out da usina hidrelétrica de Três Gargantas, que terá capacidade de 25,6 milhões de quilowatts e custará US\$ 10 bilhões, divididos entre obras civis (6 bilhões) e equipamentos (4 bilhões) — Itaipu terá 12,6 milhões de quilowatts e custará US\$ 12 bilhões. O estudo vale 500 mil dólares e foi feito por consórcio formado pela Themag, Tenenge, Sade, Villares e Coenza.

Trata-se apenas de um primeiro estudo, pois o governo chinês ainda não decidiu se essa imensa hidrelétrica será mesmo construída (o grupo de engenheiros brasileiros que esteve na China no ano passado, e que participou do estudo tem absoluta certeza de que a obra será mesmo feita e essa definição ocorrerá a curto prazo). O estudo apresenta cinco alternativas para os chineses. Uma delas tem particular interesse para o

governo, que quer tornar Três Gargantas praticamente invulnerável a um conflito armado.

A alternativa mais interessante, por apresentar-se totalmente subterrânea, com escavação em rochas, é exatamente a mais barata, e acredita-se que será aceita pelos chineses. Segundo esse estudo, as casas de máquinas serão construídas em cavernas escavadas e terão vãos de 43 metros de largura e altura de até 70 metros, capazes de abrigar máquinas de 1 milhão de quilowatts cada (Itaipu terá máquinas de 700 mil).

Henrique Herweg, diretor da Themag Engenharia, que manteve contatos com funcionários graduados dos dois Ministérios, acredita que os estudos foram muito bem recebidos pelos chineses, os quais, no entanto, informaram que falta dinheiro para o investimento brutal que representa a usina de três Gargantas. A partir daí, o consórcio das empresas brasileiras de engenharia ofereceu participação em usina de porte até dez vezes menor, com cerca de 1,8 milhão de KW, no valor de US\$ 1,2 milhão.

A verdade, segundo Herweg, é que o problema dos chineses com Três Gargantas não é só de dinheiro. Eles precisam realocar 3 milhões de pessoas que moram e trabalham na área a ser inundada pelo imenso lago a ser formado pela hidrelétrica. E pretendem fazer essa realocação da maneira mais suave possível (se é que isso será possível, como diz Herweg). Assim, eles querem um projeto que permita a operação da usina, nos primeiros dois ou três anos, em níveis bastante baixos, dando-lhes mais tempo para mudar esses três milhões de pessoas. Além disso, há divisões internas nos mecanismos decisórios sobre a validade da construção de uma usina desse tamanho.

A China tem, hoje, 62 milhões de KW instalados, dos quais 15 milhões em hidrelétricas (o Brasil tem 23 milhões), com uma capacidade inventariada de 580 milhões de KW (contra 280 milhões no Brasil). Desse total, 240 milhões de KW estão no rio Yang Tsé, que tem 6.500 km de extensão e nasce a 5 mil metros de altura, o que lhe dá um caudal forte e uma vazão muito grande (sua vazão média anual é de 12 x 1.000 m³, mais que o dobro do rio Paraná, com máxima de 110 mil m³ em Três Gargantas).

CONVITE PARA JANTAR

Mas o melhor índice de que as conversações foram bem encaminhadas nessa área está no fato de que os representantes do consórcio de engenharia receberam convite para jantar com os funcionários do Ministério de Energia Elétrica. E, durante o jantar, os dois engenheiros da Themag foram convidados a ficar na China, para detalhar melhor os estudos, e apresentar alternativas para outros projetos e — importante — os dois ficarão durante três meses viajando para vários locais no Interior da China, com todas as despesas pagas pelo governo chinês.

Outros contatos importantes foram estabelecidos. A Hansen Industrial, que processa PVC para fabricação de tubos, iniciou entendimentos que poderão levar na melhor hipótese, à instalação de uma fábrica de tubos, de amplo uso no País — que tem desenvolvido grandes esforços na área de construção, embora não existam dados de mercado.

Diretores da Cao e da Marcopolo, fabricantes de carrocerias de ônibus, por sua vez, já discutiram até a hipótese de uma associação para montar, em conjunto, uma fábrica na China. Única maneira de se enfrentar a pesada concorrência dos japoneses. Os brasileiros poderiam entrar no mercado com vantagem, em virtude da tecnologia e qualidade superiores para a construção de ônibus, principalmente intermunicipais e de turismo.

A Fiesp e a Unidade Nacional

MARIO GARNERO

Honraram-me os vencedores das eleições na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, com a acusação de que teria desempenhado um "papel vital" na decisão da Chapa 1 de permanecer na luta, após o primeiro escrutínio.

E verdade, em parte. De fato, empenhei-me em restabelecer a união da Chapa 1, conversando e ouvindo, lembrando compromissos e ponderando acerca dos valores morais das refregas, que respondem pela consistência do sistema democrático.

Tornaram-me, à revelia, o denominador comum de uma resolução que, acredito, estava já no íntimo de cada qual dos membros da Chapa 1, atribuindo-me, com isso, poderes que não tenho, e tentando aguçar-me vaidades menores, que não possuem nem alimento.

Honraram-me, ainda, com algumas levandades, cuja inspição só posso creditar à emoção da vitória, esperada tão fácil, de preferência por desistência de luta. Acreditar, na ocasião, como acredito agora, que perder sem lutar ficaria feio, e eliminaria, de antemão, o princípio salutar da competição.

O que era — e continua sendo — uma posição moral recebeu tratamento como se vinda pessoal fora, sentimento que não tive nem no passado, quando atacado, publicamente, com furor inaudito, poderia prosseguir até ao reparo vigoroso da Justiça. Em vez, preferi o caminho do perdão em foro íntimo, a que se seguiu o perdão judicial, sem o apelo ao tripúdio, que agora se intenta.

As levandades correm por conta de seus autores.

Honraram-me, também, membros da chapa vencedora, com insinuações malévolas, que não conseguem provar, em torno da eficácia de nossa participação na mobilização de delegados-votantes. Admitir tal expediente diminui a grandeza do pleito e coloca todos sob suspeição geral, inclusive os vencedores. Ao aceitarem o pressuposto leviano do conchavo, em uma chapa, o estendem, potencialmente, ao restante do colégio eleitoral, que não poderia, se convalidada a hipótese, ser dividido em puros (Chapa 2) e Impuros (Chapa 1).

A aceitação de tal raciocínio reduz o pleito a uma convenção de anjos, que viraram diabos, ou de demônios, que, vencedores, se transmudaram em anjos, renegando a condição anterior.

Os que estavam em cena eram todos homens — falíveis, virtuosos, afáveis e cheios de rancor, sinceros, desinteressados e ardentes de ambição, pragmáticos e coerentes empedernidos.

Seres humanos, enfim.

Tentou desonrar-me, ao final e ao cabo, um grupelho da chapa vencedora, entoando refrões típicos dos campos de futebol, na comemoração festiva da vitória alcançada, segundo registro da revista "Isto É".

Eu deploro a pornográfica ladainha, menos por aquilo que me atinge, e mais pelo que ela antecipa do ânimo da ação futura, em setor tão relevante, do ardoroso e apaixonado grupo, cuja escala de valores parece não incluir a concórdia, a união, a convivência harmoniosa, requeridas, mais que nunca, pelo Brasil de hoje.

A esporádica convivência com que me honrou o presidente Geisel deixou em mim lições de extrema utilidade, sobretudo num episódio cujo desfecho, se contrário ao que de fato se consumou, poderia representar uma fratura na estrutura de apoio empresarial de São Paulo a seus planos de governo. Em conversa, a sós, no Palácio do Planalto, pediu-me o ilustre ex-presidente que ponderasse acerca da necessidade de união da indústria de São Paulo, e exortou-me, em caráter pessoal, a desistir de ação

Judicial, que então movia, contra um empresário que usara de linguagem desabrida e fogosa.

Assim o fiz, e sou agradecido a Geisel, que, despojando-se da autoridade do cargo, preferiu examinar a questão com a humildade de cidadão, condição em que disse estar formulando o apelo que me fez então.

O episódio é narrado, aqui e agora, apenas a título de satisfação, que devo aos amigos e aos que se identificam com nossa bandeira de ação político-social, diante das últimas eleições na Fiesp. Lancei-me na campanha eleitoral para não deixar entregue à própria sorte, inerte e quase sem forças, um homem de bem, probo e idôneo. Interesses subalternos não os tinha em causa, e nenhuma motivação pessoal influenciou-me na decisão de ir até ao final, após tentar, inutilmente, a conciliação.

Estava, como estou, seguro de que meu voto, único e solitário se fosse, serviria, quando menos, para demonstrar a necessidade de sermos coerentes e dignos com atitudes tomadas e compromissos morais assumidos.

Os aspectos pessoais, no entanto, perdem importância diante das implicações políticas e econômicas futuras. O peso específico da indústria de São Paulo no cenário nacional parece estar sendo exagerado. A ruidosa comemoração da vitória, em que tivemos até mesmo claque organizadas para irradiação de sonoros motes pornográficos, até que não preocuparia, se debitada à conta única e exclusiva das reações emotivas que presidem o término de campanhas eleitorais exaustivas. Fazem parte da natureza humana.

Assusta-me, como brasileiro, a tentativa, ainda subjetiva, cingida, por ora, ao plano do desabafo ou de impulsos pessoais isolados, de transformar a tomada de poder na Fiesp em instrumento de pressão sobre a estrutura nacional de decisões, valendo-se da relevância das condições econômicas do nosso Estado, vis-a-vis os demais Estados da Federação.

Não acredito que tal concepção em torno do papel da Fiesp se concretize, assumindo formas práticas a partir da posse na nova diretoria. Prefiro atribuir os arroubos manifestados em tal sentido ao justo furor comemorativo, e estou confiante em que a serenidade terminará por triunfar. Mais que um ato de equilíbrio, seria uma expressão de nacionalidade, *latu sensu*.

É fundamental que identifiquemos no poderio da Fiesp a contrapartida em responsabilidades perante a unidade nacional, cuja preservação, que devemos procurar a qualquer custo, depende da atuação harmoniosa e de objetivo aglutinador, sem predominância, das Federações das Indústrias do Acre, Ceará, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão, Santa Catarina, Paraná, Pará, Amazonas, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Norte e Minas Gerais.

Este conjunto de instituições responde pela unidade nacional, no âmbito industrial, apesar e a despeito das diferenças de volume produzido, sofisticação técnica, capacidade de influência, valor de orçamento.

A Fiesp, hoje como no futuro, deve refletir o Brasil. Melhor dizendo, deve continuar seguindo o Brasil. Pode até ser — e convém — que divirja no plano das idéias específicas, quando os interesses de São Paulo traduzirem, realmente, os interesses do Brasil.

O contrário, jamais.

A unidade nacional está acima de tudo.

Mário Garnero é presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea) e primeiro vice-presidente eleito da Confederação Nacional da Indústria.

Brasileiros têm preferência para comprar na China

PEQUIM — Em igualdade de condições com produtos de outros países, os brasileiros têm, a partir de agora, preferência de compra pela China. No entanto, essas transações ficam vinculadas ao permanente equilíbrio da balança comercial entre os dois países, o que significa que a venda de produtos brasileiros deve corresponder imediatamente a uma contrapartida de compra de produtos chineses. Essa informação é do vice-ministro do Comércio Exterior da República Popular da China, Chen Chie, que a transmitiu ontem, a Mário Garnero, chefe da delegação de empresários brasileiros organizada pelo Brasilinvest, que visita o país, durante audiência, de uma hora, na sede do ministério, nesta cidade.

Chen Chie, que em 1974 assinou a nota do reatamento de relações diplomáticas entre Brasil e China, recebeu Garnero na ausência do titular da pasta, Li Quian, que se encontra em viagem à Austrália.

Segundo o chefe da delegação brasileira, o vice-ministro espera que essa preferência concedida a produtos brasileiros eleve o comércio entre os dois países dos atuais 250 milhões de dólares para cerca de 500 milhões nos próximos três anos. Dentre os produtos que a China deve vender ao Brasil incluem-se o petróleo, em quantidade ainda não estabelecida, e carvão. Durante o encontro enfatizou-se a necessidade da rápida implantação em Pequim de uma agência do Banco do Brasil e de uma agência do Banco da China em nosso País.

Finalmente, Chen Chie informou que, ainda este ano, sete missões comerciais chinesas seguirão para o Brasil. Uma para compra de produtos siderúrgicos, outra visando a aquisição de tubos de aço, uma terceira para a venda de produtos químicos, em seguida uma outra integrada por especialistas em produtos nativos e subprodutos de animais. Outras delegações vão procurar intercâmbio nas áreas de transporte e maquinaria.

A delegação brasileira seguiu ontem para Xangai, onde permanece para uma nova série de contatos, embarcando hoje para Cantão onde encerra seus trabalhos.

MADEIRA

A China enviará ainda este ano ao Brasil uma delegação da Corporação Geral Chinesa para importação e exportação de produtos da silvicultura. Este foi o resultado das conversações mantidas em Pequim pelo diretor da Manasa, Sérgio Lupatelli, com autoridades do setor.

De acordo com Lupatelli, os chineses mostraram grande interesse na aquisição de compensados de madeira e na implantação de florestas econômicas, tendo sido iniciadas negociações para venda de produtos e sessão de tecnologia. Ele vê boas perspectivas nesse

tubos de PVC, embalagens e venda ou fabricação de ônibus.

Os encontros mantidos pelos empresários brasileiros na CITIC — China International Trust Investment Corporation — entidade diretamente vinculada ao Conselho de Estado, — uma espécie de BNDE local — também mostraram-se promissores, segundo os empresários que foram recebidos pelo presidente da entidade. Durante as conversações surgiram propostas para a criação de diversas "joint ventures".

Na área hidrelétrica, a Themag Engenharia decidiu manter na China dois de seus engenheiros que integram a delegação para acompanhar a evolução dos estudos referentes às propostas oferecidas por aquela empresa aos chineses. Eles devem permanecer em Pequim por mais três meses.

Mário Garnero convidou, em nome do Brasilinvest, vários dos responsáveis pelo comércio chinês para visitarem o Brasil. Entre os convidados encontra-se An Gang, editor-chefe do "Diário do Povo", de Pequim órgão oficial do Partido Comunista Chinês.

Ingles oferece tecnologia a SP

O governo de São Paulo poderá aproveitar a tecnologia inglesa para a gaseificação do carvão em substituição ao óleo combustível, e na construção de novas linhas do metrô. O ministro do Comércio da Grã-Bretanha, John Nott, acompanhado do secretário da Indústria, Comércio Ciência e Tecnologia, Osvaldo Palma, esteve ontem à tarde com o governador Paulo Maluf, a quem propôs também a venda de aviões para a Vasp.

O secretário Osvaldo Palma informou que há interesse principalmente na gaseificação do carvão. Contudo, disse que ainda deverá entrar em contato com outras técnicas, durante a viagem que empreenderá aos Estados Unidos, ainda neste mês, acompanhado de empresários, para qualquer decisão.

O ministro do Comércio Inglês condicionou a aplicação de 10 milhões de dólares para a ampliação das oficinas da Rolls Royce em São Bernardo, que se destinam à manutenção de aviões, à compra pela Vasp de vários Boeings 737, que é um modelo mais econômico com capacidade para 190 passageiros, segundo Osvaldo Palma.

Marrocos e Proálcool

O primeiro-ministro marroquino Maati Bouabid voltou ontem a demonstrar o interesse de seu país pelo programa do Proálcool brasileiro ao receber a imprensa paulista para um coquetel no Hotel Maksoud Plaza. Uma hora depois, a comitiva marroquina ofereceria outro coquetel a um pequeno número de convidados, entre os quais o governador Paulo Maluf, que chegou ao local com 15 minutos de

condições com produtos de outros países, os brasileiros têm, a partir de agora, preferência de compra pela China. No entanto, essas transações ficam vinculadas ao permanente equilíbrio da balança comercial entre os dois países, o que significa que a venda de produtos brasileiros deve corresponder imediatamente a uma contrapartida de compra de produtos chineses. Essa informação é do vice-ministro do Comércio Exterior da República Popular da China, Chen Chie, que a transmitiu ontem, a Mário Garnero, chefe da delegação de empresários brasileiros organizada pelo Brasilinvest, que visita o país, durante audiência, de uma hora, na sede do ministério, nesta cidade.

Chen Chie, que em 1974 assinou a nota do reatamento de relações diplomáticas entre Brasil e China, recebeu Garnero na ausência do titular da pasta, Li Qulan, que se encontra em viagem à Austrália.

Segundo o chefe da delegação brasileira, o vice-ministro espera que essa preferência concedida a produtos brasileiros eleve o comércio entre os dois países dos atuais 250 milhões de dólares para cerca de 500 milhões nos próximos três anos. Dentre os produtos que a China deve vender ao Brasil incluem-se o petróleo, em quantidade ainda não estabelecida, e carvão. Durante o encontro enfatizou-se a necessidade da rápida implantação em Pequim de uma agência do Banco do Brasil e de uma agência do Banco da China em nosso País.

Finalmente, Chen Chie informou que, ainda este ano, sete missões comerciais chinesas seguirão para o Brasil. Uma para compra de produtos siderúrgicos, outra visando a aquisição de tubos de aço, uma terceira para a venda de produtos químicos, em seguida uma outra integrada por especialistas em produtos nativos e subprodutos de animais. Outras delegações vão procurar intercâmbio nas áreas de transporte e maquinaria.

A delegação brasileira seguiu ontem para Xangai, onde permanece para uma nova série de contatos, embarcando hoje para Cantão onde encerra seus trabalhos.

MADEIRA

A China enviará ainda este ano ao Brasil uma delegação da Corporação Geral Chinesa para importação e exportação de produtos da silvicultura. Este foi o resultado das conversações mantidas em Pequim pelo diretor da Manasa, Sérgio Lupatelli, com autoridades do setor.

De acordo com Lupatelli, os chineses mostraram grande interesse na aquisição de compensados de madeira e na implantação de florestas econômicas, tendo sido iniciadas negociações para venda de produtos e sessão de tecnologia. Ele vê boas perspectivas nesse campo, pois as autoridades chinesas mostram-se preocupadas com o suprimento de madeiras, ligado aos planos de construção de novas habitações e mobiliário.

Foram iniciadas também negociações concretas nos setores de

ou fabricação de ônibus.

Os encontros mantidos pelos empresários brasileiros na CITIC — China International Trust Investment Corporation — entidade diretamente vinculada ao Conselho de Estado, — uma espécie de BNDE local — também mostraram-se promissores, segundo os empresários que foram recebidos pelo presidente da entidade. Durante as conversações surgiram propostas para a criação de diversas "joint ventures".

Na área hidrelétrica, a Themag Engenharia decidiu manter na China dois de seus engenheiros que integram a delegação para acompanhar a evolução dos estudos referentes às propostas oferecidas por aquela empresa aos chineses. Eles devem permanecer em Pequim por mais três meses.

Mário Garnero convidou, em nome do Brasilinvest, vários dos responsáveis pelo comércio chinês para visitarem o Brasil. Entre os convidados encontra-se An Gang, editor-chefe do "Diário do Povo", de Pequim órgão oficial do Partido Comunista Chinês.

Inglês oferece tecnologia a SP

O governo de São Paulo poderá aproveitar a tecnologia inglesa para a gaseificação do carvão em substituição ao óleo combustível, e na construção de novas linhas do metrô. O ministro do Comércio da Grã-Bretanha, John Nott, acompanhado do secretário da Indústria, Comércio Ciência e Tecnologia, Osvaldo Palma, esteve ontem à tarde com o governador Paulo Maluf, a quem propôs também a venda de aviões para a Vasp.

O secretário Osvaldo Palma informou que há interesse principalmente na gaseificação do carvão. Contudo, disse que ainda deverá entrar em contato com outras técnicas, durante a viagem que empreenderá aos Estados Unidos, ainda neste mês, acompanhado de empresários, para qualquer decisão.

O ministro do Comércio Inglês condicionou a aplicação de 10 milhões de dólares para a ampliação das oficinas da Rolls Royce em São Bernardo, que se destinam à manutenção de aviões, à compra pela Vasp de vários Boeings 757, que é um modelo mais econômico com capacidade para 190 passageiros, segundo Osvaldo Palma.

Marrocos e Proálcool

O primeiro-ministro marroquino Maati Bouabid voltou ontem a demonstrar o interesse de seu país pelo programa do Proálcool brasileiro ao receber a imprensa paulista para um coquetel no Hotel Maksoud Plaza. Uma hora depois, a comitiva marroquina ofereceria outro coquetel a um pequeno número de convidados, entre os quais o governador Paulo Maluf, que chegou ao local com 15 minutos de antecedência.

Durante o tempo em que esteve com a imprensa, o primeiro-ministro disse que está muito interessado no programa do álcool no Brasil porque o Marrocos está iniciando um programa semelhante.

ep
de
lf.
os
sl-
os
de
de
os
is
tê-
ir-
3c
,
rc
a.
n-
n-

A China quer nossos produtos. Mais do que os de outros países.

Por Miguel Jorge, enviado especial.

O vice-presidente ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chie, que assinou, há seis anos, o reatamento de relações diplomáticas com o Brasil, informou a Mário Garnero, do Brasilinvest, chefe da missão que visita o país, que os produtos brasileiros terão tratamento preferencial, não só a nível de governo, mas também de todas as corporações chinesas de produção.

Chen Chie, em encontro de uma hora com a delegação brasileira, disse acreditar que o comércio entre os dois países, hoje em 250 milhões de dólares anuais, possa chegar facilmente aos 500 milhões, nos próximos dois anos, partindo-se para novos negócios, além das tradicionais compras de carvão e petróleo.

O vice-ministro informou a Mário Garnero que, este ano, sete missões chinesas visitarão o Brasil e considera bastante positivo que o consórcio tenha deixado, na China, dois engenheiros que darão assistência técnica para vários projetos hidrelétricos. Chien Chie considerou indispensável a abertura de um escritório de representação comercial brasileira em seu país, sendo informado, por Garnero, de que o Brasilinvest já tomou a decisão de instalá-lo, em Pequim, imediatamente para dar seqüência a vários contatos já iniciados.

Os convites

A delegação comercial brasileira convidou — e os convites foram aceitos — duas missões chinesas para visitarem o Brasil: a primeira, formada por elementos da área da silvicultura, visitará projetos de reflorestamento e a indústria madeireira, em virtude do grande interesse demonstrado pelos chineses sobre o setor, praticamente desconhecido no país, bastante dependente de matéria-prima para chapas de madeira e madeira serrada. O convite formal, feito por Sérgio Lupatelli, do setor madeireiro nacional, foi aceito oficialmente e a missão chegará ao Brasil nos próximos meses.

A segunda delegação chinesa convidada pelo Brasilinvest será formada por jornalistas chineses, que percorrerão o País para mostrar o atual desenvolvimento brasileiro. Em vários encontros dos empresários da missão comercial com a direção da Agência Nova China, agência oficial de notícias, e editores do Diário do Povo, órgão oficial do Partido Comunista da China, ficou claro que há um grande interesse em se estudar o modelo de desenvolvimento brasileiro, para extrair lições que possam ser aproveitadas pelo governo chinês, que se diz impressionado com os resultados obtidos pelo Brasil nos últimos 20 anos.

Esses resultados são os mesmos que a China pretende obter com seu plano de quatro modernizações, que inclui transfor-

mações radicais nas áreas de ciência, tecnologia, agricultura defesa nacional.

Bons resultados

A missão brasileira manteve vários contatos com a China Internacional Trust and Investment Co. — Citic —, uma espécie de BNDE local, que se mostrou disposta a agenciar a formação de *jointventures* na China. As condições, segundo os empresários, são favoráveis à montagem de fábricas, por exemplo. A maior exigência é que todo investimento que requeira dispêndio de capital deve ser compensado com a exportação no valor correspondente, para que haja sempre um equilíbrio. Além disso, a lei de remessa de lucros chinesa é considerada bastante razoável e bem menos exigente que a brasileira, sem nenhuma restrição quanto à quantidade de valores remetidos.

Embora nenhum negócio tenha se concretizado durante a viagem — e isso os brasileiros sabiam que dificilmente aconteceria —, a atual visita foi considerada altamente satisfatória em virtude dos resultados que já apresentou. A abertura do escritório de representação em Pequim, o convite imediatamente aceito para que as duas delegações visitem o Brasil, a informação oficial de tratamento preferencial para os produtos brasileiros na China e a estada de dois engenheiros brasileiros, especialistas na construção de hidrelétricas, que permanecerão no país no mínimo quatro meses, com todas as despesas pagas pelo governo chinês, são considerados indícios seguros de que os resultados alcançados até agora estão acima das expectativas.

Surpresa

O próprio Mário Garnero, presidente da Brasilinvest, que organizou e chefiou a delegação brasileira, mostrou-se surpreendido com o caminho percorrido até agora. Exatamente por isso, várias decisões como a instalação de um escritório local — foram tomadas com muita rapidez, a pedido, inclusive, dos próprios chineses, interessados em que os contatos estabelecidos nesta viagem tenham uma seqüência efetiva.

A missão brasileira que visita a China é formada por Mário Garnero; Sansão Woiler, da Brasilinvest; Henrique Herweg, da Themag Engenharia; Sérgio Jih Chem Hau, da Themag (ficará na China); Lin Suh Nan, da Themag (ficará na China); Sérgio Lupatelli, da Manasa; Paulo Roberto Santos, da Hansen Industrial; Oswaldo Sábio de Mello, da Calçados Samello; William King, da KTD do Brasil; Harry Joory, da Joory S.A.; Romeu Bruno, da Ônibus Marcopolo; Cláudio Regina, da Ônibus Caio; Jacques Siekierski, da Itap Artefatos Plásticos; e Eloy Fontes Lessa, da Ficsa Financiamento e Investimento.

09/15

China vai dar preferência aos produtos brasileiros

XANGAI — "Em igualdade de condições, compraremos sempre os produtos brasileiros". Esta promessa, feita pelo vice-ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chieh, ao chefe da missão de empresários brasileiros, Mário Garnero, assinala o êxito dessa tentativa de abrir o mercado chinês às mercadorias e aos serviços que o Brasil precisa exportar.

Ficou claro, na entrevista que assinalou o segundo e último dia de contatos com as autoridades chinesas em Pequim, que tal promessa fi-

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE
Enviado especial do GLOBO

ca vinculada ao esforço mútuo para dobrar em dois anos o volume de negócios entre os dois países, que no momento é de US\$ 250 milhões anuais, assim como manter equilibrada a balança comercial. Isso implica nosso dever de comprar da China tanto quanto lhe vendermos.

Chen Chieh foi o chefe da delegação que assinou, pelo governo chinês, a ata de restabelecimento de re-

lações com o Brasil, firmada também pelo chanceler Azeredo da Silveira, durante o governo Geisel. Ele expressou a Mário Garnero sua admiração pelo salto desenvolvimentista dado pelo Brasil e sua atitude, ao longo de uma hora de entendimentos, foi sempre de simpatia e abertura para com nosso País.

Garnero aproveitou para realçar o empenho do Banco do Brasil de, dentro do espírito de reciprocidade, abrir uma agência na China, o que por certo contribuirá para o incremento das relações comerciais entre os dois países.

Chineses enviarão sete missões em 80

XANGAI (de Evandro Carlos de Andrade) — A China vai enviar ao Brasil este ano sete missões comerciais, todas no segundo semestre, além de uma delegação de jornalistas que atenderá ao convite de Mário Garnero, chefe da delegação do Brasilinvest, ora em visita a este país.

As missões chinesas serão: um grupo de compra de produtos siderúrgicos, um de compra de tubos de aço, um de venda de produtos em conserva, um de venda de produtos químicos, um da Chinatuhsu (pesquisa de mercado e venda de produtos nativos e subprodutos de animais), um do Zhong Waiyn (China National Foreign Trade Transportation Corporation), e um da Machimpex (China National Machinery Import and Export Corporation) para fazer pesquisa de mercado e venda de produtos.

O convite aos jornalistas foi feito por Mário Garnero diretamente ao diretor do "Diário do Povo" (o maior jornal da China), An Gang.

A missão dos empresários brasileiros tornou claro que existe otimismo de lado a lado para o incremento dos negócios entre o Brasil e a China, mas que parale-

lamente muitas dificuldades terão que ser vencidas.

Os chineses, que neste momento tentam ganhar velocidade para decolar seu vôo desenvolvimentista, dão invariavelmente preferência pela formação de joint ventures (projetos conjuntos) e requerem sempre consultoria específica para cada assunto em negociação. Ou seja, para descontar 40 anos de absoluta paralisia tecnológica, desejam comprar know how e caixas pretas. Como enfrentam notável escassez de recursos, exigem preliminarmente dos eventuais parceiros a possibilidade de arrecadar, com exportações dos seus produtos, o montante que eles, chineses, tiverem de despendar em divisas para remunerar adequadamente esses parceiros estrangeiros.

Acontece, porém, que também como consequência dessas quatro décadas de estagnação, existe uma certa perplexidade sobre as regras que regerão esses empreendimentos em sociedade com estrangeiros. Observa-se, por exemplo, que não existe uma escrituração contábil nas empresas chinesas, mas apenas o controle de caixa, que é tudo a que elas estão obrigadas num regime socia-

lista. Nem mesmo há uma conceitualização clara, para os chineses, do que seja capital. E como definir o lucro sem estabelecer o que é capital?

Outro problema a ser enfrentado pelo investidor estrangeiro é o conceito de preço. Quem regula o preço? A resposta é que será o preço do mercado internacional, mas o estrangeiro considera vaga tal perspectiva. E os conflitos entre as partes, quem julgará? Não se sabe.

Há ainda a questão salarial, pois o estrangeiro investidor terá que trazer pessoal habilitado, a salários muito maiores do que os vigentes na China, onde, além de partirem de piso baixo, variam numa escala de no máximo 300 por cento de diferença, enquanto no Brasil, por exemplo, essa escala é da ordem de 1.200 por cento.

Enfim, há um longo e penoso caminho a percorrer para elevar o montante dos negócios entre os dois países, mas os empresários brasileiros não estão nem de longe desanimados: como o mundo inteiro, encaram com fascínio as perspectivas de um mercado de um bilhão de pessoas, o maior potencial quantitativo de consumo em todo o mundo.

COMENTÁRIOS DE ESPECIALISTAS

AO

PROCESSO DE "MODERNIZAÇÃO" DA CHINA

Hong Yung-lee é natural da Coreia e estudou nos Estados Unidos recebendo seu Ph.D. em Ciência Política da Universidade de Chicago. Sua principal obra é *The Politics of the Chinese Cultural Revolution*. Atualmente Lee é Professor da Universidade de Marquette e associado do Centro de Estudos do Extremo Oriente da Universidade de Chicago. No momento ele está licenciado, realizando uma pesquisa sobre a influência política dos quadros partidários rehabilitados.



Frederick Wakeman é Professor de História da Universidade da Califórnia/Berkeley onde ele recebeu seu Ph.D. Seu campo de especialização é história imperial e moderna da China e uma de suas principais obras é *History and Will: Philosophical Perspectives of Mao Tse Tung's Thought*. Recentemente Wakeman chefiou o comitê governamental norte-americano encarregado de implementar a política de intercâmbio acadêmico entre os Estados Unidos e a República Popular da China.



Benjamin I. Schwartz é professor de História e Ciência Política e diretor do Centro de Pesquisas de Ásia Oriental da Universidade de Harvard. Dentre suas obras se incluem: *Chinese Communism and the Rise of Mao* e *Chinese Communism and Flux*.



Jornal da Tarde — Para qualquer pessoa medianamente informada, as mudanças que vêm ocorrendo na China nos últimos anos constituem, sem dúvida, motivo de grande perplexidade. Como é que vocês, especialistas, reagiram ou reagem ao que se tem chamado o processo de "modernização" da China? Que parcela desse processo havia sido prevista, e quanto disso é uma total surpresa? E mais, o que é que, na opinião de vocês, constitui o aspecto mais importante desse processo de mudança, quando comparado com as três décadas anteriores?

Benjamin Schwartz — Observando o trabalho de vários estudiosos da China, vejo que muito do que vem ocorrendo hoje havia sido antecipado por eles. Muita gente previu, por exemplo, que com a morte de Mao Tsé-tung, o grupo hoje chamado de Camarilha dos Quatro perderia o poder, porque suas bases de poder eram muito fráguas. E também que uma das distonias básicas entre Mao e seus adversários — que só agora vemos como dicotomias — acabaria gerando uma reversão das tendências maoístas, isto é, que a ênfase em incentivos morais, em prejuízo de incentivos materiais, seria abandonada para dar lugar à modernização. Acho que isto havia sido previsto. Agora, a assim chamada liberalização da China é o que há de mais surpreendente. A começar pelo fato de que ela está acontecendo.

do. Eu não estive na China desde a liberalização, mas existem depoimentos dos que lá estiveram, além de todas as coisas veiculadas pela imprensa e que representam, pelo menos para uma certa parcela da população, uma abertura que é verdadeiramente surpreendente. Não importa até que ponto ela chegue. É surpreendente, porque significa que a noção de que os chineses haviam descoberto meios diabolicamente efetivos de agir sobre a mente das pessoas, de que eram capazes de fazer "lavagens cerebrais" nas

pessoas, é agora objeto de uma descrença considerável. Descobrimos isto em nossos contactos com vários intelectuais chineses que têm vindo aos Estados Unidos. E o que é ainda mais surpreendente é que se tem notícias de conversas entre jovens chineses que usam um vocabulário que, segundo se acreditava, jamais "pegaria" na China, não apenas por causa do comunismo, mas por causa mesmo da tradição cultural chinesa, coisas como falar de direitos humanos, da necessidade da observância de procedimentos jurídicos não arbitrários, etc.

Edward Friedman — Creio que nossas previsões teriam sido mais precisas se não tivéssemos dado tanto valor à pretensa semelhança entre a China e a União Soviética. Teria sido melhor se tivéssemos esquecido esta pretensa semelhança por algum tempo e tivéssemos pensado na China como um país pobre do Terceiro Mundo, enfrentando os mesmos problemas que qualquer outro país pobre do Terceiro Mundo. A principal razão pela qual a analogia com a União Soviética nos enganou foi porque Mao sempre afirmou — e estava dizendo a verdade —: "Vejam como a União Soviética trata seus camponeses, miseravelmente, e veja como nós tratamos nossos camponeses; e vamos tratá-los muito melhor." E eles tentaram. Eu realmente não acredito que a China vá acabar como a União Soviética. A revolução chinesa e a situação chinesa são tão diferentes que eu preferiria — ou melhor, acharia muito mais adequado — olhar para a China e analisá-la em termos de comparação com um outro país em desenvolvimento do Terceiro Mundo, porque só assim se pode entender os perigos e as dificuldades que todos os países pobres enfrentam.

Allen Whiting — Além disto, há um outro aspecto de grande diferença entre a China e a União Soviética, que é o processo de "Stalin-

zação". Até onde é possível saber, ainda não houve um discurso anti-Mao com a intensidade e a repercussão do discurso de Krushev contra Stalin. Entretanto, tem havido muito mais denúncias públicas do passado, como se houvesse um esforço no sentido de impedir a volta daquela situação. Se se considerar que, para a cultura chinesa, trazer todos os erros a público é algo muito humilhante, pode-se ver que o efeito dessas denúncias é muito grande. Essa política revela que, independentemente de haver ou não leis que impeçam a volta da situação passada, existe o esforço, a um nível ainda mais profundo, mais básico, de se evitar que ocorra um retrocesso.

Frederick Wakeman — Invertendo um pouco o que o Professor Schwartz afirmou, eu não me surpreendo muito com a previsibilidade do que está acontecendo, mas sim com o grau em que falhamos na previsão de vários aspectos. É verdade, é claro, que a fragilidade política da Camarilha dos Quatro já foi exposta. Acho que a rapidez do golpe de estado (que derrubou a Camarilha dos Quatro do poder) foi surpreendente. Ninguém esperava aquilo, mas certamente todo mundo achava que a coalizão política arquitetada por Madame Mao e os outros três não teria muita duração.

O grau da mudança, então, num certo sentido, foi o que mais me chamou a atenção. Eu sou daquelas pessoas que acreditavam que havia muito mais interiorização dos valores que Mao, nos seus últimos anos — no período 1966-1976 — representava, do que parece na verdade ter sido o caso. Quero dizer que, mesmo com a morte do Grande Timoneiro, eu esperaria uma perpetuação de alguns daqueles valores, dos valores da era da Revolução Cultural, e o que se vê por todos os lados são evidências de que estes valores estão sendo abandonados. Em lugar de autoafirmação no plano internacional, o que se vê agora é uma imensa dependência tanto da tecnologia quanto dos empréstimos estrangeiros. Em lugar das críticas que antes havia, tanto fora quanto dentro do Partido, o que existe agora é uma ênfase na harmonia e na unidade dentro do Partido. E talvez mais significativo ainda é que a imensa ênfase que houve durante a última década de vida de Mao, na importância da subordinação do interesse próprio aos objetivos coletivos da sociedade, foi completamente deixada de lado. É chocante para quem se educou nos tempos de Mao e sob a sua égide ouvir rádio na China de hoje em dia. Quem esteve lá recentemente ouviu os novos programas dirigidos aos trabalhadores, falando-lhes do valor de trabalhar duro, da importância dos incentivos de produtividade, de quantos bens de consumo eles podem conseguir se trabalharem duro, e assim por diante. Tudo isto num contraste muito chocante com um passado que ainda é recente.

Hong Yung-lee — A direção em que o sistema político chinês caminha parece ser clara. Quer usemos o termo liberalização, quer usemos o termo democratização, o fato é que o sistema está tornando mais democrático no sentido de que tenta tolerar certo tipo de dissidência, institucionalizar a participação política de grupos sociais diversos, proteger legalmente os direitos individuais, além

de outras tentativas menores na mesma direção. É questionável se esta democratização fará da China uma democracia do tipo ocidental, mas isto é um ponto altamente controverso.

Allen Whiting — A maneira como se vêm ampliando as fronteiras do que seja discordância legítima — e permissível — com o regime, ou seja, a legitimação do dissenso, parece-me um grande experimento. Trata-se de um processo muito inovador, sobretudo porque os chineses estão experimentando sem se apoiarem em nenhum modelo de qualquer outro país. Esse é um tempo de experiências e, honestamente, não sabemos qual a tendência que irá predominar na China e o que irá surgir de tudo isso. Nesse sentido, trata-se de uma revolução ainda jovem e atraente.

JT - Como é que vocês definiriam o modelo chinês de desenvolvimento? Existe realmente tal coisa, ou o que vemos hoje como "modelo" é apenas uma reconstrução ex post facto de uma infinidade de medidas casuísticas e de emergência?

Hong Yung-lee - "Modelo", por definição, significa exagerar, enfatizar um determinado aspecto da realidade. O problema com a política chinesa é que a maioria de seus líderes tende a pensar o seu processo político em termos maniqueístas, de branco e preto. A noção maoísta de conflito, associada à tendência chinesa de levar certos aspectos da realidade ao extremo, para as chamadas situações-limite, complicaram ainda mais a política chinesa. Assim, se estamos pensando no modelo criado por Mao, parece-me razoável dizer que a maior parte desse modelo é repudiado pelas atuais lideranças chinesas, o que não significa, necessariamente, que o modelo maoísta — ou seja, que as questões que o modelo maoísta pretendia resolver — esteja resolvido. Não estão. No entanto, o que constatamos é que o foco, o objetivo da sociedade foi transferido da igualdade para a eficiência. E a grande questão agora é saber como a questão da igualdade será resolvida nos próximos anos, já que ela permanece como uma questão aberta.

Edward Friedman — A China se classifica hoje como um país ao mesmo tempo socialista e em vias de desenvolvimento, ou seja, um país do Terceiro Mundo que é socialista, ou

que pelo menos está tentando sê-lo. O que os chineses querem dizer com "socialismo", se bem me lembro, são três coisas.

Primeiro, que o socialismo coloca as necessidades de seu próprio povo acima de tudo, não dando, portanto, ênfase ou prioridade a gastos militares, com polícia secreta, com burocracia, desperdícios, enfim, distorções. Segundo, dizem eles, país socialista é um país que, em sua política externa, adota e apoia medidas que permitirão a outros países pobres do Terceiro Mundo alcançar objetivos semelhantes. E, terceiro, país socialista é um país que, quando se envolve em guerras de libertação, não o faz para apoiar ou defender alguma facção ou interesses próprios, mas para genuinamente permitir que aquele povo ganhe sua independência nacional e forje seu próprio destino. Estes são, no momento, os três princípios que, segundo eles mesmos, provam se um país é socialista ou não. Agora pergunto: ao olharmos bem para a

China, será realmente possível enxergar o modelo chinês de desenvolvimento? Eu, de minha parte, duvido muito que tal coisa exista. Se tomarmos a definição do modelo chinês que prega como primeira e principal tarefa do regime elevar o padrão de vida da população rural pobre — a esse nível vago de definição, creio que poderemos dizer que existe um modelo chinês, no sentido de que há uma visão humana do que uma nação tem que fazer pelo seu próprio povo.

Entretanto, já é bem mais difícil determinar quais as práticas políticas específicas usadas para se atingir esses objetivos ou para implementar tal modelo. Muitas das coisas tentadas pela China — e que podemos classificar, com boa vontade, no máximo, como medidas paliativas inteligentes — foram interpretadas fora do país como tendo sido uma série de maneiras realmente novas de resolver os problemas chineses.

Se você for um cidadão com um mínimo de importância na China...

Os famosos paramédicos da área rural, por exemplo — os chamados "médicos descalços" — foram, no máximo, uma solução muito precária para a absoluta falta de médicos realmente treinados. Se você for um cidadão com um mínimo de importância na China, e tiver alguém de sua família, ou entre seus amigos, que esteja gravemente doente, é evidente que você optará sempre por ver essa pessoa ser atendida por um médico de verdade e não por um semimédico. No nosso mundo industrializado, onde temos credenciais formais em demasia, profissionais demais, excesso de burocracia, essa solução adotada na China foi encarada, na época, como tendo sido algo de maravilhoso, independentemente do significado que isto pudesse ter dentro da problemática chinesa: "que solução fantástica, é exatamente disto que precisamos, de mais paramédicos", era o que se dizia. Pode ser até que isto seja verdade, mas o fato é que na China há necessidade de mais profissionais, de mais médicos, de mais ambulâncias para levar os doentes do campo para as cidades, de tal forma que menos pessoas morram nas áreas rurais por falta de assistência médica. Eu acho que se cometeu um engano ao tomar um momento da luta da China contra alguns de seus problemas específicos e considerar este momento como tendo sido uma espécie de abordagem geral, de solução global para a totalidade dos problemas chineses.

Hong Yun-lee — Na verdade, podemos identificar vários modelos possíveis de serem adotados pela China. Um deles seria o modelo no qual a democracia estivesse subordinada a outras coisas, ou seja, um modelo no qual a democracia não fosse um objetivo. Isso mo-

delo corresponde a um período já passado, no qual os tecnocratas foram utilizados dentro de um contexto totalitário e obtiveram algum sucesso em promover a modernização, ou, pelo menos, em promover a industrialização. Com relação a este modelo, acho que Deng Xiaoping parece indicar que a orientação defendida pelos antigos líderes militares que não tiveram a experiência de sofrimento du-

rante a Revolução Cultural não é a mais adequada para a industrialização, porque implica em um controle político muito rígido. O outro modelo é o que Deng Xiaoping está buscando: tentando dar muito mais liberdade e oportunidade para os vários grupos sociais exprimirem seus interesses, dentro de um certo limite, dentro dos limites de uma ideologia comunista. O grande problema com este modelo, é claro, é como definir estes limites.

Frederick Wakeman — O problema em relação ao modelo chinês é que esse modelo que todos nós estávamos estudando tão atentamente emergira da Revolução Cultural. Lembro-me de ter comparecido a incontáveis reuniões e conferências nas quais deveria falar sobre o modelo chinês e suas possibilidades de exportabilidade.

As coisas a respeito das quais eu deveria falar eram exatamente os "médicos descalços", o tratamento paramédico, o uso da medicina popular tradicional; na área de educação, a "universidade aberta", os programas de "estudo-trabalho" nos quais as pessoas estudavam parte do tempo e trabalhavam a outra parte, itens que pareciam naquele momento, ironicamente, constituir-se em respostas para os problemas do mundo industrializado, nunca para os do mundo em desenvolvimento, na maior parte dos casos.

Agora se percebe que a universidade aberta simplesmente não funciona

Benjamin Schwartz — Será que não estamos indo longe demais? Se estas coisas forem desmistificadas — isto é, isoladas do fato de que foram soluções consideradas como mágicas —, talvez se possa chegar à conclusão de que algumas delas, tomadas em separado, para situações específicas, são realmente uma solução. Claro que o País precisa de médicos treinados, com educação acadêmica, mas precisa também de profissionais para médicos. Assim, se estudarmos a coisa, digamos, não no "atacado", mas "a varejo", é possível considerar a adequação e a aplicabilidade de algumas soluções adotadas no contexto chinês. Na Tanzânia eles fizeram isto, creio eu, coisas simples, como adotar métodos práticos para suprir falhas graves: a substituição de equipamento complexo inexistente, por exemplo, por um trabalho artesanal mais intenso e extensivo. Talvez estejamos

indo longe demais descartando a coisa toda, eliminando-a *in totum* como uma solução possível.

Frederick Wakeman — Para mim o problema é o seguinte: a razão pela qual tudo isto acabou por aparecer como um modelo, no sentido de uma série de soluções lógicas e racionalmente articuladas e planejadas, foi que a China não se contentou simplesmente em dizer: "Essas são as soluções parciais que encontramos aqui e agora para determinados problemas específicos", mas acabou ela mesma definindo essas soluções eminentemente práticas — e de curto prazo — como um vasto e completo modelo.

Isto foi o trabalho de Mao, seguindo a sua tendência a assumir uma posição universalística: a China estabelecendo o que deverá ser copiado pelo mundo. Isto acabou por se transformar na política global do regime. Agora, e só agora, percebem-se os problemas de investir apenas em paramédicos; descobre-se que a "universidade aberta" pura e simplesmente não funciona; chega-se à conclusão de que os programas de trabalho-estudo resultaram em níveis baixíssimos de aprendizado. Assim, tudo isso hoje está desautorizado, e o modelo chinês está desmoronando.

JT — Assim, parece que, na época, a questão se resumia em legitimar a revolução, dizendo que soluções temporárias, improvisadas ou paliativas, como preferirem, eram soluções finais para toda e qualquer sociedade.

Agora, passando a uma outra questão um pouco relacionada com esta, de acordo com as teorias do desenvolvimento elaboradas na década passada para os países do chamado Terceiro Mundo, haveria uma grande dificuldade em compatibilizar o desenvolvimento econômico — entendido como uma dimensão-chave do processo de modernização — e vários dos componentes da idéia de "desenvolvimento político", tais como participação política diversificada, liberdade de expressão, aceitação do dissenso, etc. Dentro da visão de vocês, quais são as questões básicas que a sociedade chinesa terá que enfrentar para promover a modernização e, ao mesmo tempo, avançar com o processo de liberalização?

Benjamin Schwartz — Concordo que os dois temas — modernização e liberalização — devam ser discutidos simultaneamente. Os chineses falam de quatro modernizações, e há enormes problemas políticos envolvidos na questão do relacionamento entre estas modernizações. Ainda não se definiu, por exemplo, com clareza, o que é que as forças armadas entendem por modernização. Não se sabe que prioridade e que peso relativo deverá ser dado a cada modernização. O problema que se coloca é o de saber até onde, dentro do processo de modernização, se irá com o projeto de liberalização. Não me parece inconcebível que, na China, se avance muito mais, em termos de liberalização, do que foi o caso na União Soviética. Ao mesmo tempo, é de se esperar que haja elementos dentro as lideranças que considerem que já se foi longe demais em termos de liberalização, e que a atual situação já se constitui em uma ameaça às bases de legitimação de um Estado que, afinal de contas, ainda se denomina marxista-leninista. Accedito que possa haver um recuo no front da liberalização, ainda que isso não signifique abandonar o projeto mais amplo de modernização.



Frederick Wakeman — Em transformações políticas do tipo das que a China vem sofrendo, os vencedores são vencedores precisamente porque puderam definir as tendências, porque foram capazes de estabelecer a agenda para o futuro previsível. E neste caso, naturalmente, a agenda, como o Professor Schwartz nos lembrou, são as quatro modernizações, ou a modernização. Isto quer dizer que, pelo fato de terem colocado a modernização como questão principal, os vencedores — e com isto quero dizer as duas figuras principais — Hua guofeng e Deng Xiaoping — estabeleceram aquele conjunto de tendências como o critério de sucesso para o governo depois da morte de Mao. Isto não quer dizer, necessariamente, que os problemas que o governo agora enfrenta já estejam também resolvidos. Isto é, mesmo pelos critérios da modernização, há uma série de indicadores de desempenho que o povo agora começará a aplicar ao novo regime, e isto poderia facilmente levar a comparações desfavoráveis. Portanto, quando se pensa em modernização, é necessário pensar também na habilidade do governo para implementar seu programa. Vejo nisso um perigo para o regime, caso ele não corresponda às expectativas e, num certo sentido, os acontecimentos deste último ano sugerem que se está começando agora a enfrentar o problema de satisfazer a estas expectativas. Se o regime falhar quanto a este aspecto, então terá falhado totalmente, segundo seus próprios parâmetros.

Em que medida o sistema é capaz de dar aquilo que promete ao povo?

Hong Yung-lee — Parece-me que a estabilidade da liderança será a chave para determinar tanto o desenvolvimento econômico quanto a direção que a China vai seguir nos próximos anos. Há três fatores que talvez possam contribuir para nosso entendimento da questão da estabilidade da liderança. Acho que o primeiro ponto é saber se os chineses podem desenvolver um novo consenso ideológico; os partidários de Deng Xiaoping estão tentando fazer isso, mas não sei se conseguirão. O segundo fator a ser considerado, e que já foi mencionado pelo professor Wakeman, consiste em saber em que medida o sistema é capaz de prover aquilo que promete ao povo, principalmente quando se leva em conta o fato de que a era de Mao fez com que o povo desenvolvesse uma grande expectativa a respeito do que esperar do governo. O terceiro fator que pode ser ligado à futura estabilidade da liderança é o relacionamento entre o grupo de Hua Guofeng e o grupo de Deng Xiaoping, isto é, os velhos quadros partidários e os novos quadros partidários. A relevância deste fator é óbvia quando nos lembramos que metade dos membros do Partido Comunista Chinês foram admitidos no partido depois da Revolução Cultural.

Allen Whiting — Imaginemos uma pessoa que atingiu sua maioridade política e tornou-se politicamente consciente, digamos, com a idade de 15 anos, em 1968. Esta pessoa está agora chegando aos 30 anos. Ela aprendeu a verdade a respeito do sucessor original de Mao, Liu Chao Chi. Mas depois aprendeu outra coisa sobre o líder Lin Piao. Finalmente, aprendeu coisas diferentes sobre os outros sucessores. Essa pessoa recebeu lições diferentes sobre os valores que foram dominantes do sistema político chinês em vários momentos. Agora, quando pessoas como esta, hoje em dia com 30 ou 40 anos, ouvem as inovações propostas pelo atual governo, a tendência à fuga, a voltar atrás, a não dar sua participação deve ser muito forte. Este é o problema básico envolvido na questão da obtenção de um consenso ideológico que tenha credibilidade bastante para recapturar o que foi o ponto alto dos anos cinquenta. Naquele momento, a mobilização foi suficiente para sobrepor-se à falta de todos os bens, de incentivos materiais, de expectativas de consumo a serem realizadas; existia apenas a vontade coletiva de empurrar o país para a frente. Foi esse aspecto dinâmico, dentre outros, que dificultou a eclosão de uma guerra com a Índia, porque a parte mais jovem da população estava completamente mobilizada, mas mobilizada internamente, não por meio de alguma força externa que os coagisse nesta mobilização.

Benjamin Schwartz — Pode esta administração, ou a administração de transição para a década de oitenta, conseguir aquele tipo de credibilidade e confiança que é necessário da parte das pessoas de 20, 30 ou 40 anos? Acho que uma possibilidade é que, no futuro próximo, uma parte dos jovens venha a assumir uma atitude cínica. A despeito do que se possa dizer sobre a China e sobre sua ideologia, houve períodos de cinismo na história chinesa no passado. Houve períodos de volta para dentro de si mesma, de introspecção, de preocupação com a salvação pessoal, e eu acho que existe uma tendência para que isto volte a ocorrer num futuro próximo.

**O cinismo é a
marca principal
nos sentimentos da
maioria jovem.**

Hong Yung-lee — Acho que é evidente que o cinismo é a característica predominante nos sentimentos da maioria da juventude chinesa neste momento, e mais, acho que isto é a pior coisa que pode ocorrer. A pior coisa que a Revolução Cultural fez à China foi destruir o compromisso da parte de vários grupos em relação ao objetivo do coletivismo. É o cinismo é realmente o maior problema político do momento, creio que Deng Xiaoping e seu grupo tem razão quando se propõem, antes de mais nada, a restaurar a confiança e aumentar o grau de envolvimento do povo no projeto político que eles representam.

JT — A idéia que se tem da Revolução Cultural é de que ela foi uma etapa a mais numa revolução maior que se propôs arrancar a China das trevas para trazê-la aos tempos modernos, alterando totalmente a fisionomia da sociedade chinesa. Agora, 30 anos após a Revolução Cultural, surge a necessidade de se promover uma outra mudança radical, trazendo a China para mais perto do que se entende como sendo moderno, ou seja, ocidental. Será que ainda é possível, nesta terceira etapa, manter o "espírito chinês", ou a China está fadada a, por meio do seu processo de modernização, transformar-se no mais novo país "ocidental" dentro de alguns anos?

Frederick Wakeman — Há pessoas que vêem a China como um sistema afim, se não idêntico, ao comunismo soviético. E há outra posição, ao que parece já expressa por alguns de nós, explícita ou implicitamente, que vê a China como um país admiravelmente adaptável e adaptado no estágio em que está. Não sei apontar exatamente onde, mas existe a impressão de que há alguma coisa chamada China que se sobrepõe a tudo mais; dessa forma, pode ser que a solução que eles encontram venha a quebrar todos os modelos, que seja realmente uma solução tipicamente chinesa.

JT — Seria como se existisse uma espinha dorsal, por assim dizer, básica, que sobrevive a

tudo, mesmo quando precisa adaptar-se e curvar-se...

Benjamin Schwartz — O que não deveria ser interpretado de maneira alguma como sendo um tipo de situação que não desse margem à existência de possibilidades abertas para algumas novidades absolutas.

Frederick Wakeman — Não, eu não quis dizer isto. Quis dizer exatamente o contrário, isto é, o próprio fato de que existe esta fé, se quiserem, na permanência de alguma coisa "chinesa", significa também que o espaço que permanece aberto para experiências é muito grande. Talvez a visão otimista seja correta, pode bem ser que alguma coisa nova em que nem estejamos pensando emerge disso tudo.

JT — Parece, então, que, mesmo com toda essa ênfase na modernização, não se abandonou, nem se enfraqueceram os valores chineses. É como se a espinha dorsal estivesse sendo fortalecida de modo a permitir que a sociedade atravesse a fase de mudança sem perder sua identidade.

Frederick Wakeman — Creio que é isto mesmo. Este é o lado chinês da questão: os chineses estão tentando essa mudança, seriamente, há mais de cem anos, tentando encontrar algum caminho em direção ao que consideram moderno sem perder de vista o que pretendem preservar enquanto chineses. Meu argumento é que até há algum tempo atrás, nós, do ocidente, tendíamos a encarar isso como uma derrota, como um esforço inútil de se agarrar a uma cultura moribunda.

Hong Yung-lee — Você está usando um tipo de argumento dialético para sugerir ver como a essência dos chineses e as melhores coisas que eles estão incorporando da civilização moderna serão sintetizadas em algo novo?

Frederick Wakeman — Isso foi o que Mao disse em um famoso discurso feito em 1958, que algo parecido como um amálgama pode-

Na formar-se, o que ainda não ocorreu. Eu, por meu lado, não sou otimista, não creio que esse amálgama ainda se forme. Mas acredito que a fé na permanência do que seja chinês torna possível a eles irem sempre em frente. Em outras palavras, o que estou tentando dizer é que se alguém tem esse tipo de crença, consegue avançar cada vez mais em direção à modernização sem medo de se perder de si mesmo. Os chineses têm uma consciência histórica muito consolidada.

Edward Friedman — Isso é mais complicado do que parece. O que significa ser chinês? Como é que se define a essência do que significa ser Chinês? O passado é sempre mitificado, e o passado recente já é parte do mito da China. Quando os líderes chineses hoje lidam com o mundo, eles se utilizam de mitos e lições que não faziam parte do instrumental de que dispunham aqueles que os antecederam. A noção de passado hoje é uma noção diferente da que existia há algum tempo atrás. Mas concordo com a idéia de que há grande confiança quanto ao que significou a revolução chinesa. Eles são independentes, auto-confiantes, estão comprometidos com seus próprios valores em relação à política a ser adotada para com os pobres, e sentem-se aptos a viajar e olhar o mundo e dizer: "o que é que podemos usar desse mundo que seja adequado aos nossos propósitos e aos nossos objetivos?" Impressiona-me muito que exista uma liderança e que, frente a qualquer problema, essa liderança goze da confiança do povo para fazer o que tem que fazer. Parece-me que tudo correrá muito bem no futuro se existirem as lideranças adequadas.

Isenção de impostos para os camponeses mais pobres principalmente.

JT — Já foi mencionado aqui várias vezes o compromisso do governo chinês para com o campesinato, o que quer dizer, em última instância, uma diminuição das desigualdades. Concretamente, qual é a situação atual das políticas da liderança chinesa com relação aos camponeses?

Edward Friedman — Tem havido uma série de mudanças nesse sentido. Para começar, não apenas um aumento nos preços pagos aos agricultores pelo que eles vendem, acompanhada de uma diminuição nos preços do que

eles têm de comprar, mas também existe a isenção do pagamento de uma bonificação paga aos agricultores das áreas mais pobres pela venda da mesma mercadoria. Além disso, há isenção de impostos, especialmente para os camponeses mais pobres, e empréstimos que acabam sendo transformados em subvenções quando são utilizados produtivamente. Além disso, pôs-se um fim ao sistema de pagar melhor aos operários das fábricas estatais e menos aos operários das fábricas nas cidades menores das áreas rurais. Este sistema que foi terminado é agora considerado uma dis-

criminação contra o homem pobre do campo. Na verdade, no que se refere à situação dos camponeses, o princípio de auto-suficiência, ainda que legítimo em termos de procura da igualdade, acabou por resultar em desigualdade. Auto-suficiência queria dizer, ao menos na área rural, que os lavradores dos arredores das cidades, uma vez conseguindo levar os legumes que produziam para os mercados das cidades, conseguiam fazer bom dinheiro. Mas os chineses que estavam em áreas mais distantes, impossibilitados, portanto, de levar seus produtos aos mercados e feiras urbanos, não conseguiam ganhar dinheiro. Até terem uma infra-estrutura de transporte, eles não terão como fazer com que sua produção chegue aos consumidores urbanos.

Allen Whiting — Se você se limitar a olhar essa questão da perspectiva de uma sociedade que já tem esse tipo de infra-estrutura, você não entenderá jamais a situação chinesa. Eles terão de criar primeiro — e têm o talento para isso — uma nação econômica, criá-la, tirá-la do zero. Se não o fizerem, as consequências de uma política legitimamente orientada pelo princípio de igualdade significará cada vez mais polarização e cada vez mais estagnação. E significará também subnutrição, fome, bloqueio do crescimento.

A China sofre ainda as consequências do equívoco de achar que o modelo de luta na guerra de guerrilhas contra os japoneses seria o modo correto de lidar com os problemas econômicos do país como um todo. A visão de Mao, que, na verdade, derivou-se da experiência de um grupo de soldados sentados em torno de um bule de chá, dividido entre eles todos, não nos diz muito sobre o que deveriam fazer as famílias reais, concretas, vivendo nas aldeias, no sentido de avançar, se desenvolver, conseguir uma vida melhor.

Significava humilhação, principalmente para os velhos.

Tomemos, por exemplo, durante o período do "Grande Salto para a Frente" a idéia dos refeitórios comunais lançada por Mao. A idéia era de que esses refeitórios seriam uma maneira de economizar dinheiro: evitar-se-iam os desperdícios e economizar-se-ia tempo, na medida em que se utilizariam poucas pessoas para cozinhar. Isto significava, na teoria, que as pessoas que fossem liberadas das tarefas de cozinha teriam tempo para trabalhar em outras tarefas, especialmente as mulheres. Na prática, a situação real foi a seguinte: quando se chegava numa aldeia, a primeira constatação era de que não havia restaurante comunal, e de que era preciso construí-lo. Isso, é claro, exigia recursos, mão-de-obra. Uma vez feito o restaurante comunal, o segundo requisito era que era necessário ter gente para cozinhar para todos os outros habitantes da aldeia. Além disso, nós sabemos perfeitamente qual é o gosto que

tem esta comida "Institucional" feita para muita gente, e não há porque imaginar que a comida feita para muita gente fosse ter um gosto melhor na China do que tem no resto do mundo. Desta forma, tudo desincentivava a medida. Do ponto de vista social, havia algumas consequências nas quais ninguém tinha pensado: significava humilhação, especialmente para os velhos, que eram bem cuidados em suas casas e que, de repente, se viam obrigados a sair, a ir-se arrastando para algum desses lugares "comunais" a fim de se alimentar. Do ponto de vista das mulheres, significava, por exemplo, que uma mulher perfeitamente capaz de tomar conta de toda a família e dar de mamar a um bebê ao mesmo

tempo, tinha que ficar correndo de um lado para outro para conseguir fazer tudo o que precisava; o que era uma imposição muito desagradável. Foram coisas como estas que tornaram os tais refeitórios comunais tão impopulares, fazendo com que a instituição fosse abolida. Este é um exemplo claro da dificuldade de transplantar uma experiência bem-sucedida em pequena escala como a dos soldados sentados em volta de um caldeirão de comida — para uma sociedade do tamanho da sociedade chinesa.

Eu acho que a China sofreu muitíssimo por causa dessa projeção, dessa romantização, numa tentativa de prolongar o momento verdadeiramente heróico e mítico do triunfo da revolução chinesa, sem buscar na realidade concreta a orientação para sua prática. Essa é a linha de Deng Xiaoping hoje em dia, é isso que ele se propõe. Só se compreendermos as falhas, os horrores, as iniquidades, bem como o desperdício de tempo e de esforços que tiveram que ser suportados por milhões de pessoas que acreditavam nesses projetos, que se envolveram totalmente na tarefa de mudar o país, e que sofreram uma tremenda decepção depois — só depois de entendermos isso é que poderemos entender porque a nova política está recebendo tanto apoio popular. Com o sentimento de que fizeram pouco, ou tarde demais, vem o sentimento de que precisam refazer tudo rápido, claro que se arriscando a novos erros.

“É um país pobre.
E seu povo sofreu
uma tirania
terrível e arbitrária.”

LY — Poder-se-ia então dizer que a motivação principal que acionou todo esse processo de mudança foi o reconhecimento do que o professor Whiting chamou de coleção de horrores, iniquidades e desperdício de tempo, esforços e recursos?

Edward Friedman — A China é um país muito pobre e seu povo sofreu, pelo menos na última década da vida de Mao Tsé-tung, uma tirania arbitrária e terrível. Muitas das coisas que estão acontecendo na China de hoje em dia são uma tentativa de enfrentar dois fatos

massacrantes: a contínua pobreza da China e as consequências dessa terrível tirania dos anos recentes. Com relação a ambos estes fatos, confesso que fiquei chocado com as coisas de que tomamos conhecimento, que aprendemos a respeito da China. É extraordinário quanto bem-sucedido foi o governo anterior em esconder das pessoas de fora o que na verdade estava acontecendo na China. Qualquer visitante, independente de suas convicções políticas, não tinha acesso a estas informações nem podia discuti-las.

Concordo com Allen Whiting quando ele diz que apenas se se compreender a extensão da tirania e da arbitrariedade, e quantos milhões de chineses sofreram, é que se pode entender o atual apoio de poderosos grupos a uma liderança mais liberal ou democrática. E o apoio do pessoal de cima, que se poderia pensar que teria o maior interesse em manter algum tipo de status quo estável, é realmente uma surpresa. Não creio que alguém tenha previsto a força deste apoio às leis que estabeleceram o cargo de ombudsman (um funcionário encarregado de atender às reclamações dos cidadãos), e às que regulam os mecanismos de representação política ao nível local. As discussões sobre a campanha eleitoral estão começando agora, e elas revelam o quanto as mudanças nos sistemas de participação e representação podem expandir-se do nível local até níveis muito mais altos.

Acho que ainda nem sequer começamos a ter a compreensão do horror dessa última década ou mais. Digo ou mais porque, eventualmente, vamos descobrir que uma grande parte dela recua até 1952 ou 53.

Esta força e este apoio na direção democrática são vistos claramente em toda parte. Colunistas escrevendo em jornais com seu próprio nome, sem submeter o material a nenhuma censura, peças sendo encenadas sem serem liberadas pela censura, encontros e concentrações sendo convocados independentemente de autorização. É preciso lembrar que tudo isso acontece apesar de haver pessoas que acham que tudo deveria continuar a ser submetido à decisão das autoridades, e apesar de haver ainda muito medo. Mas

o impulso para a frente continua, e acho que é porque não temos idéia de quanto o povo sofreu que não podemos entender a força nesta direção.

“Quem ia à China
só era levado
a visitar
as áreas-modelo.”

A segunda coisa é a extensão da pobreza, especialmente da pobreza rural. Quando estive na China antes (eu fui lá pela primeira vez no ano passado) só era levado a visitar áreas modelo ou áreas comerciais ricas, não muito longe das cidades maiores, perto da costa. Estes tipos de áreas não eram tão ruins ou tão

pobres. Mas agora está claro o quanto ficava do fora desse desenvolvimento rural "de vitrine". Vastas áreas do Norte, Noroeste, e do Sudoeste da China eram extremamente miseráveis. E, a propósito disso, temos não só a palavra do regime, quanto temos dezenas de relatos que testemunham a mesma coisa. Pais e filhos ainda estão tão amedrontados a respeito de sua segurança que ainda se arranjam casamentos e noivas numa tentativa de assegurar a continuação (econômica) das famílias. Gente, nos níveis locais, demonstrando o quanto têm medo de seu futuro.

O que realmente aconteceu em muitas áreas foi que a terra, cuja fertilidade foi estragada pelo plantio de cereais, deixou de produzir e a economia entrou em colapso, ao passo que, se se tivesse implementado uma exploração racional em termos do que era indicado para cada área, se se tivesse implementado o sistema de transportes, pensado inteligentemente no mercado e no comércio, e assim por diante, os resultados teriam sido bem melhores. Mas não vimos, não vimos esses erros. Isso foi escondido. O regime teve um grande sucesso em esconder isso do observador estrangeiro, e desconho que muito também foi escondido de elementos da liderança chinesa mesmo, como, por exemplo, a extensão da miséria que persistia na China rural. O que é surpreendente nesta questão é a força do compromisso dos novos líderes no que diz respeito a reduzir a pobreza rural. Isto não foi veiculado pela grande imprensa internacional porque ela está muito mais interessada em enfatizar a política externa, mas a questão número um dentro da China, especialmente dentro da China rural, tem sido olhar pelo povo que tinha sido deixado abandonado até então.

O que aconteceu, entre outras coisas, foi que os líderes que foram punidos nos últimos tempos de Mao e que foram mandados para as partes mais pobres do país, a fim de que aprendessem a humildade e também sofressem, acabaram ficando chocados com o que descobriram. Eles não podiam acreditar que na China socialista, depois de décadas de desenvolvimento, o povo ainda vivesse em condições tão primitivas. E uma das consequências não antecipadas do internamento destes líderes em áreas rurais foi que eles voltaram com um intenso e profundo compromisso de mudar tudo aquilo. A situação foi semelhante àquela que acontece em nossa sociedade quando alguém de boa posição social vai, por engano ou por acidente, parar na cadeia, e descobre quão horrível a prisão é, e volta de lá com um compromisso de lutar pela reforma do sistema penitenciário.

Hong Yung-lee — Concordo em parte com o professor Friedman. Penso que as forças motrizes destas profundas modificações que estão ocorrendo agora na China são os quadros partidários reabilitados. Estes quadros reabilitados são menos inibidos pela ideologia de Mao ou por ligações pessoais, e se sentem menos responsáveis pelo que aconteceu durante os tempos de Mao. E, exatamente por estas razões, eles se sentem livres para orientar a China numa nova direção. Em virtude da experiência comum de terem sido expurgados, combatidos e aprisionados durante a Revolução Cultural e, depois, os qua-

dos partidários reabilitados formam um grupo muito coerente ideologicamente, à semelhança da geração da Grande Marcha. E, se olharmos o processo político depois da morte de Mao, o processo mais importante foi trazer de volta os quadros que haviam sido expurgados durante a Revolução Cultural. Em virtude disto, na época do Quinto Congresso do Partido Comunista Chines, os quadros reabilitados tornaram-se as forças políticas dominantes, e o processo de reabilitação continua desde então. Apenas a título de exemplo, pensando em alguns dos elementos mais importantes que foram reabilitados, encontramos a mulher de Liu Xao Chi, que foi o maior vilão dos tempos da Revolução Cultural, e que foi reabilitada e nomeada para uma importante posição no Comitê Consultivo Político; encontramos também Pug Chen, ex-prefeito de Pequim, que foi reabilitado e é agora o presidente da Seção Legislativa do Congresso do Povo, encarregado de redigir os mais importantes documentos legais. Pensando em termos de quadros não tão importantes, quero dar aqui algumas estatísticas que dão uma idéia mais precisa a respeito da continuação do processo de reabilitação aos níveis mais básicos. O presidente da Corte Suprema relatou ao Quinto Congresso que, dependendo do setor que se estivesse considerando, entre 40% e 50% de todos os casos julgados pela justiça chinesa depois da Revolução Cultural foram considerados como tendo sido decisões erradas. Recentemente os chineses publicaram estatísticas revelando que quase 160 mil decisões foram anuladas. Na Academia de Ciências Sociais, quase mil pessoas foram expurgadas depois da Revolução Cultural. De acordo com os relatórios que reexaminaram os expurgos, mais de 97% das pessoas que foram expurgadas depois da Revolução Cultural foram consideradas como tendo estado corretas e, portanto, foram reabilitadas. Em Xangai, revelou-se que quase 50 mil pessoas dos quadros partidários de base foram erradamente expurgadas depois da Revolução Cultural, e que elas deverão ser reabilitadas. Assim, os quadros que foram expurgados durante a Revolução Cultural voltaram e conseguiram lugares muito importantes. O vice-primeiro-ministro antes da Revolução Cultural, por exemplo, que fora expurgado, foi indicado novamente como vice-primeiro-ministro do governo. Coloca-se com isto uma questão fundamental: quais serão as relações entre estes quadros reabilitados e os quadros que se beneficiaram com a Revolução Cultural? Eu acho que, em função disso, os dias de tensão e de luta política continuam.

A atual liderança parece admitir que a China deve permitir liberdade...

Os quadros partidários reabilitados, que haviam sido expurgados durante a Revolução Cultural, percebem agora que foram as viti-

mas da máquina, da máquina política que eles próprios tinham ajudado a construir. Desta experiência amarga os quadros reabilitados aprenderam que, sem uma certa quantidade de democracia dentro do partido e dentro da sociedade, não há maneira de impedir a repetição do abuso político e do arbítrio. Além disso, ao contrário da geração do Quatro de Maio, que apregou o slogan da ciência e democracia sem perceber a relação entre os dois, os quadros reabilitados aprenderam por meio de sua experiência que uma certa quantidade de democracia é também um pré-requisito para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Isto é, novamente, uma reação à linha radical da Camarilha dos Quatro que, em nome da ditadura do proletariado e do pensamento de Mao, negou participação política aos intelectuais, profissionais e tecnocratas. A atual liderança parece admitir que a China deve permitir liberdade para esses grupos que têm uma função crucial a cumprir, a fim de que se possa utilizar seu conhecimento para o desenvolvimento econômico.

JT — Uma primeira comparação entre a China e a União Soviética revela de imediato a inexistência, na China, de uma classe formada de tecnocratas que sejam vistos como legítimos detentores de uma parcela de poder em virtude do conhecimento especializado de que dispõem. Hoje, no entanto, segundo o que está começando a emergir em nossa discussão, parece existir toda uma controvérsia na China em torno do surgimento dessa nova classe. Tratar-se-ia efetivamente de um problema novo, ou apenas de ressurgimento da discussão de um problema que havia sido dado como resolvido pela Revolução Cultural?

Edward Friedman — Na China, a discussão do problema da nova classe remonta ao que eu chamaria de absurda teoria de Mao de

que, quando Stálin morresse, a União Soviética passaria de um bom Estado socialista para um país dirigido por uma nova classe tecnocrata. Esta teoria distorce monstruosamente a realidade da União Soviética; e é muito importante entender isto. Houve uma horrenda classe dirigente na União Soviética, precisamente na época de Stálin.

Está havendo agora na China uma crescente ruptura com Stálin. Eu acho isso correto. De modo que a teoria do estrato tecnológico começa com a própria justificativa de Mao para o rompimento com a União Soviética, que de legítima não com uma separação crescente entre Moscou e Pequim em relação à política externa ou outras questões, mas com o fato de que Krushev havia traído o socialismo. É uma legitimação da virada política de Mao, mas deixa de lado todas as coisas horríveis que aconteceram na China em nome da tentativa de impedir que uma nova inteligência tecnocrata se tornasse a nova classe dominante. Houve na China uma tremenda quantidade de bodes expiatórios, sobretudo intelectuais, técnicos, professores e outras categorias sócio-profissionais semelhantes. Em outras palavras, houve um tremendo "McCarthyismo" marxista, fato que levou só Deus sabe a que tipo de terrorismo e de torturas, de assassinatos e suicídios forçados, envolvendo milhões de pessoas cujo único crime era o de estarem felizes por terem recebido algum tipo de educação que lhes permitia servir à sociedade chinesa. O resul-

tado disso foi que tanto a economia chinesa quanto o povo chinês sofreram monstruosamente. Um dos resultados deste processo é que a China tem ainda hoje uma grande dificuldade de permitir que o talento destas pessoas treinadas seja usado pela sociedade.



A escolha é esta:
ou se tem a visão
dos maoístas,
ou...

A questão não é saber se aquelas pessoas que têm algum treinamento se tornarão classe dominante, mas sim se o talento delas poderá servir aos mais altos interesses da sociedade chinesa. Um dos resíduos da propaganda de Mao é, precisamente, que muitas pessoas na China não conseguem fazer essa distinção. É claro que existe sempre um estrato dirigente, um estrato partidário, um estrato burocrático, pessoas que ocupam os altos postos na estrutura burocrática e que têm acesso aos privilégios que são negados às pessoas comuns. O problema fundamental com a teoria de Mao foi que ela impediu a percepção da questão fundamental relativa ao papel da nova classe. Alimentou-se assim a teoria de continuar a revolução depois da revolução, o que significava manter um expurgo permanente contra pessoas que tinham muito a contribuir para a sociedade chinesa. A verdade é que, se se vai gerir uma economia baseada em tecnologia sofisticada, que tem envolvimento com a economia internacional, ou se se vai tentar coordenar a economia internamente, é preciso que haja pessoas que saibam lidar com este tipo de atividade de uma maneira profissional. É preciso ter coordenadores, gerentes, administradores e especialistas numa série de áreas. Nenhuma sociedade pode passar sem eles. A escolha é esta: ou se tem a visão dos maoístas, que afirmam que se pode, de algum modo, apagar todas estas coisas (concessões de privilégios) — o que não se pode, e apenas faz com que os privilégios e mordomias apareçam pela porta dos fundos como coisas que, apesar de corruptas, continuam a existir de qualquer modo — ou se diz que é legítimo ter privilégios, e aí a questão passa a ser como impedir que os privilégios se tornem excessivos, como controlá-los, como verificá-los e mantê-los sob controle. Acho que esta última é a visão da classe dominante atual, o que me parece uma visão muito mais inteligente, que oferece muito mais ganhos para a sociedade chinesa como um todo. O perigo que decorre do princípio maoísta de continuar a revolução depois da revolução e de extinguir esses grupos como uma suposta classe dominante é que eles continuam sendo alvos perfeitos para se tornarem bodes expiatórios novamente. Se os militares voltarem ao poder, essas pessoas

podem tornar-se bodes expiatórios, e elas estão conscientes dessa possibilidade e ame-
drontadas com isso.

As pessoas que
estão no comando
técnico são
muito idosas

Frederick Wakeman — Existe hoje, sem dúvida, uma tecnocracia na China, mas ela é, antes de mais nada, uma gerontocracia, pois as pessoas que estão no comando técnico são muito idosas, e são, na maioria, pessoas treinadas no período anterior à liberação. O grupo seguinte se compõe de pessoas de meia idade, treinadas na União Soviética no início do anos cinqüenta. Mas os mais promissores são aqueles que estão chegando agora aos quarenta anos de idade. Esta é a chamada geração perdida. Abaixo destes, em termos etários, há os que agora estão indo para a Europa e vindo para os Estados Unidos e para o Canadá, para treinamento. São estes últimos os que, dentro do plano mais amplo de modernização, deverão receber todos os incentivos de que necessitam, e isto já havia sido sugerido por uma observação de Deng Xiaoping no início de 1978, segundo a qual o Partido deveria ser o servo da ciência e da tecnologia. O que ele estava fazendo era afirmar em alto e bom-tom que estas pessoas que ele identificava como um proletariado, e não mais como uma intelligentsia, vão poder fazer praticamente tudo o que quiserem em termos de atividade técnico-profissional. A barganha que está sendo feita vai permitir o aparecimento e a consolidação de uma nova tecnocracia. Esse novo grupo terá condições de obter as facilidades que quer e de que precisa, tanto em termos da liberdade acadêmica necessária para o trabalho teórico como em termos de benefícios materiais. No que se refere ao perigo de se criar bodes expiatórios, como já se falou, o acesso que essa nova e privilegiada elite está tendo às coisas que há apenas três anos eram atacadas pelos ultra-esquerdistas como sendo burguesas é causa de ressentimento para muita gente, mas mesmo estes percebem que estes privilégios são alguma coisa que se deve agora às pessoas que, de fato, são os pioneiros dessa grande e longa marcha em direção à modernização. O perigo pode vir da reação dos que são, de fato, os mais poderosos, isto é, os militares e os quadros partidários de nível mais alto. Eles podem manipular este fato contra os elementos da nova classe, pois a maneira mais simples de acusar qualquer membro do partido de má conduta é acusá-lo de ter usado os bens públicos em proveito próprio; isto é o tipo de coisa que tem grande apelo para um vasto segmento da população. E seria, por motivos óbvios, muito mais fácil levantar essas suspeitas contra os intelectuais, que são educados no Exterior e têm muitos contatos com estrangeiros.

Edward Friedman — Não aceito a idéia de que agora esteja aparecendo na China, pela primeira vez, um tipo de elite nova e privilegiada, que no passado teria sido combatida e eliminada, em certo sentido, pela ultra-esquerda. A ultra-esquerda tornou-se ela mesma uma elite ultra-privilegiada. Sabemos pelas pessoas que os visitaram e que viram seus modos palacianos de vida, e que são amigos deles, que eles viviam uma vida extraordinariamente privilegiada, e corrupta. É muito importante distinguir entre o que está acontecendo hoje, quando se tem um governo que afirma que é correto expor estas coisas, que os jornais deviam estar cheios destas denúncias, e que, portanto, torna possível às pessoas saberem que estas iniquidades existem, e a situação que ocorria anteriormente, em que se apresentava o mundo como dividido entre "nós, os bons" e "eles, os corruptos que têm de ser removidos do poder", fazendo crer que somente os bons ficaram no poder. Isto era um embuste total.

Agora temos a noção mais verdadeira de que existe um problema estrutural profundo a ser combatido. Quando isso é exposto e fica claro, as pessoas podem então dizer: "Oh, meu Deus, a China mudou." Ora, a única mudança na China foi a admissão desse profundo problema estrutural, deixando-se de lado a idéia

de que havia apenas bons e maus (e quando eram os "bons" que tinham todos os privilégios, era como se a questão dos privilégios deixasse de existir). Na China, por incrível que pareça, os privilégios dos militares (que são muitos) são tidos como altamente legítimos, como os únicos privilégios legítimos. Os militares são vistos como os indivíduos que venceram a revolução e que salvaram a todos, e acho que há muito pouca queixa contra esse grupo que tem um poder todo especial, além de status e riqueza. Depois vêm os privilégios dos que atingiram uma certa posição, que têm riqueza, poder e vantagens, famílias importantes, bem como amigos em postos-chave. Esses privilégios são aceitos como fato consumado, como sendo de natureza tal que, se não chegam a atingir o nível da legitimidade, tampouco atingem o nível da ilegitimidade. É o tipo de coisa que todo mundo aceita, pois "é como as coisas são". Finalmente, há os privilégios vistos como ilegítimos e que correspondem às vantagens específicas de certos estratos da "classe média", técnicos, intelectuais, professores e outros, igualados para o propósito de serem julgados em termos da legitimidade ou não de seus privilégios. As pessoas que se utilizam de coisas públicas para fins particulares. Este grupo de vantagens é visto como sendo totalmente incontestável. Quero argumentar que essa classificação dos privilégios não é acidental, ela nos revela alguma coisa sobre a estrutura e a natureza da sociedade. Quando alguém afirma que as vantagens legítimas indicam quem tem poder, isto quer dizer poder legítimo, inquestionado e incontestado.

Na China, os militares estão acima de qualquer contestação, e se estão acima de qualquer contestação, isto significa que eles

têm poder para definir a natureza, os valores e os objetivos da sociedade, para impor limites aos tipos de mudança social que podem ocorrer, possivelmente têm capacidade de influir na política externa, além de uma série de outras coisas mais.

O peso da tradição complica enormemente a questão dos privilégios

Hong Yung-lee — Quando falamos a respeito dos privilegiados na China, acho que posso experienciar da sociedade ocidental pode oferecer uma espécie de chave para a resposta, mas, por outro lado, acho que todas as vezes que olhamos a China, deveríamos olhar seus problemas políticos da perspectiva dos valores e tradições chinesas, sem nos esquecermos também de levar em conta a estrutura ideológica do comunismo. Desta forma, o peso da tradição complica enormemente a questão dos privilégios: o que se diz é que as classes privilegiadas existem há muito tempo e, por esta razão, elas podem continuar existindo. No momento em que a liderança chinesa tenta implementar uma reforma estrutural, então a questão que se coloca é saber que tipo de mecanismo político pode ser utilizado pela atual liderança com vistas a minimizar o privilégio ou, pelo menos, mantê-lo sob controle e, ao mesmo tempo, justificar, do ponto de vista ideológico, a existência de uma classe privilegiada. Hua Guofeng sugeriu que se deve desenvolver um sistema de supervisão de quadros, de reconvocação e de eleição de quadros, como forma de controle do comportamento destes mesmos quadros. A pergunta que se coloca então é: como estas idéias, tomadas emprestadas das democracias ocidentais, podem ser compatibilizadas com a noção básica de luta de classes e de ditadura do proletariado? Este é o dilema teórico dos chineses. Diferentemente dos japoneses, que podem aceitar sua sociedade como ela é, sem necessidade de justificá-la, os chineses sentem, acho eu, um desconforto muito grande se não podem justificar uma determinada coisa com uma ideologia muito explícita, e atualmente eles tentam descobrir como combinar uma democratização do tipo ocidental com a noção de ditadura do proletariado. A resposta de Hua Guofeng para isso foi muito ambígua. O que ele dizia era que as classes continuavam a lutar e que os conflitos ainda continuam na China, mas que esta é uma contradição secundária, e que a tarefa principal é a modernização. Então, se o conflito de classes é uma contradição secundária,

podia usar-se esta justificativa para manter a ditadura do proletariado. Eu acho que as forças democráticas na China, quaisquer que sejam elas, tentarão levantar esta questão o tempo todo, criando muita dor de cabeça para as lideranças.

Os militares são também o grupo mais poderoso da China

JT — O Professor Friedman referiu-se aos militares como sendo o grupo na sociedade chinesa que detém os mais altos privilégios legítimos. Parece-me a mim que, implícito na noção de que os privilégios dos militares são legítimos, está o fato de que os militares são também o grupo mais poderoso na sociedade chinesa. Se isto é verdade, de que indicadores efetivos dispomos para confirmar e demonstrar que os militares chineses são realmente tão poderosos quanto este indicador indireto parece sugerir?

Allen Whiting — Acho que devemos definir operacionalmente este termo "poder", e uma maneira de fazê-lo é vendo quem tem o quê na China de hoje em dia; quem tem que parcela do orçamento para cobrir suas despesas, quem vai receber qual linha de crédito para transferência de tecnologia do Exterior. Porque o grupo que dispõe de crédito pode aumentar sua base burocrática, expandir seu poder produtivo, e garantir que seu setor tenha bom desempenho em termos de modernização. A primeira vez que os chineses fizeram grandes compras no Exterior foi em 1972-73, quando eles contrataram a compra de mais de dois bilhões de dólares em tecnologia estrangeira. A única parcela desse orçamento que foi apropriada pelos militares foram 250 milhões de dólares utilizados na compra de uma fábrica de turbinas Rolls-Royce, para a indústria aeronáutica. Até agora os chineses contrataram compras no valor de sete bilhões de dólares, no ano passado, e nenhum dólar foi para a aquisição de tecnologia militar estrangeira destinada a uso primordial e exclusivamente militar, embora se haja comprado tecnologia civil que pode ser utilizada para fins militares. Os militares chineses não fizeram mais do que sair pela Europa "olhando vitrines" de armamentos, tomando conhecimento das novidades da indústria bélica, mas até agora nenhuma das longas negociações foi consumada, em que pese a publicidade dada pela imprensa a estas negociações. Mas não houve nada como a compra de aviões a jato Harrier (de decolagem vertical) da Inglaterra, ou como a aquisição de foguetes anti-tanque franceses. Enfim, no que se refere à alocação de recursos, os militares continuam sendo a última prioridade em termos de que se vai gastar para promover a modernização chinesa. O debate travado em 1977 sobre o que se deveria fazer, comprar o equipamento agora ou esperar até atingir o nível de desenvolvimento que tornaria possível produzi-lo mais tarde, aparentemente se resolveu contra a aquisição de equipamentos militares agora. (A União Soviética não é mais definida como capaz de provocar uma ameaça de guerra, porque, se se fala em ameaça de guerra, seria

necessário dispor de equipamento militar (agora). Eu sugeriria, nesta definição operacional de poder, que, ao nível de decisões burocráticas dentro do governo, os militares não são poderosos no momento.

Hong Yung-lee — Acho que a descrição que o Professor Whiting fez é correta. Se pressupomos que haverá estabilidade política, e numa situação de barganha burocrática, a prioridade dada aos militares é uma bagatela. Por outro lado, numa situação instável, isto é, se ocorre um conflito entre os líderes mais influentes, então os militares podem desempenhar o papel principal neste tipo de situação, formando uma coalizão com um determinado grupo. Se este é o caso, certos líderes militares, líderes que tenham sido influenciados pelos tempos de Mao, muito provavelmente tenderão a uma posição conservadora, muito crítica a respeito da ocidentalização da geração mais jovem. A questão agora é saber qual será a atitude dos setores militares mais jovens, os que receberam treinamento técnico, se e quando eles chegarem aos níveis mais altos da hierarquia.

Edward Friedman — Nos últimos anos de Lin Piao ocorreu um grande aumento nos

gastos militares da China, em termos de percentuais do orçamento. O grupo de Lin Piao, ao definir os inimigos militares da China, vendo ameaças de guerra tanto da parte da União Soviética quanto dos Estados Unidos, justificou a necessidade de aumento dos gastos militares, especialmente em setores de tecnologia de ponta, tais como foguetes. No entanto, os comandantes militares mais conservadores, os comandantes das regiões de terra, que tendem a ser pessoas muito mais chegadas à população rural, estavam muito mais preocupados com o que poderia acontecer com suas famílias e com seus amigos. Eles dão uma prioridade muito alta ao que se faz pelo desenvolvimento rural e, em virtude disto, têm uma idéia muito diferente de política externa. O que se vê com isto é como cisões entre os militares têm um papel muito importante no sentido de impor limites ao que é possível. É uma noção errônea de política afirmar que a única maneira de se definir poder é ver quanto cada um consegue obter para o seu grupo específico, como se a única preocupação dos militares fosse aumentar sua participação no orçamento. É perfeitamente possível pensar que os militares tenham uma visão menos "utilitarista-orçamentário-burocrática" do processo, que eles se definissem como camponeses no poder e que tivessem autonomia para definir em si próprios, enquanto camponeses no poder, o que deve ser feito pela população rural. Eles estariam sendo igualmente egoístas e interesseiros, mas o resultado disto na estrutura dos gastos orçamentários apareceria de uma forma bastante diferente.

Uma série de novos problemas criados pela própria liberalização

J.T. — Seria adequado dizer que, no que se refere à massa da população chinesa não envolvida na disputa por privilégios, o projeto de modernização significa a possibilidade de atendimento das expectativas criadas pela revolução, ressuscitadas pela revolução cultural e até agora claramente não atendidas?

Frederick Wakeman — Sim, de certa forma, mas há, além disso, uma série de novos problemas criados pela própria liberalização e pela modernização. Por exemplo, dos cinco milhões e setecentas mil pessoas que fizeram vestibular no ano passado, apenas três ou quatro por cento estão realmente na universidade, e isto é quase que um jogo de soma zero, no qual o que alguns parceiros ganham corresponde exatamente ao que os outros parceiros perderam, sem que haja restos ou sobras para ninguém. Assim, é uma coisa extremamente frustrante não se ter acesso a novas oportunidades. E se acontece de você ser uma dessas pessoas que, por um ponto ou dois, não conseguiu subir na escada do sucesso, a frustração é extremamente alta, e isto é uma coisa que se percebe imediatamente na China. De modo que, além do esforço que tem de ser feito para reparar velhos ressentimentos, atendendo àqueles que pedem justiça, reintegração nos empregos dos quais foram despedidos injustamente, há também que enfrentar os problemas criados por uma nova geração de jovens que se ressentem da escassez de oportunidades para ascender socialmente. O resultado de tudo isto é uma crescente frustração social e, obviamente, uma maior pressão sobre o regime. Poderíamos também falar da questão da habitação e de muitas outras coisas que passaram a ser muito valorizadas pelos chineses hoje em dia.

Benjamin Schwartz — Eu vejo com reservas essa teoria das expectativas crescentes. Pode-se ver que os americanos, mesmo os da classe operária, assistem a filmes que mostram como vive a alta sociedade mas nem assim esperam chegar até lá no curto prazo. Assim, se não há automóveis particulares em muitas cidadezinhas chinesas, o fato de se ver, quer em viagem, quer pela televisão, automóveis em Xangai não significa necessariamente que se anseie por um automóvel mais ou menos imediatamente. Entretanto, se os automóveis começassem a aparecer com alguma frequência no círculo de relações de uma pessoa, então eu acho que os que fossem expostos a este fato começariam a sonhar com ter seu próprio automóvel. Mas isto não significa que os chineses estejam avaliando sua situação

presente, no que se refere à posse de bens materiais, baseados nos mesmos critérios que nós usamos hoje em dia no mundo ocidental (e, afinal de contas, nós mesmos estamos questionando uma série desses valores ocidentais agora mesmo). Acho que a sociedade chinesa pode modernizar-se, adotar uma série de coisas melhores, sem que isto implique, contudo, uma explosiva demanda por mais e mais bens de consumo típicos da sociedade consumerista ocidental.



Na China, se o indivíduo não consegue obter o que necessita...

Hong Yung lee — Há um ponto que torna a China diferente, no caso. Eu acho que, na China, o pensamento de Mao e o marxismo-leninismo como ideologia oficial doutrinarão o povo no sentido de que ele tem direito a certas coisas, que tem igualmente direito, como outros povos, à satisfação das necessidades básicas. Nos Estados Unidos, bem como em outras sociedades capitalistas, a norma é a competição individual, e se um indivíduo não se sai bem nessa competição, se fracassa, se não consegue mobilidade social, isto é um problema essencialmente dele, indivíduo. Assim, ele é o culpado de seu fracasso. Na China, se o indivíduo não pode obter aquilo de que necessita, isto é visto como responsabilidade da coletividade, da sociedade. É necessário, portanto, distinguir entre os diferentes sistemas de valores vigentes, respectivamente nos Estados Unidos (e em outros países capitalistas) e na China. Isto sugere ainda uma outra questão, isto é, como a liberdade individual pode ser ajustada às necessidades da coletividade. Concretamente, a tarefa que se apresenta para a atual liderança é encontrar uma fórmula capaz de equilibrar as necessidades individuais e o interesse coletivo, de tal maneira que o indivíduo possa se envolver com as questões coletivas ao mesmo tempo que mantém uma disciplina básica.

Frederick Wakeman — Minha opinião é de que a liderança não conseguiu isto. O contínuo ataque na imprensa contra o desvio esquerdista, contra as críticas esquerdistas ao que está acontecendo agora, e os tipos de resposta que são dados justificando a atual situação, sugerem que não existe nenhum consenso ideológico a respeito de como reconciliar estes dois níveis, o indivíduo versus a coletividade. Passou-se da ênfase em destruir a palavra "eu" para eu quero, eu preciso, eu tenho de conseguir. Muita gente acha que isto é obscuro, e este é o problema.

JT — Não lhes parece então, que a existência de falta de consenso ideológico a respeito de um aspecto tão básico como este, poderia ser tomado como indicador de uma cisão potencial entre os grupos dirigentes?

Edward Friedman — É muito perigoso acreditar no que se vê na China hoje em dia. O que eu quero dizer é que os meios de comunicação de massa são controlados por uma facção do grupo dominante, e isto leva facilmente ao mesmo tipo de falsa impressão que se tinha nos últimos anos de vida de Mao, quando os esquerdistas controlavam estes mesmos meios de comunicação de massa e davam a impressão de que sua base de apoio era muito maior do que a que realmente tinham. Há dezenas de grupos na China que têm políticas diferentes, valores diferentes, compromissos diferentes; eles são extremamente poderosos e, de maneiras diversas, estão lutando contra as diretrizes de hoje, especialmente contra a democratização e, ainda podem vencer.

Deixem-me dar uma idéia da mentalidade de um comandante militar regional e de seus amigos, quando eles vêem um pouco desta democratização. O que significa a democratização, segundo eles? Significa confraternizar-se com estrangeiros, liberdade sexual, dançar com estrangeiros, prostituição. É claro que estas coisas sempre aconteceram na China, os homens de negócio japoneses sempre souberam aonde ir para encontrar as prostitutas na antiga China. A diferença é que agora os meios de comunicação de massa falam destes assuntos, colocando-os em discussão. Isto se constitui num fator de embaraço e perturbação para um povo de consciência cultural conservadora. Eles não gostam que estas "imoralidades" apareçam nos jornais, eles gostam de modelos heróicos e românticos. Na opinião destes militares provinciais, os líderes atuais estão promovendo uma degradação da imagem da China perante o mundo e perante o povo chinês. Eles preferiam aquele tempo em que os jornais estavam cheios de mentiras. Eles não diziam que eram mentiras, é claro, consideravam que era uma imagem positiva, bons ideais. "Por que mostrar toda esta pornografia ao povo? É este o tipo de coisas que vocês pretendem que nossos filhos aprendam? Mostrem a eles somente o bom e o mais elevado, e escondam o resto."



Houve importantes cisões entre os militares chineses

Estes militares, ligados a um certo tipo de conservadorismo, e com uma consciência tradicional e camponesa, têm uma grande base de apoio. Eles são muito poderosos dentro das Forças Armadas. No passado, eles demonstraram grande habilidade em impedir que outras coisas ocorressem na China, eu não gostaria de subestimar suas habilidades para, no futuro, agirem de maneira semelhante, no sentido de bloquear algumas das melhores tendências que existem na China de hoje. Acho isso perfeitamente possível. No ano passado, os militares em várias regiões, junto

com seus seguidores principalmente, mas não exclusivamente nas áreas rurais, gente do tipo que achel de descrever, sentiram que a democratização estava indo muito longe em termos de expressão individual, e então se colocaram contra a modernização. Seu argumento era de que democracia e modernização eram coisas opostas, que se se tivesse modernização não se poderia ter democracia. Eles tentaram parar o processo de democratização em nome da modernização, e, neste ponto, um líder importante foi forçado a fazer uma viagem a várias regiões militares de modo a tentar persuadir os militares a permitir que esse processo fosse adiante. Parece que este líder teve sucesso na sua missão itinerante; os partidários de Deng Xiaoping novamente tomaram a iniciativa e o processo foi retomado. Entretanto, houve importantes cisões entre os militares: de um lado, os que propugnavam pela democratização porque acreditavam que ela poderia facilitar a modernização (o que indica que a democratização não é vista como um fim legítimo em si mesmo para este grupo, mas apenas algo que tem de ser, por assim dizer, "tolerado" em nome da modernização); de outro, aqueles que simplesmente viam democratização e modernização como opostos. A resposta dos defensores da democratização dentro do grupo dominante foi também muito interessante. Eles tentaram persuadir as Forças Armadas de que os militares tinham algo a ganhar com a democratização. Isto é muito difícil de fazer. A razão pela qual é difícil é que os grupos que têm maior interesse na democratização são os quadros reabilitados, que foram tão brutalmente tratados durante a década da Revolução Cultural. Os militares, praticamente na maioria dos casos, escaparam desta brutalidade, não passaram por esta experiência, suas famílias não sofreram. Eles não vêem, portanto, muita necessidade de se protegerem, pois estavam protegidos no antigo sistema e não se sentem muito comprometidos com a democratização. A estratégia do atual grupo dominante foi transformar o general Pung Da Huai, muito sacrificado durante a Revolução Cultural, num grande herói, explorando o máximo possível o que realmente se passou com ele. Um semanário militar publicou recentemente um artigo (escrito por seus sobrinhos e sobrinhas) em que contam o que aconteceu, como ele foi espancado, chutado e hospitalizado, como as janelas do hospital foram cobertas por folhas de jornal para que a luz não pudesse entrar em seu quarto, como o rádio foi quebrado para que ele não pudesse ouvir nenhum som. Ninguém podia falar com ele, canetas e lápis foram quebrados para que ele não pudesse escrever. Finalmente, o artigo relata como não lhe foi sequer permitido ser enterrado decentemente. Tentou-se tirar o máximo desse caso para persuadir os militares de que isso poderia acontecer a eles também. Entretanto, eu acho muito difícil convencer os militares desses conflitos culturais, modernização e todas estas coisas.

JT — Discutimos ao longo desta reunião uma série de problemas com que se defronta e com que possivelmente se defrontará a República Popular da China nos próximos anos. Gostaria agora de ouvir de vocês uma tentativa de um balanço geral das realizações da sociedade chinesa nos últimos trinta anos, uma avaliação das conquistas básicas deste período.

Benjamin Schwartz — O que eu posso afirmar é que há muita gente que não consideraria nada disso uma conquista... Os chineses estabeleceram um regime que, apesar de tudo o que foi dito aqui, parece ter uma certa legitimidade básica. E "legitimidade" não quer dizer que todo mundo gosta de tudo, mas que, depois de um longo período de lutas no sentido de conseguir estabelecer um Estado centralizado na China, isso foi conseguido. Depois de uma época de grande vulnerabilidade, chegou-se a isto.

Mesmo com a tremenda pobreza do país e com seu imenso tamanho, foi uma conquista ter conseguido, num período de trinta anos, o que poderíamos chamar de uma certa igualdade de distribuição dos bens, mesmo dos mais escassos. Há quem ache isso uma mentira, que jamais existiu na China uma distribuição de bens mais igualitária do que em outras sociedades em desenvolvimento, mas eu acho que se conseguiu algo, igualdade de distribuição a um nível provavelmente muito baixo, mas ainda assim igualdade de distribuição, e não igualdade de pobreza.

Frederick Wakeman — A história da China desde os últimos anos do século passado tem sido a história de uma divisão cada vez mais profunda entre poder político e sociedade, entre Estado e sociedade. Um dos grandes problemas enfrentados desde então foi a impossibilidade de se estabelecer algum controle político sobre a Sociedade. A solução imposta de cima para baixo falhou, e uma das coisas que os comunistas chineses conseguiram — e que considero uma conquista fundamental — foi, a partir das bases, e ampliando por todo o país, conseguir estabelecer um vínculo entre o Estado e a sociedade.

Um outro ponto importante é precisamente aquele que foi mencionado pelo professor Schwartz. Acho que se estudarmos as grandes fomes que ocorreram na China no século XX — 1919, 1920, 1921, 1929, depois 1931, 1943 e finalmente a de 1960/61 — veremos a enorme diferença entre as últimas e as primeiras. Os números não são exatamente precisos, mas a impressão qualitativa com que se fica é de uma crescente habilidade do regime de lidar com o problema das calamidades sociais causadas pela fome. Finalmente, gostaria de frisar o que acho que é a terceira conquista, que é a hidrologia. Os esforços para consertar as obras no rio Amarello ao fim do império Ching falharam completamente, e todo o trabalho hidrológico foi totalmente destruído na segunda guerra com o Japão. Uma das grandes conquistas do governo depois de 1949 foi sua capacidade de mobilizar grande quantidade de mão-de-obra para refazer estes trabalhos, e acho que, a longo prazo, veremos como isso foi fundamental.

Uma boa
lista de
conquistas internas
e externas

Allen Whiting — Gostaria de levantar uma objeção quanto à maneira como a questão foi colocada, porque ela sugere a idéia de um

desenvolvimento linear ao fazermos um resumo globalizante de conquistas de trinta anos. No entanto, os feitos identificados corretamente pelos professores Schwartz e Wakeman foram, na verdade, conquistas realizadas na primeira metade desses trinta anos. Em 1959, essas conquistas já haviam sido classificadas — a meu ver com muita justiça — de "Os Dez Anos Gloriosos", apesar dos equívocos econômicos ocorridos em 1958 e 1959. Erros são inevitáveis, e uma experiência que falha não me parece ser assim uma tragédia tão grande, nas condições de recuperação conseguidas logo depois, em 1962. Assim, se tivermos de fazer uma retrospectiva começando em 1966, teríamos uma boa lista de conquistas internas e externas no sentido da capacidade chinesa

de, por exemplo, ter mantido a segurança de suas fronteiras, de agir independentemente da União Soviética, de ter conseguido pelo menos um começo de capacidade de retaliação nuclear independente da União Soviética, de ter agüentado o embargo econômico imposto pelos Estados Unidos, de ter conseguido firmar sua voz a nível internacional, apesar de não ter sido admitida na Organização das Nações Unidas, de ter, na realidade, derrotado os Estados Unidos na Guerra da Coreia, e de ter impedido que os Estados Unidos fossem até o fim na Guerra do Vietnã.

Se tomarmos os últimos 14 ou 15 anos, comparando-os com o período anterior, então veremos uma série de problemas. Embora possam não ter existido as mortes por fome, somos obrigados a ver que houve sérios erros políticos, erros humanos. É claro que o último período não aniquila as conquistas dos primeiros quinze anos, mas não é possível dizer que se constitui numa fase de conquistas comparáveis às do primeiro período.

Um problema sério: como integrar os vários grupos.

Hong Yung Lee — É interessante que tenhamos estado discutindo apenas as falhas e dificuldades chinesas, possivelmente por que focalizamos nossa atenção nas mudanças ocorridas depois da Revolução Cultural, especialmente as que aconteceram depois da morte de Mao. Apesar das oscilações desse período, se estudarmos o progresso gradual que foi efetivamente obtido nesses 30 anos de regime ditado pelo Partido Comunista Chinês, acho que uma grande conquista, como praticamente todos reconheceram, foi o fato de o Partido Comunista Chinês ter conseguido estabelecer um governo centralizado, eficiente, com capacidade de fazer com que sua política chegasse ao nível das bases, influenciasse politicamente as bases, seguindo, de certo modo, um modelo totalitário. Isso foi uma conquista. Mas, por outro lado, de agora em diante eles vão ter de enfrentar um problema sério, ou seja, como integrar os vários grupos, como coordenar os conhecimentos e a energia des-

ses diversos grupos na tarefa da modernização. Concordo com o professor Whiting quando ele diz que, até agora, o sistema político, ou o governo chinês, foram capazes de proporcionar ao povo o atendimento de suas necessidades básicas.

Edward Friedman — Segundo as estatísticas de que dispomos, a expectativa de vida da população chinesa é de dez anos mais do que em outros países pobres e superpopulosos do terceiro mundo. Quaisquer que tenham sido os horrores que tenham acontecido, os chineses conseguiram chegar ao atendimento das necessidades fundamentais da maioria do povo, estendendo a assistência médica básica por todo o país e tendo hoje uma situação melhor do que a de outros países subdesenvolvidos. A China conseguiu aumentar a vida de seus cidadãos, e se vida é parte de suas conquistas, se a vida dos chineses está se estendendo e se tornando melhor do que em muitos outros lugares, isto é um triunfo, algo por que vale a pena lutar.

Para entender quão valioso é este tipo de conquista, temos de nos lembrar do que é a China. A China é a nação mais populosa do mundo, com mais ou menos um bilhão de habitantes vivendo em um território difícil, onde não há solo fértil suficiente, coisa que se constitui num problema contínuo que a sociedade chinesa terá de enfrentar pelo futuro agora. Trata-se de uma sociedade que, nos cem anos anteriores ao triunfo da revolução, vivia em guerra civil, em estado de caos, de fome endêmica, de êxodos e migrações envolvendo enormes contingentes populacionais numa escala que o mundo provavelmente jamais viu. Quantos milhões de pessoas — dez, vinte — foram vítimas disso?

As vezes, quando eu penso na história da China de uma perspectiva muito ampla, olhando para o passado e para o futuro, vejo as coisas da mesma forma que o professor Wakeman viu, ou seja, no futuro, quando se fizer uma avaliação dos primeiros trinta anos, a conquista fundamental terá sido o fato de os chineses terem conseguido resolver o problema da água e da irrigação, fazendo grandes trabalhos na rede fluvial do país, de modo a impedir novas ondas de fome e proporcionar uma base sólida para o desenvolvimento agrícola. Não há como fazer uma revolução, especialmente num país como a China, uma revolução que tem de ser eminentemente agrícola, sem água para irrigar, para diluir e espalhar fertilizantes químicos. E acho também que uma realização básica da presente geração será ter consolidado a economia nacional chinesa, estabelecendo infra-estrutura básica em diversos setores, inclusive de transportes, coisa que possibilitará um crescimento mais eficiente para vastas porções da sociedade, resultando numa vida muito melhor para o povo chinês.

O primeiro benefício dos 30 anos de revolução chinesa foi a própria revolução. Ela derrubou uma ordem social gerida por um grupo dominante constituído por latifundiários e usuários que, realmente, não dispunham da espécie mais produtiva de capital. Sem esquecer, é claro, dos senhores da guerra...

Se tomarmos isso como base e olharmos para o futuro, talvez fosse possível visualizar um futuro muito diferente do que o previsto até agora, um ótimo futuro, se vocês qui-

serem.

Nível esta discussão a certo grupo dirigente chinês ligado a Deng Xiaoping e que se dedica ao que eles chamam de democratização socialista. Conversei com algumas pessoas de alto nível e nestas conversas tentei explicar porque é que eu julgava impossível uma democratização na China. Eu disse a eles: "Em primeiro lugar, vocês têm um partido leninista-stalinista que simplesmente não vai permitir a democratização; além disso, vocês têm uma ideologia que não vai sequer deixar que vocês pensem no assunto; depois, há o poder dos militares, que não possuem exatamente o que se pode chamar de valores democráticos, e que têm sido os juizes das grandes disputas e das grandes controvérsias que ocorreram na Sociedade chinesa. Assim, não vejo como eles iriam permitir a democratização; além disso, existem vários grupos divididos, consequência da política da década passada, e não consigo imaginar certas pessoas permitindo que outras, que elas odeiam e que gostariam de ver afastadas do governo, mobilizem livremente grupos de apoio, a fim de conquistar o poder e derrubar o grupo dirigente. Quando coloco estes dados todos juntos, mais tudo aquilo que vocês certamente acabariam fazendo, levados pelos acontecimentos, não consigo ver onde sobra algum espaço para qualquer tipo de verdadeira democratização." E toda vez que eu fazia isso obtinha o mesmo tipo de reação: eles ficavam muito chateados comigo, como se eu tivesse esquecido tudo aquilo que supostamente havia aprendido a respeito do funcionamento do sistema chinês e das lições do passado recente, e repassavam uma vez mais todos os horrores da última década dizendo: "Você não entende o quanto é importante para nós que todas essas coisas não se repitam. Pode ser que haja retrocessos, que haja oponentes, mas nós lhe damos nossa palavra de que estamos firmes e não estamos sozinhos, e que esse socialismo que nós criamos haverá de se democratizar."

“Eles estão tentando realizar realmente eleições locais”

Ainda tenho todas essas objeções a fazer, mas existem coisas acontecendo atualmente que são extraordinariamente interessantes. Eles realmente estão tentando realizar verdadeiras eleições locais, com candidatos indicados por grupos não comunistas, com campanhas organizadas começando nas aldeias, nas fábricas e nas universidades. Mas a parte mais interessante disso tudo é como essa política democrática vem sendo planejada e executada. Eles dizem que vão começar a nível local e depois se expandir, mas eles não explicam donde querem chegar. É óbvio que tudo isso é uma questão política, dependendo, inclusive, do que eles vão encontrar pela frente. E sempre que lhes perguntava direta-

mente onde pretendiam chegar, respondiam que talvez ainda não fosse a hora de falar sobre isso, embora sempre deixassem claro que é fundamental evitar o surgimento de uma nova liderança política poderosa constituída por um homem só. Eles pretendem chegar à cúpula, ao poder nacional, essa é a direção maior do movimento. Eu às vezes penso na experiência deles, nesta última dé-

cada como sendo algo semelhante às experiências das guerras religiosas na Europa, há alguns séculos atrás, que resultaram, para muita gente, em uma calorosa adesão à tolerância. Era uma opção verdadeira pela tolerância e pela liberdade que daí decorria. Eles atravessaram o inferno e sabiam que não teriam aquilo por quo haviam lutado era algo terrível para eles, para suas famílias e para a sociedade. Por isso é que eles estão dedicando-se realmente à criação de um tipo muito diferente de ordem política na China.

“Existe uma tremenda oposição a essas mudanças”

Não sei até onde vai isso, mas o argumento dos chineses que defendem essa luta é que, sem eles, sem esse movimento, não haverá modernização. É assim que eles legitimam seu projeto. E se forem bem-sucedidos, estarão aptos a puxar atrás deles uma grande parte da sociedade. Não quero dizer com isso que a luta será fácil. Existe uma tremenda oposição a essas mudanças. Mas o que nos deixa intrigados é que muitos membros de grupos poderosos, que se dizem comunistas, que pertencem a um partido dito leninista, acabaram-se tornando, devido à sua própria experiência, naquilo que eu classificaria de democratas sinceros. Isto é realmente extraordinário, embora não se saiba ainda até que ponto eles poderão chegar.

— Benjamin Schwartz — Concordo com isso. Existe na China muita coisa desse tipo, muito mais do que na União Soviética, em qualquer época, mesmo depois da morte de Stálin. Ao examinar a história intelectual da China antes de 1949, sempre se fez esta pergunta no Ocidente: "Por que o liberalismo fracassou na China?" Com efeito, da perspectiva do presente, seu fracasso não foi tão total como algumas pessoas pensam. Houve uma inteligência que, de uma maneira ou de outra, reteve as regras do jogo, mesmo quando a China se tornou marxista. Talvez se possa argumentar que isso tinha mais a ver com uma certa noção tradicional de direitos, um certo tipo de autonomia moral, do que com o liberalismo, mas o fato é que os membros dessa inteligência nunca desistiram, pelo menos da liberdade de falar. Por exemplo, as controvérsias marxistas dos anos trinta foram, de algum modo, controvérsias livres. As premissas eram marxistas, mas havia a participação de diferentes correntes de pensamento, coisa que ensinou à juventude o res-

peito a algumas regras do jogo. Fica muito claro, quando se pensa nas vicissitudes dos intelectuais a partir de 1949, que eles realmente nunca abandonaram essa idéia, e parece que foram capazes de comunicar de algum modo a membros da geração mais jovem algumas destas preocupações. Ainda que o liberalismo nos moldes clássicos possa não ter ido muito longe na China, ou que a noção de governo parlamentar tenha sido parcialmente derrotada, na verdade algo se incorporou à alta cultura, e isto não foi completamente esmagado pelo maoísmo.

Allen Whiting — Contrariamente a muitas observações pessimistas feitas por mim, sou otimista em relação à sobrevivência institucional do sistema. Não acredito que o comunismo enquanto tal vá desaparecer da China, ou que o Partido Comunista vá ser destituído do poder, a despeito de manifestações esparsas que podem ser detectadas em alguns setores de Pequim, falando sobre revolução, sobre a necessidade de se formar um novo partido, ou sobre a derrubada da classe dirigente. Não vejo estas possibilidades.

Benjamin Schwartz — Ben, tudo depende do que você entende por comunismo. Tenho minhas dúvidas a esse respeito, a respeito de qual seria o papel do Partido no futuro, e se ele não terá que ceder ainda mais. Até que ponto, por exemplo, será possível combinar princípios político-econômicos diferentes e continuar chamando tudo isso de comunismo?

Allen Whiting — Concorde que isto é um grande problema, mas quando mencionei a sobrevivência institucional do sistema, referi-me ao comunismo não como um puro modelo teórico, mas sim ao Partido Comunista enquanto determinante de uma política institucional e enquanto a instituição política predominante na sociedade chinesa.